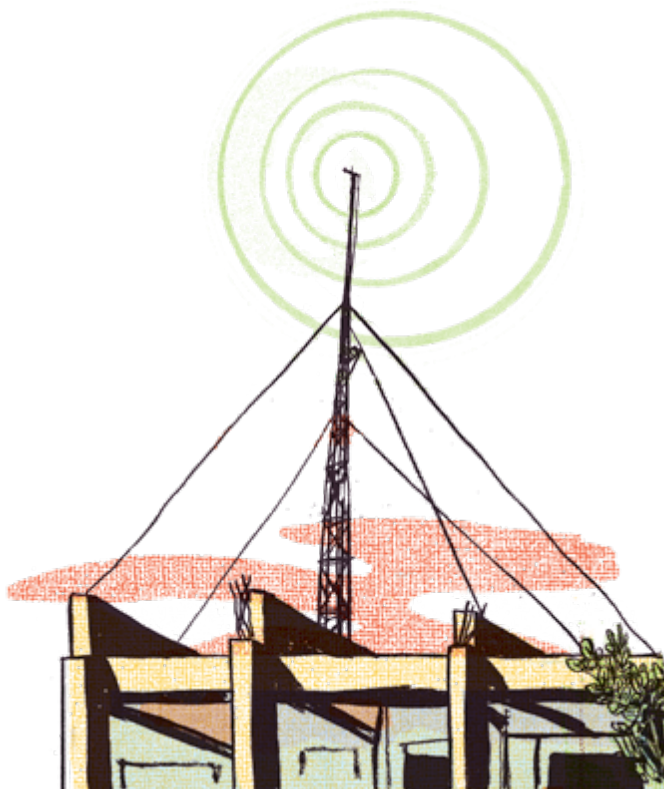


---

# RALACOCO

---

Registros de uma experiência radiofônica livre



**Org. Jairo Faria Guedes Coelho, Juliana Soares Mendes, Milena dos Santos Marra**

Autores: Fernando Oliveira Paulino • Jairo Faria Guedes Coelho • Juliana Soares Mendes  
Leonardo Augusto Carneiro • Marcelo Oliveira Arruda • Mariana Ferreira Lopes • Milena dos  
Santos Marra • Pedro Henrique Pereira dos Santos • Pricilla de Souza Andrade

**Coleção Extensão**



---

# RALACOCO

---

Registros de uma experiência radiofônica livre

Coleção Extensão  
Brasília. Outono 2024



**UnB** Faculdade de  
Comunicação

**Copyright © 2024 by FAC-UnB**

Capa: Diana Salu

Diagramação: Diana Salu

Revisão: Sarita Bitu



## **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte, Brasília - DF,  
CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627. E-mail: fac.livros@gmail.com

### **COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Elton Bruno Pinheiro

Fernando Oliveira Paulino

### **CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO**

Rafiza Varão, Gustavo de Castro e Silva, Elen Geraldês, Janara Sousa, Liziane Guazina,  
Dácia Ibiapina, Luiz Martins da Silva.

### **CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)**

César Bolaño (UFS), Círcia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard Rebouças  
(UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC).

### **CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)**

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo Cimadevilla  
(Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e  
Madalena Oliveira (Portugal).

### **FICHA TÉCNICA:**

**Pesquisadores:** Fernando Oliveira Paulino, Jairo Faria Guedes Coelho, Juliana Soares  
Mendes, Karoline Rodrigues de Moraes, Leonardo Augusto Carneiro, Mariana Ferreira  
Lopes, Milena dos Santos Marra, Pricilla de Souza Andrade e Viviane dos Santos  
Brochardt

**Produção:** Milena dos Santos Marra

**Gestão do projeto:** Carolina Villalobos

**Ilustração, projeto gráfico e diagramação:** Diana Salu

**Revisão de texto:** Sarita Bitu

**Assessoria de comunicação:** Leonardo Augusto Carneiro

# Sumário

**pg. 08** Sumário Expandido

**pg. 14** Prefácio

**pg. 16** Introdução

## Eixo 1 Raízes e Rizomas

**pg. 20** Destrinchando a Educomunicação Comunitária

**pg. 22** Potencialidades para o desenvolvimento de um ecossistema comunicacional crítico, criativo e participativo  
Mariana Ferreira Lopes e Pedro Henrique Pereira dos Santos

**pg. 30** A diversidade foi ocupando a rádio aos poucos  
Entrevista com Pavão Filho

**pg. 37** A Ralacoco dentro do universo das Rádios Livres  
Milena dos Santos Marra

**pg. 48** A gente não é criminoso nem marginal  
Entrevista com Patrícia Galvão

**pg. 54** Rádio, cultura popular e educação: desafios e possibilidades de formação no âmbito da Ralacoco  
Leonardo Augusto Carneiro

**pg. 64** As viagens pelo mundo de Lan Xang e Hom Khao  
Entrevista com Lan Xang e Hom Khao

## Eixo 2

# Participação e Universidade

**pg. 72** Destrinchando as Gerações de Raladeires

**pg. 74** Institucionalização do coletivo e o receio de limitar a liberdade da comunicação  
Juliana Soares Mendes

**pg. 86** Eu entrei na Ralacoco antes de passar no vestibular  
Entrevista com Jacó

**pg. 94** Comunicação Comunitária e ações laboratoriais permanentes  
Fernando Oliveira Paulino, Mariana Ferreira Lopes e Milena dos Santos Marra

**pg. 105** Um intensivão da vida acadêmica  
Entrevista com Nanisca

# Eixo 3

## Tecnologias e Sociabilidades

**pg. 110** Destrinchando os Diferentes Tipos de Rádio

**pg. 112** A juventude ocupou a rádio  
Entrevista com Charles Pilsen

**pg. 119** Os usos sociais das tecnologias radiofônicas  
Pricilla de Souza Andrade

**pg. 133** Bill e Ted salvarão o mundo?  
Entrevista com Bill e Ted

**pg. 142** 20 anos de atuação: da FM ao podcast  
Jairo Faria Guedes Coelho

**pg.155** Edital de podcast renovou a Ralacoco  
Entrevista com Akire

## Anexos

**pg. 162** Carta de Princípios da Ralacoco

**pg. 164** Registros da Rádio em Imagens

# Sumário Expandido

## EIXO 1 - RAÍZES E RIZOMAS

### DESTRINCHANDO A EDUCOMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

#### Potencialidades para o desenvolvimento de um ecossistema comunicacional crítico, criativo e participativo

Mariana Ferreira Lopes

Pedro Henrique Pereira dos Santos

Esse texto introdutório do eixo reflete sobre as características educomunicativas da Ralacoco que marcam o desenvolvimento de seu ecossistema comunicacional. Com base em uma revisão bibliográfica, apresentaremos o protocolo educomunicativo em sua articulação com as lutas sociais e experiências de comunicação popular e comunitária. Entendemos que esse coletivo se configura como espaço de ações e reflexões de uma educação por meio da comunicação no fortalecimento da criticidade, criatividade e participação.

Palavras-chave: Educomunicação; Leitura Crítica; Participação.

#### A diversidade foi ocupando a rádio aos poucos

Entrevista com Pavão Filho

De início, as pessoas negras não estavam na UnB e não sentiam que pertenciam aos espaços participativos da universidade. Com a atuação do Enegrecer e das ações afirmativas, esse cenário mudou, inclusive na Ralacoco.

Pavão Filho esteve na UnB, desde 1998, como estudante, passou por alguns cursos e acabou se encontrando no campo da educação e comunicação. Ele, que sempre foi envolvido com música e movimentos sociais, participou do coletivo Enegrecer e posteriormente chegou à Ralacoco. A sua referência de emissoras e formação musical veio da religião e de sua origem em Rondônia e no Amapá, onde passou metade da vida e ouvia as frequências caribenhas que pegam na região. Hoje trabalha como educador, é bibliotecário e chegou a ser gestor na Secretaria de Cultura do DF.

#### A Ralacoco dentro do universo das Rádios Livres

Milena dos Santos Marra

O texto busca refletir sobre a inserção da Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária (Ralacoco) em redes de rádio livre, visando identificar suas



## Sumário Expandido

aproximações e distanciamentos em relação às noções desse tipo de rádio: tais como o caráter educativo, a horizontalidade e o incentivo à cidadania. Para isso, utilizaremos entrevistas em profundidade realizadas pelo grupo de pesquisa ao longo do ano de 2020.

Palavras-chave: Rádio; Rádios Livres; Mobilização Social; Ralacoco.

## A gente não é criminoso nem marginal

Entrevista com Patrícia Galvão

Uma das primeiras raladeiras, Patrícia Galvão defende descolonizar as ondas das rádios, o pensamento e as subjetividades.

A estudante Patrícia Galvão foi uma das pioneiras da rádio. Ela viu a iniciativa surgir quando assumiu a função de estagiária da emissora da greve dos professores em 2001. Na época, estudava no UniCeub (Centro Universitário de Brasília) e se tornou mãe. Assim, lembra que amamentava o filho no estúdio e afirma que esse era um jeito muito bonito de viver a maternidade e essa experiência libertária de comunicação. Depois da Ralacoco, trabalhou com o tema da saúde indígena e abriu uma famosa casa de cultura em Brasília. Hoje, Patrícia trabalha com o carnaval e criou uma rede de notícias, memórias e informações sobre essa festa. E isso tem tudo a ver com o desejo de ser mais livre e sonhar, entendendo “como as nossas subjetividades todas podem estar materializadas aqui nesse plano, sem uma coisa tão hegemônica, sem uma só voz”.

## Rádio, cultura popular e educação: desafios e possibilidades de formação no âmbito da Ralacoco

Leonardo Augusto Carneiro

O trabalho busca refletir sobre as rádios comunitárias e as possibilidades de formação de profissionais para trabalharem com comunicação e cultura popular e/ou alternativa. Ao explorarmos a prática das oficinas de rádio, por meio de entrevistas em profundidade com os participantes da Ralacoco, nota-se que ela serviu para aproximar a comunidade acadêmica das comunidades locais, promovendo projetos sociais e desenvolvendo a cidadania. Além disso, demonstrou-se a pertinência da rádio comunitária nas trajetórias pessoais e profissionais.

Palavras-chave: Rádio; Rádios Comunitárias; Oficinas de Rádio; Ralacoco.

## As viagens pelo mundo de Lan Xang e Hom Khao

Entrevista com Lan Xang e Hom Khao

Os locutores do programa icônico do coletivo, o LAOS, trazem memórias de um outro tempo da rádio.

No início da Ralacoco, por volta do ano de 2003, Lan Xang e Hom Khao, estudantes de Jornalismo e Publicidade da UnB, tinham um programa de rádio semanal que transmitia músicas do mundo, de diferentes países. Ele era chamado de LAOS, acrônimo para Longe Alquimia das Ondas Sonoras. A proposta era trazer sempre novidades, notícias e música de outros lugares do planeta e que não tocavam nas rádios comerciais. E, para isso, eram convidados frequentes os estudantes intercambistas e pessoas estrangeiras, inclusive de embaixadas. Com inspiração no projeto de comunicação comunitária, os estudantes utilizaram a rádio para experimentar e trazer novas perspectivas de Comunicação. A rádio, à época, era de curto alcance, mas acabou levando seus apresentadores longe em suas carreiras, abrindo portas para além dos muros da universidade e do mundo.

## **EIXO 2 – PARTICIPAÇÃO E UNIVERSIDADE**

### **DESTRINCHANDO AS GERAÇÕES DE RALADEIRES**

Considerando um cenário de conexões e influências múltiplas exercidas e sentidas pela Ralacoco na universidade, olhamos para as suas formas de organização. Refletimos sobre como era seu arranjo, quais tensões a impulsionam para frente e quais eram as visões de mundo que justificam as diversas propostas para a emissora. Esses pensamentos se alteraram ao longo do tempo e das gerações de raladeires. Entendemos as gerações de acordo com as características que foram dominantes em um período, independentemente do número de anos que se passaram. Nesse texto, apresentaremos as diferenças entre elas em uma tabela.

### **Institucionalização do coletivo e o receio de limitar a liberdade da comunicação**

*Juliana Soares Mendes*

O coletivo da Ralacoco foi fundado em 2001 a partir da mobilização de jovens que transferiram a rádio comunitária da greve da ADUnB (Associação dos Docentes da Universidade de Brasília) do prédio Multiuso para o CaCom (Centro Acadêmico de Comunicação). De uma organização com um propósito explícito de apoiar as demandas dos professores grevistas, a emissora foi ocupada por estudantes (e eventualmente professores e comunidade externa) com o desejo de tocar suas músicas e promover debates (sobre o movimento estudantil, esporte e pautas identitárias que se fortaleciam na época na universidade). Essa mobilização mais espontânea e pautada por uma comunicação livre, aos poucos, enfrentou questões (relacionadas à necessidade de apoio, recursos e continuidade) que a conduziram para a institucionalização. Os conflitos entre os dois processos, institucionalização e liberdade, fizeram-se presentes em diferentes momentos da história da Ralacoco.

## Sumário Expandido

Palavras-chave: Rádio Livre; Institucionalização; Organização; Mobilização Social.

### **Eu entrei na Ralacoco antes de passar no vestibular**

Entrevista com Jacó

O estudante que fez seu TCC sobre a relação da rádio com a educomunicação, de início, participou da emissora porque buscava uma vivência profissional.

Jacó se formou em Jornalismo e Música pela UnB. Também iniciou o curso de Japonês, mas não o concluiu. Atualmente trabalha como músico e professor de Música. Ao lembrar da experiência com a Ralacoco, emociona-se e compara o coletivo a uma república. “As pessoas não eram obrigadas a fazer nada, mas naturalmente tinham que assumir algumas tarefas para que o arranjo funcionasse.” Esse raladeiro passou 5 anos no coletivo e, ao final, entregou um produto multimídia que registrava o dia a dia da rádio.

### **Comunicação Comunitária e ações laboratoriais permanentes**

Fernando Oliveira Paulino, Mariana Ferreira Lopes e Milena dos Santos Marra

As ações laboratoriais permanentes executadas na disciplina de Comunicação Comunitária surgem atreladas à Ralacoco. Nesse sentido, esse trabalho traz um relato de experiência das atividades desenvolvidas na disciplina, de 2002 até os dias atuais, como fruto da mobilização dos(as) estudantes, professores(as) e comunidade envolvidos na Rádio. Conclui-se que o trabalho realizado cumpre papel formador importante, possibilitando que graduandos e pós-graduandos encontrem oportunidades que aliem reflexões teóricas, ações práticas e atividades existenciais.

Palavras-chave: Ralacoco; Comunicação Comunitária; Ações Laboratoriais, Mobilização Social.

### **Um intensivão da vida acadêmica**

Entrevista com Nanisca

Ao resgatar a história e dar vida nova para a rádio a partir de 2014, Nanisca aprendeu muito e ensinou também com as oficinas multimídias

Nanisca é uma mulher negra de pele clara e periférica. Formada em Comunicação pela UnB, é uma jornalista que trabalha com e para os Direitos Humanos. Já trabalhou no Alma Preta Jornalismo e no portal Metrôpoles, nas Nações Unidas e no Congresso em Foco. Ela foi uma das lideranças da retomada da Ralacoco por volta de 2015 e participou de diversas oficinas, apresentando programas e liderando o estúdio em uma época de intensa mobilização. Ela lembra do estilo de produção “faça-você-mesmo”. O resultado eram roteiros e entrevistas que representavam seus criadores.

## **EIXO 3 - TECNOLOGIAS E SOCIABILIDADES**

### **DESTRINCHANDO OS DIFERENTES TIPOS DE RÁDIO**

A tecnologia, tema dominante desse eixo, é um dos elementos que define os diferentes modos de se fazer rádio. A partir dela, é possível enxergar os limites e potenciais dos aparelhos, propondo arranjos de como melhor produzir para o público. No entanto, ela é uma mediação entre o desejo de comunicar. Portanto, para além do equipamento, existem os princípios e desejos dos envolvidos, que definem as finalidades, as linhas editoriais e as motivações de uma rádio. No texto, descreveremos algumas categorias de emissoras.

#### **A juventude ocupou a rádio**

Entrevista com Charles Pilsen

Charles Pilsen lembra da curtição de gravar entrevistas em fitas cassetes e tocar as músicas que não passavam nas rádios comerciais.

O então estudante de Letras da UnB Charles Pilsen ajudou a levar o transmissor para a Faculdade de Comunicação, ajudando na formação da Ralacoco em 2001. Os avanços tecnológicos foram enormes. Na época, o gravador de fita cassete era o equipamento para fazer entrevistas e montar os programas. Diferentemente das emissoras da época, que apenas tocavam músicas comerciais e praticamente não se escutava uma voz humana, os locutores da Ralacoco falavam de política, movimento estudantil, esporte e muito mais. Charles continuou ativo até 2006, quando fazia narrações esporádicas de jogos de futebol de noite na universidade.

#### **Os usos sociais das tecnologias radiofônicas**

Pricilla de Souza Andrade

O texto reflete sobre os usos sociais do rádio por meio de suas transformações no âmbito das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e aciona o conceito de Tecnologia Social (TS) para as atividades desenvolvidas no projeto Ralacoco. Para isso, utiliza-se de uma Pesquisa Exploratória (Gil, 2008) que atravessa o contexto experimentalista das atividades e experiências no projeto radiofônico da Ralacoco.

Palavras-chave: Rádio; Pesquisa Exploratória; Ralacoco; Tecnologia Social.

#### **Bill e Ted salvarão o mundo?**

Entrevista com Bell e Ted

Esses são os nomes fictícios de dois raladeiros responsáveis por desenvolver o

## Sumário Expandido

Dissonante, servidor de rádio web instalado na Ralacoco Bill e Ted entraram na Ralacoco no ano de 2003, fizeram programas e participaram ativamente das reuniões do coletivo da rádio. Também mergulharam em outras atividades de mobilização. Em 2007, criaram o servidor Dissonante como alternativa para transmissão da rádio, e de outras iniciativas, pela internet. Um é mestre e o outro, doutor, e ambos atuaram como professores da disciplina Comunicação Comunitária da UnB. São atualmente servidores públicos: um trabalha como jornalista em uma empresa pública de comunicação e o outro, com assessoria de comunicação em órgão ligado à ciência.

## 20 anos de atuação: da FM ao podcast

Jairo Faria Guedes Coelho

O texto descreve parte da história da rádio Ralacoco focalizando-se em fatos e discursos relacionados às transformações tecnológicas de transmissão ocorridas nas diversas fases de atuação da rádio. Também mostra relações estabelecidas entre integrantes do coletivo a partir da utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O estudo analisa ferramentas e processos realizados em 20 anos de Ralacoco. Para isso, utiliza-se de entrevistas em profundidade realizadas com atores participantes do processo e de trabalhos acadêmicos que tiveram como objeto atividades da Ralacoco, bem como considera memórias pessoais e experiências do autor com a iniciativa.

Palavras-chave: Ralacoco; Tecnologias de transmissão; Tecnologias Sociais; Tecnologias de Informação e da Comunicação; Rádio Livre.

## Editais de podcast renovou a Ralacoco

Entrevista com Akire

A ideia, executada por extensionistas como a Akire, gerou programas sobre a UnB, música, antropologia, educomunicação e a realidade indígena.

Diferentemente das gerações passadas do coletivo, os universitários tinham acesso a mais recursos e tecnologia para propor novos formatos, em 2018, para além das ondas de rádio. Participando da Ralacoco, Akire se juntou a outros estudantes para escrever e lançar um edital de fomento ao podcast. Cinco grupos se inscreveram, recebendo oficinas sobre locução, roteiro, edição e redes sociais. Os temas eram variados, passando por notícias sobre a universidade, música, antropologia, educomunicação e a realidade indígena. Alguns programas, como o UnBcast e o Voz Indígena, criaram vida própria a partir do apoio do estúdio da Ralacoco.

# Prefácio

Maria Clara Xavier

Nós somos “início, meio e início”, essa expressão cunhada por Nego Bispo<sup>1</sup> reflete muito o conteúdo das páginas a seguir. Memórias de um projeto que tem uma longa e bonita história, com muito fôlego para continuar escrevendo suas linhas.

Pude acompanhar, de maneira próxima, em quase todo sábado (por mais ou menos quatro anos), o trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão Comunicação Comunitária em Planaltina-DF e, conseqüentemente, o trabalho da Ralacoco. Foram muitas manhãs de sol, em ações práticas de diálogo com as comunidades locais, em formações acaloradas e intensas oficinas de educomunicação.

O projeto da Ralacoco impulsionou bastante o trabalho que estava em desenvolvimento na Rádio Comunitária Utopia FM e em outros grupos e coletivos da cidade. As pessoas se movimentaram. Moradoras e moradores de diferentes comunidades, víamos donas de casa escrevendo matérias no jornal do seu bairro, estudantes de oito e dez anos formulando pautas para programas radiofônicos, jovens estudantes dos ensinos fundamental e médio nas ruas entrevistando moradores e comerciantes sobre questões ambientais e culturais em seus territórios.

Nós ouvíamos vozes diferentes todos os dias no rádio, ouvíamos a alegria das pessoas em estarem ali, no estúdio, narrando suas experiências, lendo seus poemas, transmitindo suas ideias e escolhendo suas músicas. Foi marcante e extremamente potente para alguém que, de alguma maneira, vivenciou esse processo, a partir das trocas, reflexões e propostas construídas coletivamente em cada encontro. Reviver tudo isso nas

1 Quilombola do quilombo Saco-Curtume, no município de São João do Piauí/PI, pesquisador, palestrante e escritor, expressa em suas ideias as vivências e aprendizados em comunidade, a partir de uma cosmovisão enraizada nos saberes dos povos tradicionais.

## Prefácio

páginas deste livro traz muitas emoções, traz a essência do “fazer” comunicação comunitária, que é oportunizar às pessoas que elas mesmas contem suas histórias, sejam ouvidas e sintam-se valorizadas.

No projeto da Ralacoco coube (e cabe) muita gente. Coube criança pequena de quatro anos que acompanhava sua mãe nas oficinas. Couberam os estudantes e as estudantes das escolas públicas, que escolhiam as temáticas que desejavam abordar na rádio. Couberam o trabalhador e a trabalhadora, que, ao longo da semana, desenvolviam outra função, mas, uma vez por semana, estavam ali fazendo educomunicação.

Couberam pessoas mais velhas, que se sentiam pertencentes e acompanhavam muitas visitas de campo. Um projeto que me acolheu, acolheu a minha mãe, a minha avó e a minha filha. Muitas gerações e suas subjetividades. Tudo isso porque a Ralacoco saiu do espaço universidade, ganhou as ruas, as cidades, chegou a Planaltina, ao Paranoá, à Fercal e em outros tantos lugares do Distrito Federal.

Um dos ex-diretores e precursor da Rádio Comunitária Utopia FM sempre dizia que ela é uma “Rádio Livre e Livradeira”, trazendo um certo sentido de benzimento, de livrar dos maus agouros da vida quem dela fazia parte. O que de fato acontecia, ao encontrarmos na coletividade maneiras de resistir aos absurdos e às desigualdades tantas do mundo. E assim também foi, é e continuará sendo a Ralacoco, “Rádio Livre e Livradeira”, um projeto de ideias, pensamentos, passos e voos livres, para que quem dele fez ou faça parte também o seja, livre!

Bons voos, boa dança com as palavras e ótima leitura!

# Introdução

Mais de duas décadas se passaram desde o surgimento da Ralacoco. Adaptações, transformações, novas ideias e até crises marcaram esse grupo, que hoje se apresenta com características diferentes de sua origem em 2001, porém muito próprias da contemporaneidade e das tecnologias disponíveis.

E diversas iniciativas se desenvolveram a partir dessa história. Entre elas, o grupo de pesquisa Comunicação Comunitária e Cidadania. Entre idas e vindas, poucos meses antes da pandemia de 2021, houve uma renovação dessa equipe, reunindo integrantes que agora caminhavam por diferentes etapas de formação, todos eles interessados em temas de comunicação comunitária, livre, educativa e alternativa. Logo, começamos nossas leituras e debates passando por textos de nomes de peso da área, como Maria da Glória Gohn, Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, José Geraldo de Sousa Junior, entre vários outros.

No momento de selecionar um objeto para a pesquisa em conjunto, ficou evidente que tínhamos uma oportunidade na nossa frente, com um acesso ímpar em relação a outros investigadores. A Ralacoco não era apenas a semente que gerou o grupo de pesquisa mas também vários integrantes participaram da iniciativa em algum momento.

O primeiro passo foi ler sobre metodologias e formas de se fazer entrevistas. Uma vez que o objetivo era buscar as memórias e os relatos orais de pessoas que participaram da rádio, membros da rádio (a quem neste livro denominamos de *raladeires*<sup>2</sup>), nosso desejo era criar um roteiro de perguntas aberto e semiestruturado. Após um primeiro teste, revisamos o instrumento e o dividimos em assuntos gerais, a saber: experiência; produção e tecnologia; e institucionalização na universidade. O esforço, a partir daí, foi de buscar entrevistados que tivessem perfis distintos para reunir perspectivas de diferentes ângulos sobre a Ralacoco. Conversamos com pessoas que ocupavam frequentemente os espaços de decisão do coletivo, com aquelas que faziam programas e dedicavam o tempo para produzir conteúdo de qualidade, com outras



## Introdução

que tinham mais conhecimento técnico e se envolveram com os vários consertos do transmissor e com raladeires que constituíam a “Comissão Mauricinho”, que procurava formas de obter a outorga para a rádio.

Se de início a emissora teve esse pedido negado, com a evolução da tecnologia, surgiram outras formas de fazer rádio (seja via *web*, *podcast*, ministrando oficinas e cursos, participando de encontros autogestionados etc.). Para garantir a segurança das pessoas entrevistadas, não as identificamos nos artigos e substituímos seus nomes nas entrevistas por codinomes. Alguns desses pseudônimos eram aqueles usados durante os programas radiofônicos, uma pista inclusive da irreverência de raladeires. Essas pessoas se acostumaram com o “faça-você-mesmo”, que era traduzido em gambiarras, em aprender como operar os equipamentos e assumir o protagonismo da própria comunicação. E essa transmissão ganhou vários qualificadores: livre, comunitária, independente, alternativa, educativa e mobilizadora.

Tentamos entender quais eram as linguagens e formatos utilizados na rádio. Ainda nos interessamos pelos impactos que raladeires tiveram na universidade e na comunidade mais ampla. Descobrimos, por outro lado, os efeitos da Ralacoco na vida de seus integrantes, como essa rádio ainda ecoa nos dias de hoje.

Neste livro, os temas estão divididos em três eixos: *Raízes e Rizomas*, *Participação e Universidade* e *Tecnologias e Sociabilidades*. Cada uma dessas partes possui uma pequena apresentação. Por ora, adiantamos que a seção *Raízes e Rizomas* apresenta noções de Educomunicação e de Comunicação para a Mobilização Social. Em *Participação e Universidade*, exploramos as relações da rádio com outros coletivos e sua presença dentro da Universidade de Brasília (UnB). *Tecnologias e Sociabilidades* reflete sobre como o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas tem dialogado com as práticas da Ralacoco nos seus mais de 20 anos de existência.

Os capítulos são compostos por artigos em forma de ensaios e entrevistas em formato pingue-pongue com raladeires, realizadas no decorrer da pesquisa. Na abertura de cada eixo, você encontrará pílulas de conteúdo e informações complementares relacionadas aos assuntos em questão. Esse material foi produzido pela equipe de pesquisa com o apoio inclusive de

colaboradores de nossa rede de contato, que enviaram textos para o livro.

Finalizamos esta introdução pontuando que foi uma experiência diferente e desafiadora realizar grande parte da pesquisa em época de pandemia. As reuniões eram *on-line* e as entrevistas, também. As ferramentas de videoconferência nos permitiram gravar as conversas para posterior transcrição. Entendemos que lançamos luz em alguns momentos estratégicos do coletivo. No entanto, essa pesquisa não exaure todo o conteúdo e há espaço para mais investigações, livros, revistas e conteúdo multimídia sobre a Ralacoco.

Convidamos você a mergulhar nessa história. Leia, escute e faça comunicação. Sejam livres!

## **Destrinchando a Educomunicação comunitária**

Os ensaios deste eixo conectam a Ralacoco às raízes que a definem dentro de um ecossistema maior. Existem inúmeros conceitos para descrever o tipo de comunicação promovido pela Ralacoco e outros







# Raízes e Rizomas

grupos que interagem com o grupo. Podemos falar em comunicação livre, comunitária, cidadã, alternativa e contra-hegemônica, para nomear apenas alguns termos que apontam para um ideal e uma forma de fazer rádio. Ou seja, conceitos que podem auxiliar na compreensão da Ralacoco se referem à associação entre comunicação e educação. Nesse sentido, abrimos esse eixo com um texto sobre educomunicação.

## **Potencialidades para o desenvolvimento de um ecossistema comunicacional crítico, criativo e participativo**

**pg.  
22**

### **Potencialidades para o desenvolvimento de um ecossistema comunicacional crítico, criativo e participativo**

Mariana Ferreira Lopes

Pedro Henrique Pereira dos Santos

**pg.  
30**

### **A diversidade foi ocupando a rádio aos poucos**

Entrevista com Pavão Filho

**pg.  
37**

### **A Ralacoco dentro do universo das Rádios Livres**

Milena dos Santos Marra

pg.  
48

**A gente não é criminoso  
nem marginal**

Entrevista com Patrícia Galvão

pg.  
54

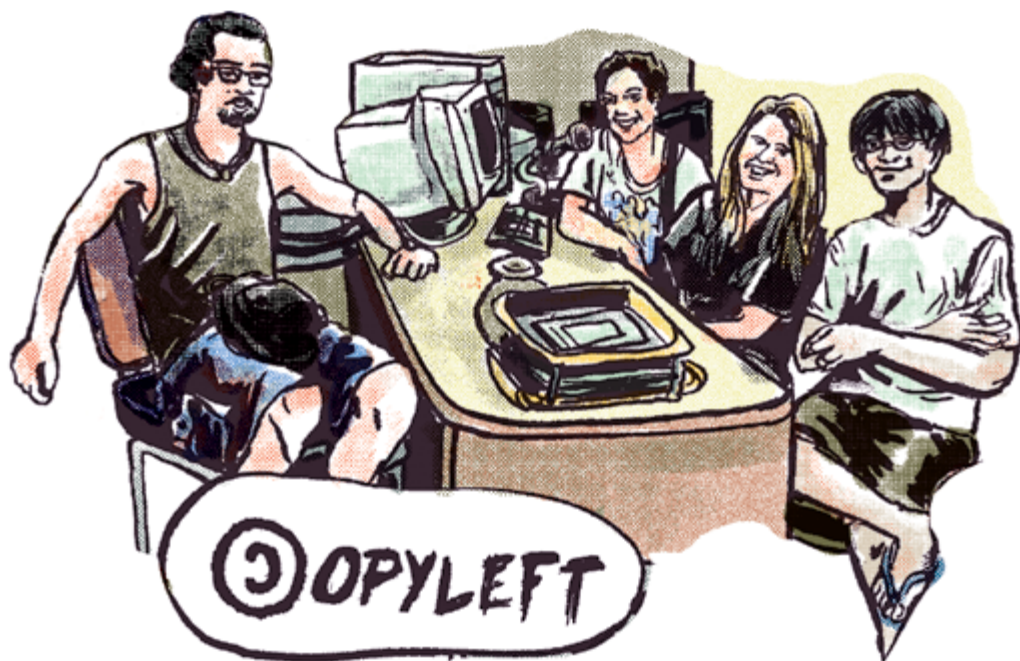
**Rádio, cultura popular e educação:  
desafios e possibilidades de  
formação no âmbito da Ralacoco**

Leonardo Augusto Carneiro

pg.  
64

**As viagens pelo mundo de  
Lan Xang e Hom Khao**

Entrevista com Lan Xang e Hom Khao



**Mariana Ferreira Lopes<sup>3</sup>**  
**Pedro Henrique Pereira dos Santos<sup>4</sup>**

À interface entre os campos da Comunicação e Educação são atribuídas diferentes nomenclaturas, apontando a pluralidade de objetivos, de métodos e do próprio entendimento de tais áreas. Longe de buscar esgotar as discussões sobre os marcos teóricos e metodológicos dos diversos delineamentos dados a esse campo de interface, este texto visa, ainda que brevemente, reconhecer o caráter educomunicativo articulado às práticas de ensino, pesquisa e extensão na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e na Ralacoco. Para isso, sustentamos as considerações aqui construídas na revisão bibliográfica e na reflexão das potencialidades e possibilidades pelas vivências na Ralacoco por meio da observação participante (PERUZZO, 2009) nas atividades de Extensão Universitária junto ao Programa de Extensão de Ação Contínua Comunicação Comunitária e na disciplina de Comunicação Comunitária, ambos na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília entre 2020 e 2023.

### **Sobre as relações entre Comunicação e Educação**

Um importante marco a se considerar nas construções da interface entre Comunicação e Educação é a experiência do jornal escolar realizado pelo pedagogo francês Célestin Freinet ainda nas primeiras décadas do século XX. Em um contexto particular – marcado tanto pelas condições de saúde do professor, um ex-soldado da 1ª Guerra Mundial, como pela própria crítica aos métodos de ensino vigentes – Freinet propôs uma pedagogia pela comunicação, ou melhor, pela prensa escolar utilizada como processo para o fortalecimento da expressão criativa dos estudantes, da reflexão sobre a realidade, da experiência, do espírito socializador e colaborativo. Textos livres, pautados pelo cotidiano das crianças,

---

3 Doutora em Comunicação, é professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Integra a diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã – ABPCom e os grupos de pesquisa relacionados à Comunicação e Cidadania. E-mail: [flopes.mariana@gmail.com](mailto:flopes.mariana@gmail.com).

4 Mestrando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, pesquisa sobre Comunicação Organizacional, Cultura, Diversidade de Raça e Relações de Poder. Bacharel pela UnB. E-mail: [correopedrodebrasil@gmail.com](mailto:correopedrodebrasil@gmail.com).

eram produzidos e publicados diariamente e ainda intercambiados com estudantes de outras localidades, promovendo um diálogo sobre outras realidades em um rico processo de expressão e de escuta (Freinet, 1974).

Do linotipo às múltiplas telas, que cada vez mais fazem parte da experiência de ser e estar no mundo de crianças, adolescentes e jovens, as relações entre Comunicação e Educação nos conduzem à importância do fortalecimento de competências e habilidades em torno da criticidade, da participação e da criatividade e, por consequência, da cidadania comunicativa desse público em especial. A popularização da internet ressalta a figura do *prosumer* – termo em inglês para delimitar aqueles que engajam e produzem conteúdos, interferindo assim nos processos midiáticos, no uso das plataformas digitais e no relacionamento com as organizações. Vários autores se debruçaram em revisar teoricamente e aprofundar o diálogo intercultural nessa convergência gerada a partir da relação dos *prosumers*, ainda muito antes das características do ambiente midiático e tecnológico que temos hoje, a exemplo de Marshall McLuhan e Barrington Nevitt (1972) no livro *Take Today: the executive as dropout*.

Ainda na década de 1980, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), na Declaração de Grünwald, reivindicou aos sistemas educativos e políticos a promoção da compreensão crítica do fenômeno comunicacional na cultura contemporânea pelos cidadãos de todos os níveis educacionais em programas de mídia-educação voltados à análise de conteúdos midiáticos, à expressão criativa e à participação (Unesco, 1982). Quarenta anos depois, a entidade, em suas recentes proposições, aborda o conceito composto de alfabetização midiática e informacional que envolve diferentes tipos de competência, estendendo-se do acesso às notícias à alfabetização em mídias sociais (Wilson, 2013).

Acerca das competências que envolvem a educação midiática, Ferrés (2007) elenca seis dimensões: linguagem, tecnologia, processos de interação, processos de produção e difusão, ideologia e valores e, por fim, estética. Ruiz, García e Rosell (2014) realizaram uma pesquisa com base nas dimensões propostas por Ferrés com estudantes espanhóis do Ensino Fundamental e Médio a fim de compreender se havia uma escassa competência dos alunos em relação aos meios de comunicação. A partir dos métodos empregados, os autores chegaram à conclusão que, de

fato, em todas as etapas escolares, as crianças e os jovens não apresentaram o índice considerado ótimo – direcionado à cidadania responsável e à formação do comportamento ético e moral. Os autores ponderam a necessidade de inclusão de propostas de interface entre Comunicação e Educação no currículo escolar.

Já os pesquisadores Scolari, Masanet, Guerrero-Pico e Establés (2018), por sua vez, analisaram as mudanças sociais propiciadas pelas tecnologias digitais, com o objetivo de entender como as novas gerações utilizam e como aprenderam a utilizar as ferramentas tecnológicas, levando em consideração que os sistemas midiáticos estão em constante adaptação. O estudo, que envolveu mais de 30 cientistas, a partir de um trabalho de campo realizado em escolas com jovens na faixa etária de 12 a 18 anos na Austrália, Colômbia, Finlândia, Itália, Portugal, Espanha, Reino Unido e Uruguai, revelou que nem todos os nascidos nos anos 2000 sabiam usar adequadamente todas as competências necessárias ao mundo digital.

Em síntese, as duas pesquisas são pertinentes ao enfatizar a importância dessa temática, pois destacam os desafios e as lacunas para a formação das crianças e dos jovens nos âmbitos de ensino formal, no caso a escola – entre outras instituições –, e informal, a exemplo dos meios de comunicação. Tais resultados convergem para um ponto de vista comum que se baseia em como superar tais defasagens sob a óptica de um mundo cada vez mais globalizado, sem perder de vista a relevância do senso crítico a respeito do que é produzido e consumido. As ações e reflexões na interface entre Comunicação e Educação, portanto, têm um caráter essencial devido ao seu impacto na transformação social desses indivíduos enquanto cidadãos.

### **Uma mirada educacional**

Na América Latina, igualmente são múltiplas as apropriações sobre a interface entre Comunicação e Educação. O que nos interessa aqui é olhar para o desenvolvimento de uma perspectiva que carrega no bojo de suas concepções sobre esses campos de origem o que Kaplún (2002) caracteriza como modelo com ênfase no processo. Isto é, o desenvolvi-



mento permanente dos sujeitos que, ao se educarem entre si, vão construindo o conhecimento – tomando por base a noção de educação de Paulo Freire –, que se fundamenta também nas dinâmicas de grupo, no contexto como eixo central de aprendizagem, nos valores comunitários e solidários. Nesse sentido, o entendimento da participação dos sujeitos educandos no processo educativo, na escola, na família e na comunidade, enquanto escala microssocial, constrói o caminho para a participação social em uma esfera macro. Aspecto este essencial para a conjuntura social e política dos regimes ditatoriais das décadas de 1960 a 1980 no continente e que sabemos seguir necessário atualmente diante dos recentes episódios de ações antidemocráticas e perdas sistemáticas de direitos que vivenciamos no Brasil.

O desenvolvimento de tal perspectiva é nomeada por Ismar de Oliveira Soares como protocolo educomunicativo, que emerge das particularidades, tensionamentos e contradições sobretudo sul-americanos na segunda metade do século XX, caracterizando-se como

parte da luta do Movimento Social pela universalização do direito à comunicação, trabalhando para garantir a todos os sujeitos sociais, pela educação, o ‘acesso à palavra’, tradicionalmente negado aos mais pobres e excluídos. O foco desta vertente não é a mídia em si, mas o processo comunicativo em toda sua abrangência. (Soares, 2014, p.18)

Importante compreendermos que o processo comunicativo aqui não é alusão aos modelos amplamente abordados nos cursos de Teorias da Comunicação, mas sim à “comunicabilidade processual [...], quando a comunicação não é vista apenas como transmissão de conteúdos, mas como comportamento coordenado que flui numa interação intermediada por linguagens” (Peruzzo, 2022, p. 134). Ou seja, trata-se de um entendimento de comunicação que remete “[...] às dinâmicas amplas de mobilização, organização e ação coletivas atravessadas por uma comunicação que é necessariamente dialógica [...]” (IDEM, p. 134). Tal protocolo está na origem do campo de intervenção denominado educomunicação (Soares, 2000), entendido como um “conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de ecossistemas comunicativos abertos e criativos, em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão de todos os membros da comunidade educativa” (Soares, 2011). Para isso, são levantadas como

áreas de atuação a expressão comunicativa por meio das artes, a mediação tecnológica, a pedagogia da comunicação, a gestão da comunicação nos espaços educativos, a educação para a comunicação e a própria reflexão epistemológica sobre esse campo. Reforçamos nessa conceitualização que a comunidade educativa não é necessariamente a escola, englobando outros espaços e momentos em que processos educativos e formativos ocorrem espontaneamente ou intencionalmente, tais como movimentos sociais e experiências de comunicação popular e comunitária.

Ketzer e Rosa (2017, p. 120) ressaltam “o potencial da comunicação desenvolvida nessas conjunturas de mobilização à educação para a cidadania, na medida em que a pessoa torna-se sujeito das atividades de comunicação”. Tendo em vista que a mídia ainda ocupa um importante espaço de ser um meio de educação informal – a partir de um senso crítico, espera-se que a pessoa envolvida nesse processo possa reformular ainda mais a maneira como vê o mundo e se relaciona com ele, agregando novos elementos à sua cultura (Peruzzo, 2013).

## O ecossistema comunicativo da Ralacoco

Da criação da então Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária, contada em outros momentos deste livro, às experimentações atuais do Estúdio Ralacoco, as vivências nesse espaço formativo orbitam em torno de uma educação pela comunicação não muito distante do método do jornal escolar de Freinet e muito próxima à mediação educacional característica das experiências de comunicação popular e comunitária. O fazer comunicacional proporcionado pelas produções radiofônicas diversas reflete uma aprendizagem não apenas dos códigos e técnicas comunicacionais, mas, sobretudo, da cidadania comunicativa que engloba do direito à comunicação e mobilização social à relação entre sujeitos e realidade, no reconhecimento de sua capacidade expressiva e de sua vocação ontológica transformadora.

A Ralacoco, por meio da atuação das diferentes pessoas que dela se apropriam e a ressignificam e de seu caráter educomunicativo, cria um ecossistema comunicacional dialógico e aberto, marcado pelo desenvolvimento da criticidade, participação e criatividade. Na riqueza desse ecossistema está a interação entre sujeitos educandos e educadores diversos: comunidade acadêmica da Universidade de Brasília; comuni-

cadres populares e ainda participantes de projetos que se apropriam desse espaço. Identidades e vozes plurais que fazem dos processos educacionais um momento de ação e reflexão sobre as condições de ser e estar no mundo.

Projetos recentes como Nossas Vozes<sup>5</sup> demonstram a potencialidade da Ralacoco como terreno para a construção de discussões em torno da identidade, do pertencimento, das condições sociais e, não menos importante, da liberdade criativa dos sujeitos que dela participam. Mais um exemplo atual são as produções articuladas à disciplina de Comunicação Comunitária, que buscam mapear e contar a história de experiências de comunicação popular, alternativa e comunitária no Distrito Federal e Entorno por meio de entrevistas com comunicadores/as populares e representantes de projetos, movimentos e coletivos locais<sup>6</sup>.

Ademais, esse ecossistema tem a particularidade de se desenvolver em uma universidade pública, um espaço fértil para que se assuma o compromisso do profissional com a sociedade defendido por Paulo Freire: um comprometimento solidário com a humanização do ser humano, que se torna possível à medida em que nos percebemos como capazes de refletir e de agir no mundo, Pois, assim, “quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural que é de todos e ao qual todos devem se servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens

5 Projeto de extensão realizado pelo PEAC ComCom em parceria com o Polo de Extensão do Paranoá e Gerência de Atendimento em Meio Aberto (Geama), instituição vinculada à Subsecretaria do Sistema Socioeducativo da Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal (DF). As atividades são desenvolvidas com adolescentes em conflito com a lei, visando fortalecer o pleno usufruto do direito à comunicação e liberdade de expressão, bem como a conscientização crítica sobre o universo comunicacional. Em 2022, foram produzidas mídias sonoras com os participantes em atividades no estúdio da Ralacoco.

6 A iniciativa teve início com o Trabalho de Conclusão de Curso da egressa de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Talita Souza, que desenvolveu o *podcast* Satélites Auto-Falantes. A segunda e a terceira temporada do produto foram, então, desenvolvidas pelos estudantes da disciplina de Comunicação Comunitária de 2022/02 e 2023/01 e serão disponibilizadas nos canais da Ralacoco nas plataformas de *streaming* de áudio.

[seres humanos]” (Freire, 2011, p. 25). Diante desse compromisso, é preciso garantir que o ecossistema comunicacional desenvolvido pelas ações e reflexões educomunicativas características da Ralacoco siga marcado pela rica diversidade de vozes e pensamentos no fortalecimento da criticidade, participação e criatividade.

## Referências bibliográficas

FERRÉS, Joan. **La competencia en comunicación audiovisual: dimensiones e indicadores**. Revista Comunicar, 29, 100-107, 2007. Disponível em: <<https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=29&articulo=29-2007-17>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

FREINET, Célestin. **O Jornal Escolar**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GARCÍA, Antonia Ramírez; ROSELL, María M. Rodríguez; RUIZ, Rosa García. Media Literacy Education for a New Prosumer Citizenship. **Educación en alfabetización mediática para una nueva ciudadanía prosumidora**. Revista Comunicar, 22(43), 15-23, 2014. Disponível em: <<https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=43&articulo=43-2014-01>>. Acesso em: 15 ago. 22.

KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogía de la comunicación** (el comunicador popular). La Habana: Editorial Caminos, 2002.

KETZER, Araciele Maria; ROSA, Rosane. In: SOARES, Ismar de Oliveira, VIANA, Claudemir Edson, XAVIER, Jurema Brasil. **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017. Disponível em: <<https://portolivre.fiocruz.br/educomunica%C3%A7%C3%A3o-e-suas-%C3%A1reas-de-interven%C3%A7%C3%A3o-novos-paradigmas-para-o-di%C3%A1logo-intercultural>>

NEVITT, Barrington; MCLUHAN, Marshall. **Take today: The executive as dropout**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

PERUZZO, Cíclia Maria Krohling. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 2, n. 2, p. 205–228, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v2i2.22855. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22855>>. Acesso em: 5 set. 2022.

PERUZZO, Cíclia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em**

**Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2009, p. 125-145.

PERUZZO, Cíclia Maria Krohling. **Pedagogia da Comunicação Popular e Comunitária nos Movimentos Sociais.** Porto Alegre: Sulina, 2022.

SCOLARI, Carlos Alberto; MASANET, Maria-José; GUERRERO-PICO, Mar; ESTABLÉS, María-José. **Transmedia literacy in the new media ecology: Teens' transmedia skills and informal learning strategies.** Revista *El profesional de la información (EPI)*, 27(4), 801-812, 2018. Disponível em: <<https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2018.jul.09>>. Acesso em: 15 ago. 22.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação.** São Paulo, n. 19, p. 12-24, 30 dez. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação,** São Paulo, v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014.

UNESCO. **Grunwald Declaration.** Grunwald: Unesco, 1982. Disponível em: <<http://www.unesco.org/education>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

WILSON, C. *et al.* **Alfabetização midiática e informacional:** currículo para formação de professores. Brasília: Unesco, UFMT, 2013.

## ENTREVISTA: A diversidade foi ocupando a rádio aos poucos

De início, as pessoas negras não estavam na UnB e não sentiam que pertenciam aos espaços participativos da universidade. Com a atuação do Enegrecer e das ações afirmativas, esse cenário mudou, inclusive na Ralacoco.

Pavão Filho esteve na UnB desde 1998 como estudante, passou por alguns cursos e acabou se encontrando nos campos da educação e da comunicação. Ele, que sempre foi envolvido com música e movimentos sociais, participou do coletivo Enegrecer e posteriormente chegou à Ralacoco. A sua referência de emissoras e formação musical veio da religião e de sua origem em Rondônia e no Amapá, onde passou metade da vida e ouvia as frequências caribenhas que pegam na região. Hoje trabalha como educador, é bibliotecário e chegou a ser gestor na Secretaria de Cultura do DF.

### Como foi sua experiência na Ralacoco?

Eu participava do Enegrecer, um coletivo negro na Universidade de Brasília e entorno. Um amigo nos convidou para a Ralacoco e eu fui fazer o programa. “Cara, vamos botar a voz de vocês para ser ouvida na rádio?” Então, ele abriu a grade de programação para a gente fazer o programa *Periferia na Fita*. E ele me chamou porque, na época, eu cantava em um grupo de rap e parte da minha banda era do Paranoá e de Planaltina. E eu já militava também em Planaltina, que é a minha cidade, e alguns amigos trabalhavam fazendo programas que eram clandestinos. Tinham lá o seu equipamento para o sinal e, toda vez que tinha suspeita de que poderia chegar polícia, alguma fiscalização, corria com equipamento para não ser apreendido, preso, extraviado. E eu cheguei a fazer alguns testes e brincadeiras gravando esses programas também. Houve um hiato nisso e, na Ralacoco, meu amigo liderava o programa e eu entrei como coadjuvante, escolhendo o repertório e a pauta sobre o que estava acontecendo, como o debate sobre ações afirmativas na Universidade de Brasília, encabeçado pelo Enegrecer.

Acho que, depois de quase dois anos, a partir de 2004 ou 2005, eu comecei a levar muito a sério, eu queria fazer o programa. E é curioso, porque

you vai ouvir isso de qualquer pessoa na militância: a gente não pertencia a esse espaço, mas era importante a gente ocupar esses espaços. Assim, surgiram as fagulhas: “Olha, está tocando rap aqui na UnB”. E foi no período que começaram a chegar pessoas da periferia, depois da aprovação do processo das ações afirmativas. E tudo foi acontecendo ao mesmo tempo, sendo que você começa a sentir uma certa pluralidade. Era diferente de quando a gente entrou, pois eu não sentia isso, apesar de as pessoas da Faculdade de Comunicação estarem propondo e querendo que a diversidade acontecesse. E foi incrível que aconteceu.

Então, eu comprava todos os CDs de rap que você possa imaginar. Depois me roubaram tudo, porém eu devo ter chegado a uma quantidade assim de uns 500 CDs. Eu estou falando desde aquele demo caseiro até os mais elaborados. E eu levava esses materiais para fazer o programa, pois MP3 não era uma realidade da minha vida, eu não tinha nem computador (eu conheci computador na UnB).

### **E como era esse ambiente onde você fazia os programas? O que você lembra do estúdio da rádio?**

Era um ambiente bem caseiro, no sentido do faça-você-mesmo, era uma produção de guerrilha. Você tinha lá um computador, um *player* de DVD – não me lembro se tinha outro equipamento desse para tocar música. Enfim, já rolava MP3 também e tinha um acervo já salvo lá, que o pessoal convertia nesse formato para não ficar trazendo CDs. Eu era o único romântico que levava a mídia para o estúdio. E tinha uma mesa de som e microfone lá. Não era o microfone desses mais elaborados de estúdio, não, era um desses normais, de palestra. Tinha o transmissor, mas eu não estava atento ao maquinário nessa época (eu fui começar a me atentar para isso quando eu cheguei ao UniCEUB [Centro Universitário de Brasília] e aprendi a operar os aparelhos). E eu sempre achei que era um ambiente de experimentação: está aqui esse equipamento que a gente tem, vamos fazer uma limonada com esses aparelhos aqui.

### **Como eram a gestão e a liderança da Ralacoco?**

A minha memória falha, mas eu cheguei e não sei quem estava puxando a rádio. Percebi que teve um salto de organização, por exemplo, das pastas em relação ao acervo digital que havia. A grade que estava fixada na

parede também mudou – tinha agora os nomes dos responsáveis e contatos. O pessoal fez uma organização de um ano para o outro, logo que eu entrei. E eu notei que o equipamento também estava melhor sinalizado (indicando o que era o quê, quando é que estava ligado e desligado). São essas coisas de leigo, de quem não percebia muitas coisas na época, é o que eu me lembro. Começou a ter uma organização estrutural melhor: quem faz o quê, cadê a programação, quem é o responsável, aqui a pasta do *Periferia na Fita* e dos outros programas também.

Em relação às interações, a gente era um pouco antissocial, porque a gente sempre sentiu que não pertencia à UnB. Era uma sensação que vinha principalmente de um coletivo que levantava esse tipo de pauta sobre a questão racial. E a gente sentia que a universidade não estava muito interessada nesse debate. Tínhamos uma relação com quem estava militando e foi assim que aceitamos o convite de participar fazendo um programa, ocupando o espaço.

Nós chegamos a ter ouvintes entrando em contato com a gente. Eu sei que a frequência não tinha grande alcance, era curtinha. Porém a rádio pegou não sei onde e o pessoal entrou em contato conosco. Não lembro se foi no Varjão ou na Asa Norte. Eu falei: “Caraca, olha o potencial disso, cara”. É muito legal para a gente não ficar só falando com o próprio umbigo, saber também que está falando para o mundo ouvir.

Na minha cabeça, eu queria muito que o programa fosse conhecido na UnB, eu queria muito que os alunos conhecessem o que a gente estava tocando, pois, para muitos, era música de alienígena. Era um período ainda em que você não tinha uma popularização de acesso à UnB, você sempre teve mesmo alunos basicamente do Plano Piloto ou de outros estados. Não era comum ter a maioria dos estudantes da periferia. Então, a gente queria muito que as pessoas conhecessem esse som e conhecessem as pautas. A gente começou a desenhar a logomarca do *Periferia na Fita* e fazer panfletinhos. Era em forma de fita cassete para poder divulgar o dia e hora da programação e a frequência que estava rolando também. Então, isso motivou a gente a tentar popularizar o programa dentro da UnB, e foi bem bacana. Pena que foi um tempo que eu ainda não tinha acesso à tecnologia para poder fazer uma *web rádio* ou botar uma programação *on-line*.



## E como era o estilo, conteúdo e formato dos outros programas?

Eu acho que sempre foi muito experimental. Vamos lá, dos programas que eu tenho memória (para ser honesto e não falar nada além do que minha memória me permite). Tinha programa de forró, se eu não me engano. Então, como você tinha uma cultura muito viva na época de forró universitário, era um programa *popzinho*. O de *rock* eu não me lembro quem é que fazia.

Eu sempre senti uma liberdade para experimentar tanto no formato quanto no repertório, sabe? Então, mesmo que não fosse a gente a chutar a porta, a gente tocou músicas que eu particularmente não tocaria em uma festa. Eu queria que a UnB ouvisse um som e falasse “*uou*, como assim o pessoal tá falando de Stradivarius?”. É gente que é da quebrada, que é de periferia, que não teve acesso ao ensino superior. Mas a minha sensação sempre foi de que a Ralacoco era experimental e as pessoas que estavam fazendo os programas tinham uma certa liberdade para poder experimentar no formato, no repertório, tocar aquilo que não estava no *mainstream*.

## Você acredita que a Ralacoco foi importante para desenvolver a comunidade ali perto e promover o exercício da cidadania?

Sem dúvida, cara, meus debates com as universidades sempre foram do deslocamento do debate público, das questões que interessam a população em relação ao que é praticado. E não tinha isso da universidade dever ser algo utilitarista, “ah, só existe prática”. Enfim, eu acho que a produção do conhecimento tem que acontecer. Um profundo deslocamento da universidade em relação às questões que estão acontecendo no mundo sempre me deixou incomodado para caramba. A universidade pela construção do saber, que não é democrática, está melhorando, mas nunca foi democrática.

Quando você abre uma pauta para fazer um programa que toca rap, você está, de alguma forma, abrindo esse precedente para o diálogo. Mesmo que na época a gente achasse que era um estranho no ninho. A gente não estava tocando o som que tocava nos Centros Acadêmicos (CAs) nas

sextas-feiras ou no fim de semana. Estávamos tocando um som que tocava em outras localidades, geograficamente distantes, a 50 km. E aí, esse é um tipo de ponte que a gente desejava não só para tornar a universidade mais plural, mas para mostrar para a universidade que existe vida para além dos locais de interação, para além dos CAs. E eu acho que esse tipo de percepção agregava o saber teórico dos alunos, e era essa a intenção.

Então a gente estava falando da violência, violência policial, genocídio, falta de oportunidade, da segregação. Estávamos falando do próprio racismo institucional da UnB, que a gente estava em pleno debate em relação ao processo de ação afirmativa, que foi na porrada, megadisputado. Então, a Ralacoco – no tempo, no espaço e proporcionalmente ao que a gente representou naquele momento – abriu espaço para um debate, para ouvir ou para tocar ou para reverberar um som que não era tradicionalmente tocado e esperado naquele espaço da universidade. Isso foi muito bacana e eu acho que cumpriu uma missão social importante. E também a própria possibilidade da oficina e formação, ela cumpre e vem cumprindo. Se eu não me engano, a disciplina Comunicação Comunitária continua. Olha como isso é poderoso.

### **E você enxerga, ou deseja algo especial, para o futuro do coletivo?**

Eu acho que academicamente é importante cumprir essa missão de ter um laboratório para realmente praticar os ensinamentos e toda a parte teórica que é aprendida no curso de Comunicação. Mas eu ainda sonho com um projeto que vá além das disciplinas, seria um ambicioso projeto para um curso de Comunicação da UnB ter um programa que atravessasse no tempo e no espaço, com uma proposta de empoderamento comunitário mesmo.

Eu acho que a gente precisa ter programas que sejam comunitários, para além de qualquer assistencialismo. Porém que fosse um programa que tivesse substância, que ultrapassasse uma disciplina. Poderia ter pés em outras disciplinas, que se organizassem para pensar a produção comunitária, que fosse de rádio, que fosse de audiovisual, que transpusesse uma única linguagem, um único formato, espalhasse o empoderamento em várias disciplinas. Primeiro porque isso é uma missão da universidade e

segundo porque isso poderia fazer com que os alunos participantes vissem aplicações práticas com gente de verdade, para além do mercado.

Pensando a Ralacoco no futuro, talvez uma iniciativa trabalhada dentro de um projeto político pedagógico da Faculdade de Comunicação. Teria uma camada transversal para educação midiática, para entender a mensagem que você está construindo. Eu acho que esse é um futuro desejável.

## Como o coletivo influenciou a sua vida e seus projetos? Onde você está agora?

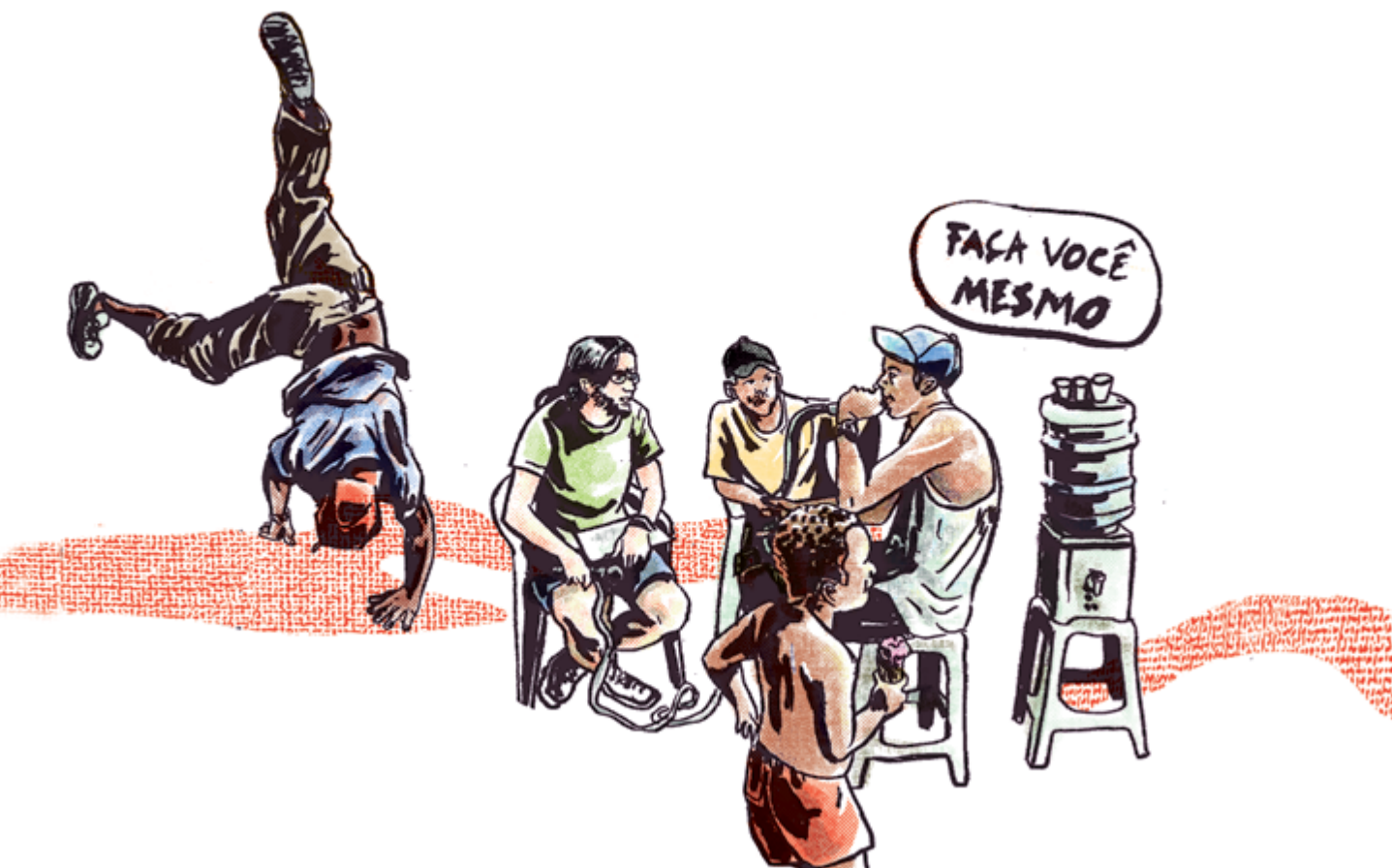
Eu cheguei um pouco longe nesse processo de trabalhar com comunicação popular e comunicador social. Eu fiz Biblioteconomia na UnB, entrando em 1998 e saindo em 2010 (foram 12 anos de UnB muito bem vividos, obrigado). Eu era muito curioso e entrei na universidade para experimentar tudo. Assim, acabei atrasando meu próprio curso de Biblioteconomia para ir para a Comunicação, para ir para a Pedagogia, para ir para a Antropologia. Fiz três ou quatro disciplinas na História, fui para a Geografia, para a Ciência Política. Acho que os campos que me correspondem melhor são a Educação e a Comunicação. Hoje eu trabalho como educador e sou bibliotecário, sempre trabalhei em escolas e tive um período de experiência como gestor na Secretaria de Cultura do DF.

Entrar na Ralacoco despertou um negócio que eu já tinha. Essencialmente como militância, a gente trabalhava com a palavra, e a palavra no rádio é uma coisa que faz parte da minha formação. Eu sou de Rondônia e passei metade da minha vida no Norte. Para além da Igreja, o meu conhecimento musical veio pelo rádio. Quando eu estava no Amapá, em um período no qual eu já tinha consciência da vida, eu ouvia as frequências caribenhas (que os aparelhos ali pegam as Ondas Curtas, as OC). E eu chego na Universidade de Brasília e tenho a oportunidade de entrar na Ralacoco, isso deu uma explosão na minha vida. Depois da Ralacoco, veio a nossa querida rádio do UniCEUB e, depois disso, a vida profissional (misturando vida acadêmica, militância etc.).

E, durante um colóquio, eu fiz um manifesto falando que, se era para popularizar a EBC (Empresa Brasil de Comunicação), deveria ter um programa de rap. Os “medalhões” que estavam lá riram e foi quase um pé

de guerra. Na sequência que eu fiz essa proposição, veio a Cufa (Central Única das Favelas), em Brasília, e fez exatamente isso. Eles estavam com um programa pronto na mão e, não deu outra, eu acabei entrando. Acho que foi o único programa durante muito tempo desse tipo na EBC. E foi um programa popular dentro da grade das rádios da EBC por quase uma década. Foi o primeiro programa de rap brasileiro em rede nacional (não era FM, era AM). Era ao meio-dia com uma hora de programação, às vezes duas horas. A gente experimentou muitos formatos, foi uma escola.

Foi incrível e, disso tudo, a gente deu muita formação na Ceilândia e em Taguatinga. A gente trabalhou com formação de jovens para programação de rádio, para escrever roteiro, performance, vinheta. Enfim, para você ver para onde vai a minha experiência na Ralacoco. A gente foi longe e fez entrevista com figuras incríveis do hip-hop brasileiro e da política. Ganhamos alguma repercussão dentro do movimento de jovens no Brasil, as pessoas queriam tocar no nosso programa.



## A Ralacoco dentro do universo das rádios livres

Milena dos Santos Marra<sup>7</sup>

As rádios livres são veículos de comunicação que estimulam a produção e difusão de informações feitas por indivíduos que assumem o papel de protagonistas daquela produção. Existe uma aproximação histórica entre as rádios livres e as rádios comunitárias, mas, de modo geral, pode-se dizer que as rádios livres se configuram a partir de uma lógica na qual veículos de comunicação são apropriados de diversas formas por indivíduos: sejam como organizadores, locutores, produtores, sejam com outras funções. Trata-se de uma forma alternativa e coletiva de se fazer rádio. São rádios que fazem parte, portanto, das ações nomeadas como CPACs (Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária), que buscam privilegiar a divulgação da cultura e das questões relacionadas aos movimentos sociais e minorias.

Conforme Felipe Parra (2018, p. 58), “ao subverter as lógicas de uso aplicadas a esse meio, as rádios livres oferecem recursos para o sujeito falar sobre seus desejos, anseios, dificuldades, tristezas, alegrias e indignações”. Nessa perspectiva, é possível questionar as aproximações e distanciamentos da Ralacoco (sigla que vem de Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária) diante do conceito de rádio livre, já que esta representa uma proposta particular de rádio, uma vez que se situa no âmbito universitário. Contemplada não só pelas prerrogativas mas também pelos desafios desse contexto, a existência da Ralacoco perpassou por momentos históricos da radiodifusão sonora do país, além de mudanças tecnológicas significativas.

Na medida em que se reconhece a importância dos serviços prestados por emissoras de radiodifusão no país, torna-se fundamental o debate acerca das rádios livres e comunitárias e seu papel na transmissão de informação e cultura. São rádios que contribuem para a democratização

7 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (PPGCOM-UnB) e pesquisadora colaboradora do Grupo de Pesquisa Comunicação Comunitária e Cidadania. E-mail: [milena.marra@fac.unb.br](mailto:milena.marra@fac.unb.br).

da comunicação no Brasil, além de serem entidades representativas dos interesses das comunidades e prestarem um serviço fundamental para a disseminação de informação no país (Ramos, 2005, p. 249).

Cabe ressaltar que, com o passar dos anos, a Lei 9.612/98 (que regula a radiodifusão comunitária) tornou-se insuficiente para abranger todas as particularidades e singularidades que as emissoras brasileiras possuem. Entre as questões que geram conflitos de entendimento estão: o período de concessão, a permissão para veiculação de publicidade e, principalmente, a criminalização das emissoras em situação de pendência de regularização.

Os múltiplos desafios enfrentados por essas emissoras ainda geram um falso antagonismo no que tange à radiodifusão privada, o que popularmente resume rádios livres e comunitárias à clandestinidade. Como cita Círcia Peruzzo, são “ilegais do ponto de vista jurídico, mas legítimas do ponto de vista social por causa do trabalho emancipatório que desenvolvem” (Peruzzo, 2010, p. 2).

### **O contexto no qual se insere a Ralacoco**

Além desses desafios, pode-se dizer que os mais de 100 anos de rádio no Brasil são historicamente marcados por disputas narrativas de diferentes grupos, classes sociais e regiões. Ferraretto explica que, nas zonas rurais ou nas áreas não contempladas pelas pesquisas do IBGE (estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá), “o único veículo de comunicação durante muitos anos foi e, em grande parte, continua sendo a Rádio Nacional da Amazônia, transmitindo em ondas curtas de Brasília para a Região Norte” (2007, p. 17).

Ao longo de mais de 20 anos de história da Ralacoco, é possível ressaltar ações da Ralacoco de comunicação comunitária com participação de integrantes da rádio desenvolvidas em instituições de ensino básico do Distrito Federal (principalmente em Sobradinho, Sobradinho 2, Planaltina e Fercal), com a participação de alunos do ensino superior, professores e gestores. Como consequência do trabalho realizado, tem-se a aproximação entre estudantes e comunidades e o fortalecimento das ações de mobilização social e democratização da comunicação. Nesse

contexto, a observação dessa rádio, em especial, contempla uma preocupação com as novas gerações e mudanças que modificaram o modo de fazer rádio. Em meio a um cenário comunicacional homogeneizado, experiências comunitárias de rádio como essa correm o risco de ser descredibilizadas e invisibilizadas. Isso porque há um distanciamento de ações desse tipo em relação à lógica mercadológica tradicional, pois os interesses coletivos e difusos nem sempre são compatíveis com interesses comerciais.

## A essência das rádios livres

As rádios livres existem por todo o mundo. Há registros de iniciativas na Inglaterra, nos Estados Unidos, na França, na Itália e em vários outros países. Desde as décadas de 1970 e 1980, esse contexto mundial foi decisivo para a formação do modelo brasileiro de rádio alternativo. Cavalcanti (2018) explica que muitas das experiências brasileiras das últimas décadas ancoraram-se nas ideias de rádios livres da Europa, sobretudo as rádios da Itália que tiveram uma enorme importância. Para ele, a própria historicidade das rádios livres no Brasil reflete a luta pelas rádios livres na Itália e na França nos anos de 1970 e 1980.

Para uma melhor compreensão desse acontecimento, verifica-se a grande relevância lograda pela Rádio Alice de Bolonha (Itália), que teve um papel fundamental na eclosão desse movimento. Alice iniciou suas atividades em janeiro de 1976 no cume de movimentos políticos e culturais contestatórios. Essa rádio teve como objetivo invadir o monopólio estatal das telecomunicações, através de transmissões de rádios ilegais ou não autorizadas (Cavalcanti, 2018, p. 2).

No Brasil, o movimento das rádios livres só surgiu no fim da década de 1980. De início, serviu como divertimento para técnicos em eletrônica, mas depois foi apropriado por grupos políticos de esquerda e estudantes universitários que criaram suas próprias emissoras. O autor também cita a forte presença dos grupos religiosos nessas emissoras, que se aproveitam da oportunidade de ficar à margem da regulamentação para exercer proselitismo religioso. Na mesma proposta, Cavalcanti (2018) diz que as rádios livres já surgem com essa ideia subversiva e contestadora, em que se percebe claramente uma proposta contra-hegemônica, o que cresceu aos poucos. Vejamos:

No início era apenas uma minoria: o pessoal das rádios livres era um bando de loucos, um pouco como Dom Quixote atacando o grande monopólio. Era espantoso. É como se as pessoas aqui resolvessem agora ir atacar um quartel. Rapidamente, o fenômeno ganhou uma força incrível, produzindo um impacto sobre a grande mídia, como se esse ato de ilegalidade tivesse criado uma rachadura no edifício do monopólio (Cavalcanti, 2018, p. 2).

Os autores dizem que o fenômeno das rádios livres “só toma seu sentido verdadeiro se o colocamos no contexto das lutas de emancipação materiais e subjetivas”. Isso deve-se ao fato de que, no Brasil, assim como em toda a América Latina, há inúmeros segmentos da população à margem da economia dominante, o que faz com que essas pessoas se interessem pela possibilidade de “afirmar seu direito à existência através da reinvenção de novas formas de luta e de expressão”, tais como as rádios livres.

### Aproximações entre as rádios livres e a Ralacoco

Apesar de se falar em rádios livres em contexto mundial, aqui no Brasil elas apresentam características muito particulares. Se, na Itália, por exemplo, o principal objetivo era “acabar com a concentração do setor de telecomunicações nas mãos do Estado Italiano”, dado o estado ditatorial, no Brasil, esse tipo de rádio consolida-se a partir de grupos organizados das classes subalternas em prol de suas comunidades. Peruzzo (2010) afirma que algumas de suas características é de que “servem como ‘escola’ para a educação informal em comunicação. Lutam para conquistar o direito à comunicação ao exercitarem a liberdade de expressão e o empoderamento das tecnologias que ajudam a viabilizá-lo” (2010, p. 6).

Nanisca, ex-integrante da Ralacoco entrevistada para esta pesquisa, apresentou algumas similaridades da iniciativa com outras rádios livres. Na mesma proposta de Peruzzo (2010), a raladeira cita que o caráter educativo dessa emissora fez parte de sua trajetória profissional. Segundo ela, todas as oficinas, na verdade, contribuíram para a sua formação como ser humano: “sempre comento delas em todos os espaços que vou, quando me perguntam sobre questões da minha trajetória profissional”. Nanisca explica que, ainda quando estava na graduação, era



oficineira de rádio. Em uma das ações, ela deu oficinas no Assentamento Pequeno Willian, do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), no núcleo rural da Região Administrativa de Planaltina, no DF.

Nessa mesma perspectiva, outro entrevistado, Jacó, citou que descobriu que existia “essa coisa da educomunicação”, que, para ele, já era “um alinhamento natural”, mas, ao mesmo tempo, não conseguia encontrar esse caminho dentro da universidade. O raladeiro explica que, quando viu esse assunto da educomunicação, pensou que tinha forte relação com muitos dos seus interesses: “inclusive com a Ralacoco, outros projetos de comunicação autônoma, as rádios livres e mais”.

O caráter experimental e a possibilidade de apropriação dos meios por cidadãos comuns são algumas das características que Nanisca também aponta na rádio como singulares. Em sua fala, também é possível perceber uma expressão de pertencimento com relação a esse uso, à medida em que cita que “era tudo muito nosso”. Vejamos:

Era bem experimental. Era bem faça-você-mesmo. Nós comentávamos isso. “Faça você mesmo. Faça sua própria rádio. Faça em casa. Faça uma rádio-poste. Faça alguma coisa, mas faça comunicação”. Eu acho que a gente quebra a mídia hegemônica nisso: na possibilidade de a pessoa utilizar os meios. Então não tinha muito a ver com o que fazia a mídia hegemônica, até porque os entrevistados eram completamente diferentes. Nós éramos nós mesmos. A gente fazia uma entrevista completamente diferente. O jeito de fazer os roteiros era completamente diferente. Então, era tudo muito nosso.

É necessário citar também que a proposta de muitas das rádios relaciona-se à democratização da informação, tendo como meta o fortalecimento da cidadania. Consolida-se, à medida em que adota modelos contra hegemônicos, como um uma estratégia na formação de “um espaço comum de comunicação e difusão de diferentes práticas culturais e sociais” (Leal, 2009, p. 75). Outros dois entrevistados e ex-integrantes da rádio, Akire e Pavão Filho, citam o interesse por parte da equipe não só para o acompanhamento do desenvolvimento dos novos formatos, mas principalmente no caráter subversivo da Ralacoco no cenário cultural vigente.

Akire cita que, em determinado momento de sua participação na rádio, notou um crescimento do formato podcast e pensou: “Onde é que o pessoal tá ouvindo coisa? Onde a gente pode colocar informação?”. Nesse sentido, ao perceber que o podcast estava em alta e interpretá-lo como um formato acessível a um grande público, levou a possibilidade de produção à Ralacoco. Ela explica ainda que a equipe se organizou para a produção, tendo em vista que houve todo um processo formativo para a produção. Ressalta que a equipe alcançou “uma tentativa muito bem-sucedida”.

Pavão Filho, pertencente a uma geração anterior de raladeires, cita que entrou na rádio como coadjuvante. Segundo ele, de início, ficou “escolhendo o repertório e definindo pauta”, mas cita que o programa que produzia na época era basicamente o repertório que fazia à medida em que ocorriam algumas outras pautas. O próprio debate sobre ações afirmativas na Universidade de Brasília (UnB) como movimento popular é um exemplo. Ele afirma que, na Ralacoco, ele conseguia fazer algo que considerava inovador, que era justamente tocar rap de Brasília e de São Paulo. “Estávamos tentando apresentar esse repertório para a comunidade acadêmica.”

Um outro ponto, talvez impensável para as rádios ditas tradicionais, foi citado por outro entrevistado, um dos primeiros a atuar na rádio. Charles Pilsen comenta que transmitiu toda a Copa do Mundo 2002 pela Ralacoco gratuitamente. Na época, em 2002, ainda não era costume a transmissão pela internet, então a Rede Globo era o principal veículo que oferecia o conteúdo. Ele explica que não foi uma tarefa fácil, tendo em vista que enfrentaram desafios desde os horários dos jogos até a falta de luz.

A Copa foi no Japão e na Coreia do Sul e toda de madrugada. Alguns jogos foram às 8h da manhã, mas a maioria foi toda de madrugada. Um desses jogos foi às 3h, acho que foi Brasil x Inglaterra, que foi o jogo mais difícil do Brasil naquela Copa. Nós estávamos lá, transmitindo. Em 2006, nós também tentamos transmitir a Copa, mas não havia luz no campus inteiro.

Essas e outras experiências da Ralacoco reafirmam que o debate de que a existência das rádios livres no Brasil por si só já representa um proces-

so de resistência. Somente nas últimas décadas, foram instaurados uma série de processos criminais. Em 2007, por exemplo, a Polícia Federal apreendeu os equipamentos da rádio Filha da Muda e, em seguida, um processo criminal foi aberto (acusação para o crime do Art. 183 da Lei 9.472/97). Dois anos após, o juiz federal da 3ª Vara Federal do Acre rejeitou a denúncia apresentada pelo Ministério Público Federal. No entendimento do caso, o juiz considerou o fato de que a rádio não era anônima nem de funcionamento oculto ou sede secreta e que não havia fim comercial, religioso ou político-partidário, para aplicar o inciso IV do Art. 5 da Constituição Federal – sobre a liberdade de expressão – e afastar a alegação de prática de suposto crime de rádio clandestina.

A Rádio Muda tornou-se uma grande referência para outras iniciativas, tais como a Ralacoco, como afirma outro raladeiro, um dos fundadores da rádio, Joey Tchutchuá. Ele cita que sua geração de produtores da Ralacoco tentava “uma comunicação diferente”, mas que suas referências ainda eram da mídia tradicional. Alguns escutavam algumas rádios livres e comunitárias pela internet, como a Rádio Muda ou as rádios de Goiânia. Afirma que, na época, algumas pessoas fizeram curso de locução e procuravam entender como se portar dentro da rádio.

A gente experimentava na prática, tentando fazer diferente. Tinha abertura, apresentação, estilo de programa e fim. Não fugia muito disso (muitas rádios livres não eram algo que seguiam). No Rio de Janeiro, diziam que rádios não precisavam ter grade, por exemplo. Em São Paulo, era mais importante falar (experiência de produção) do que o ouvinte ouvir.

## As aproximações com a Radiodifusão Comunitária

Um dos pontos mais interessantes dessa discussão é o fato de que a legislação ainda não corresponde ao contexto histórico, social, econômico e cultural em que são dadas essas iniciativas. Rosane Lacerda (2017), por exemplo, explica que o conjunto normativo da Rádio Comunitária (RadCom) está cada dia mais distante das propostas dos setores populares que lhes deram vida no país. Em especial, a autora cita os obstáculos oriundos da colonialidade na legislação, o que se distancia especificamente de questões de diversos tipos de comunidades, tais como as comunidades indígenas, negras, rurais, quilombolas e outras. Na con-

trapartida disso, um dos raladeiros entrevistados para esta pesquisa, Bill, faz um relato sobre sua participação positiva na Ralacoco, na qual conseguiu trabalhar com características culturais e estilos musicais até então pouco frequentes nas rádios tradicionais, incentivando a partilha entre comunidades:

Eu acho que a minha presença na Ralacoco serviu para trazer uma subcultura não necessariamente presente nos quadros dos raladeiros, que eram pessoas mais envolvidas com direito à comunicação, com democratização dos meios, com políticas de comunicação. E eu fui responsável por trazer para dentro da Ralacoco um submundo do punk, do hardcore, do heavy metal, que possibilitou um outro acesso de uma outra forma de comunidade, um pensar comunidade de um outro tipo e mostrar os potenciais dessa comunidade, das trocas e da pulsão, da vitalidade dessa comunidade.

Ilustrativamente, ao contrário de outros países – como é o caso do México –, no Brasil, há poucas experiências relacionadas à transmissão radiofônica livre e/ou comunitária pela população indígena. Rosane Lacerda explica que “diferentemente do que ocorre com a produção audiovisual, não existe ainda uma prática consistente de produção e transmissão por e para tais comunidades, sendo poucas as notícias, no Brasil, da existência de rádios comunitárias indígenas” (Lacerda, 2017, p. 317). Acerca da Ralacoco, é importante citar que, em 2022 e nos anos anteriores, a Ralacoco desenvolveu encontros com diversas temáticas relacionadas a questões como: exclusão e pobreza, juventude e maioridade penal, mídia e minorias, cidadania e consumo, direito à cidade e protagonismo.

Como produto resultante de uma dessas ações, crianças e adolescentes em situação de conflito com a lei – integrantes da comunidade externa – desenvolveram um podcast composto por música, entrevista e história de ficção. O podcast foi nomeado pelos jovens como Rádio Mil Fitas. Os jovens a que se refere este trabalho estavam sob supervisão da Unidade de Atendimento em Meio Aberto (Uama), instituição vinculada à Subsecretaria do Sistema Socioeducativo da Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal (DF). Durante o desenvolvimento da produção na Ralacoco, todos eles estavam frequentando ações educativas, profissionalizantes e/ou programas de formação.

O raladeiro Charles Pilsen cita que a Ralacoco “tinha aquela coisa de juventude, de festa, de estar sempre se frequentando e sempre criando amizades, criando um laço, vínculos, um grupo social novo”. Para ele, esse caráter de integração representa, antes de mais nada, uma extensão da vida universitária e da vida acadêmica, na qual se faz muita mudança com pouco recurso. “A gente tinha uma mesa de som, um toca-fita, um toca-disco e toca-fita doado, antigo, que quebrava o galho, e um microfone, que às vezes quebrava e a gente tinha que comprar outro, arrumar, enfim. Era isso.”

Os raladeiros Lan Xang e Hom Khao relembram que a Ralacoco não era repetição da rádio comercial. Por mais que houvesse a limitação do meio, as pessoas estavam tentando fazer algo divergente. Eles explicam que buscavam colocar conteúdos que não havia nas rádios de Brasília na época. “O nosso programa era feito com músicas que não tocavam em lugar nenhum. Por exemplo, eram músicas de outros países.”

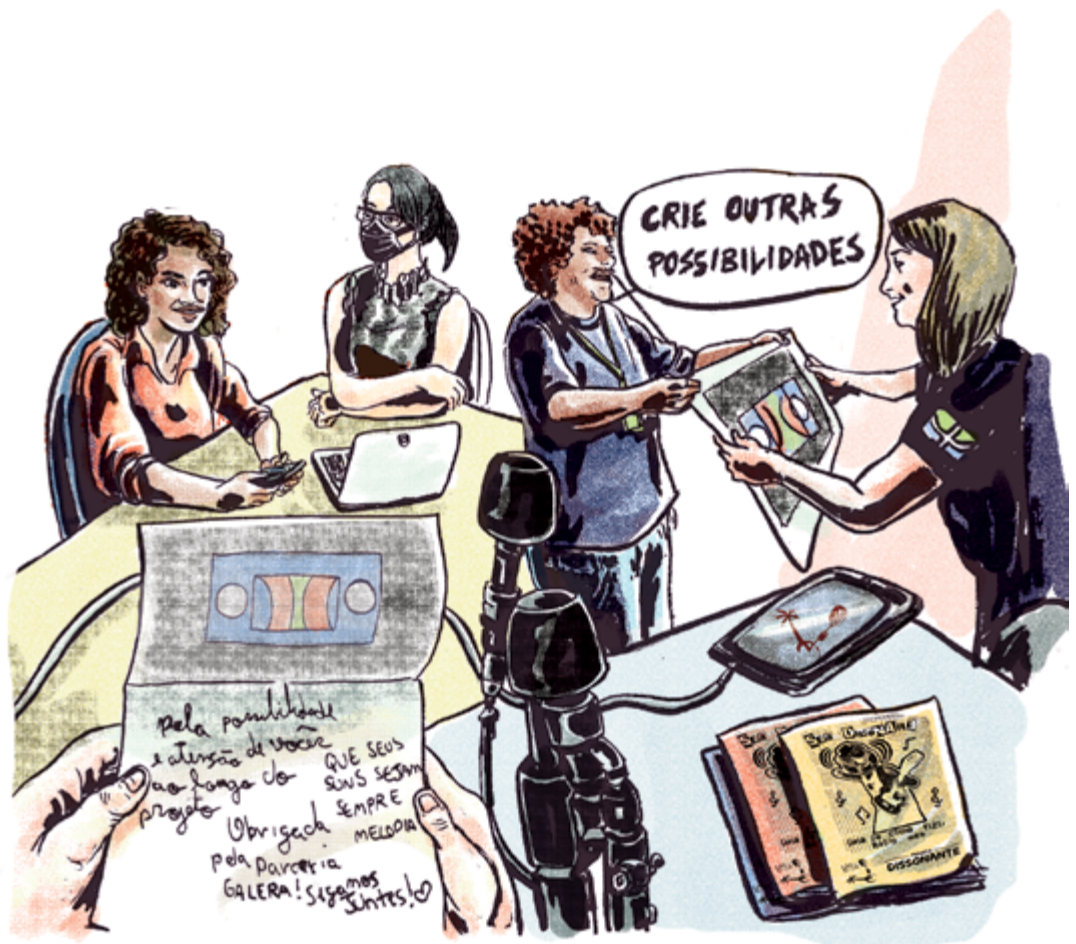
## Piratas não!

Até hoje, grande parte das rádios livres, semelhantes à Ralacoco, é confundida com rádios piratas. Em *Rádios Livres: a reforma agrária no ar*, os autores abordam essa questão, dizendo que “piratas são eles. Nós não estamos atrás do ouro”. O fato é que a Ralacoco só pode ser considerada genuinamente livre à medida em que se situa dentro de uma proposta emancipadora de comunicação para a cidadania. Em outras palavras, para classificar a Ralacoco como uma estação de rádio independente, é fundamental reconhecer que, ao longo das últimas duas décadas, sua atuação tem estado intrinsecamente ligada aos princípios de autenticidade na expressão e à promoção da cidadania, tudo isso levando em conta as especificidades do contexto brasileiro.

Nos últimos 20 anos, a Ralacoco desempenhou um papel imprescindível nos debates e nas práticas de Comunicação Comunitária no Distrito Federal (DF). Seu funcionamento representa, antes de tudo, um canal de diálogo entre comunidade e universidade, além de caracterizar a relação entre rádio, extensão universitária, experimentação e reflexão. No contexto da democracia e da cidadania, a Ralacoco e as mais diversas rádios se adaptaram às novas tecnologias, aos novos formatos, às novas

realidades, contribuindo para o cenário de mídia sonora que se conhece hoje no país.

Embora a Ralacoco seja um veículo de comunicação de natureza universitária, sua trajetória não permaneceu à margem das novas formas de utilização do rádio. Em outras palavras, considerando que as rádios livres representam uma espécie de ideal utópico, visto que, por meio delas, o Brasil e outros países da América Latina estão protagonizando um processo de “movimento de emancipação”, podemos inferir que a Ralacoco também desempenha um papel relevante na promoção desse movimento, além de estimular a integração de comunidades e a participação cidadã.



## Referências bibliográficas:

CAVALCANTI, M. A. P. **Resistências nas Mídias a Comunicação Socializada: uma breve história das rádios livres e comunitárias no Brasil**. Periferia, 2018, Vol. 10, n. 2, p. 258-277. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5521/552157626016/html/>>. Acesso em: 7 fev. 2023.

HALE, J. **La radio como arma política**. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

LACERDA, R. F. Radiodifusão Sonora Comunitária em Terras Indígenas: os obstáculos da colonialidade na legislação de RadCom. In: **Introdução crítica ao direito à comunicação e à informação**. Org. José Geraldo Sousa Jr. et al. Brasília: FAC-UnB, 2017.

LEAL, S. **Diversidad y Adversidad de las Esferas Públicas Contemporáneas: lo social y lo político en las radios comunitarias de Brasil**. In: *Comunicación, educación e movimientos sociales en América Latina*. Cesar Bolaño, Sônia Meire de Jesus e Verlane Aragão Santos (Orgs.). Brasília: Casa das Musas, 2009, p. 192.

MACHADO, A.; MAGRI, C.; MASAGÃO, M. **Rádios Livres: reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Disponível em: <<https://dodopublicacoes.files.wordpress.com/2009/03/radioslivres.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2023.

PARRA, Felipe. **Relatos sobre rádios livres e comunitárias na Europa e no Brasil por Luiz Fernando Santoro**. Revista Alterjor, Vol. 18, n. 2, p. 54-65. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/147538>>. Acesso em: 7 fev. 2023.

PERUZZO, C. **Rádios Comunitárias no Brasil: da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na CONFECOM**. Compós: 2010. Disponível em: <[http://compos.com.puc-rio.br/media/g6\\_cicilia\\_peruzzo.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/g6_cicilia_peruzzo.pdf)>. Acesso em: 7 fev. 2023.

RAMOS, M. C. **Comunicação, direitos sociais e políticas públicas**. In: MARQUES DE MELO, J.; SATHLER, L. Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005.

## ENTREVISTA: A gente não é criminoso nem marginal

Uma das primeiras raladeiras, Patrícia Galvão defende descolonizar as ondas das rádios, o pensamento e as subjetividades.

A estudante Patrícia Galvão foi uma das pioneiras da rádio. Ela viu a iniciativa surgir quando assumiu a função de estagiária da emissora da greve dos professores em 2001. Na época, estudava no UniCeub (Centro Universitário de Brasília) e se tornou mãe. Assim, lembra que amamentava o filho no estúdio e afirma que esse era um jeito muito bonito de viver a maternidade e essa experiência libertária de comunicação. Depois da Ralacoco, trabalhou com o tema da saúde indígena e abriu uma famosa casa de cultura em Brasília. Hoje, Patrícia trabalha com o carnaval e criou uma rede de notícias, memórias e informações sobre essa festa. E isso tem tudo a ver com o desejo de ser mais livre e sonhar, entendendo “como as nossas subjetividades todas podem estar materializadas aqui nesse plano, sem uma coisa tão hegemônica, sem uma só voz”.

### Como a Ralacoco surgiu e se estruturou?

Primeiro, a gente tinha uma rádio que foi construída para cobrir a greve dos professores. Tinha a possibilidade de um estágio, e o rádio era o veículo que eu amava. Ao mesmo tempo, era extremamente interessante aquilo. Era sentir a história do Brasil passando ali, e a gente poder narrar, poder ver de perto. A gente tinha acabado de fundar o Centro Acadêmico lá no UniCEUB e tínhamos esse perfil político, de movimento estudantil. Éramos duas estagiárias da rádio e uma coordenadora. Enquanto eu produzia, a outra estagiária entrevistava. Depois trocava, mas a gente estava sempre muito juntas fazendo a cobertura.

Aí, começa o vínculo muito forte com a rádio e não era uma coisa racional, tecnicista, sabe? Tinha muita coisa mais profunda ali, eu gosto muito desse lugar e eu venho muito daí, das coisas que são intangíveis. E os estudantes foram se aproximando da rádio, a própria ADUnB (Associação dos Docentes da UnB), a comunidade, e aquilo virou um movimento cultural incrível. Nessa época, é importante registrar, o campus não tinha cerca, era uma coisa mais aberta, e todos os Centros Acadêmicos tinham festas, e era gostoso sentir aquilo ali muito vivo.



Existia essa discussão da necessidade de a gente ter equidade, ter uma universidade realmente mais aberta, mais plural, representativa do nosso povo mesmo, a gente começou a debater políticas de reparação. E nós tivemos muitos debates acirrados na rádio. Nós, que abríamos espaço para que esses debates acontecessem, fomos muito pressionadas para não deixar acontecer, porque a rádio estava fazendo essas discussões, porque sempre tem professores que não concordavam.

Além do debate racial, lembro da questão de gênero, com certeza. Não tinha internet e a gente não tinha informação sobre amamentar e parir. E, na UnB, eu fui encontrando outras mães. O movimento feminista não era uma realidade para muitas mulheres. Essa onda que a gente vê agora, a maneira como a gente fala sobre o feminismo, essa coisa é completamente nova, que veio de 2007, ou de 2008, para cá. Mas, na Ralacoco, a gente já vivia isso. Mas era uma coisa assim: “é mesmo, eu nunca tinha pensado nisso”. Tanto que, por exemplo, a gente não debatia a questão da diversidade sexual, por exemplo. Essa é uma pauta que já veio mais recente.

E, na época, eu fui vendo outros movimentos. Por exemplo, teve um acampamento da organização de camponesas e camponeses, a Via Campesina, que foi gigante. Outro dia, eu estava fazendo uma arrumação aqui e achei uns jornais que a gente fazia com eles. A gente também montou rádio no acampamento, foram uns quatro meses. Nessa época, eu quase entrei para o movimento, para o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Eu senti uma força muito grande de entrar para o movimento social.

### **E como era o conteúdo, o ambiente e a comunidade da rádio quando ela deixou de ser a emissora da greve para se tornar a Ralacoco?**

Eu lembro que a rádio começou em 2001 e eu me formei em 2002. Eu acho que passou um tempo e depois eu continuei na rádio. Devo ter ficado por aí uns anos, três ou quatro. Eu fiz o programa *Nove Luas* e depois o *Mandinga*. O *Nove Luas* tinha muito a ver com essa experiência de ser mãe. Mas eu me lembro do *Nada Frágil*, que era esse programa das meninas, e eu achava o nome ótimo. E tinha uma *galera* do DCE (Diretório

Central dos Estudantes) que colava muito na rádio. Tinha um programa de *hardcore*. Mas eu não me lembro muito dos nomes, só que ficava uma grade de programação no CA.

E a rádio só virou Ralacoco depois da história da ADUnB. Antes, foi um processo de criação, e eu vivi as duas fases. Nessa época que era na ADUnB, a gente tinha muito claro: tinha a chefia e a gente era estagiária. Mas ali já rolou uma ocupação, o que era muito legal.

E aí, eu acredito que, nesse segundo momento, quando surgiu a Ralacoco mesmo, já era um momento que eu leio horizontalizado mesmo, de coletivo. Tinha figuras de liderança, mas eu acho que cabia a rádio de cada pessoa ali. Por exemplo, minha rádio era essa coisa libertária, anarquista, era meu espaço de terapia, era meu espaço de várias coisas. Adoro pessoas, então, para mim, era isso. Por outro lado, para o amigo que gostava de futebol, das gatinhas, era outra rádio. Para o outro amigo, tinha uma coisa filosófica, cabulosa e pensadora política, era outra rádio. Entendeu? Então, eu acho que era um pouco do que o movimento zapatista fala: um mundo onde caibam todos os mundos.

Acabava que tinha um coletivo que geria mais e que participava mais, mas eu nunca entendi no sentido de ter um líder. Eu vou mais por uma coisa de autogestão mesmo, de tentativas e erros, com as dores e as delícias de cada processo.

A questão técnica... É muito doido, que hoje está tudo aqui, no celular. Naquela época, ainda tinha as fitinhas K7, tinha CD, valia tudo. Tinha inclusive o vinil, que hoje em dia retomou ao seu lugar devido, por causa da qualidade.

### **Como era a relação com o público externo e os ouvintes?**

Eu acho que o primeiro coletivo que eu vi ocupar o espaço, sem ser inicialmente da Ralacoco, foi o Enegrecer. Isso foi muito interessante. E tinha umas figuras que sempre apareciam. O Chiquinho da livraria, por exemplo. “Chiquinho, vamos lá entrevistar o Chiquinho.” E sempre tinha também coisas incríveis acontecendo na universidade e as pessoas traziam: “vamos fazer um seminário sobre agricultura familiar, vamos fazer

um seminário sobre a América Latina, vamos fazer um seminário...”. A rádio servia para uma prévia desses debates e essa relação era muito boa.

Eu me lembro que a gente tinha um telefone, as pessoas ligavam. Também tinha essa coisa de escrever, o que era muito legal quando a pessoa ligava no seu programa, uma sensação bem forte.

Além disso, tinham as atividades no Varjão. A gente tem uma disparidade de classe muito grande no nosso país e aqui no DF, também. Então, conviver com as pessoas do Varjão foi muito importante, e a Ralacoco me proporcionou fazer imagens ali. Eu morei dentro do Varjão, basicamente, durante seis meses. Eu vi coisas muito fortes, porque as pessoas que faziam a comunicação comunitária eram as lideranças. Era a moça que era líder da Associação de Mulheres, a moça que era líder das pessoas com deficiência. O seu Dario, por exemplo, ele é uma figura incrível, ele era o jornalista da cidade e ele ia pedalando com o jornal, e eu ia filmando na bicicletinha atrás. E eu achava muito lindo aquilo de ele ser jornalista, tendo uma capacidade de narrar aquele lugar todo de um jeito muito especial. Esse contato com esse público que não está ali, mas que está, e que não estuda, mas que é estudado, eu acho que essas coisas são muito interessantes também de a gente pensar. Afinal, a universidade está ali mas também não era para eles, nem para mim foi, que sou classe média, jornalista, branca, privilegiada.

## **E como é que você caracteriza a produção da rádio em termos de estilo, formato e linguagem?**

Eu vejo assim, que tinha uma coisa mais experimental, mais tipo: “vou experimentar aqui”. Quem não era da Comunicação tendia um pouco para essa coisa da performance. Eu lembro das meninas das Cênicas serem mais da performance. Por outro lado, não tinha regra, não. Nem de um jeito nem do outro. Começava, por exemplo, um debate, aí chegava, sei lá, uma pessoa para fazer o programa: “está rolando o maior debate aqui sobre cotas ali” e a pessoa falava: “está bom, então, meu programa vai virar um debate das cotas”. Ou a pessoa falava: “então, semana que vem eu faço meu programa”. Sabe? E aí, deixava a coisa rolando, entendeu? Não ficava uma coisa tão fechada: “tem que ter isso, tem que ter aquilo”. Tinha essa coisa da experimentação, da possibilidade de você brincar, mas tem

sempre um norte, eu acho. Eu acho que, se fosse hoje, eu ia brincar muito mais, a gente demora para virar criança, não é?

O que eu me lembro é que a gente tinha uma reunião. Isso era um ponto. Nessa reunião, tinha essa tarefa de quais são os programas, quem somos nós, com quem a gente pode contar e eu me lembro que tinha essa coisa sempre de um cartaz colado. E a rádio ficou em um espaço bem estratégico com relação à segurança, que foi nos fundos do Centro Acadêmico. Por outro lado, tecnicamente, a UnB é situada numa baixada, e essa coisa da antena, de poder ter um alcance maior, talvez não fosse o melhor lugar.

E, na esfera da definição do coletivo, existia muito esse debate se a Ralacoco ia ser uma rádio livre ou se ela ia ser uma rádio comunitária. E a perspectiva de ver se a Ralacoco se institucionalizou me parecia ruim, pois ela poderia ser uma rádio livre, como era a rádio Muda, na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), justamente porque os professores e a comunidade universitária estavam ali apoiando. Mas as pessoas compraram mais essa coisa de institucionalizar.

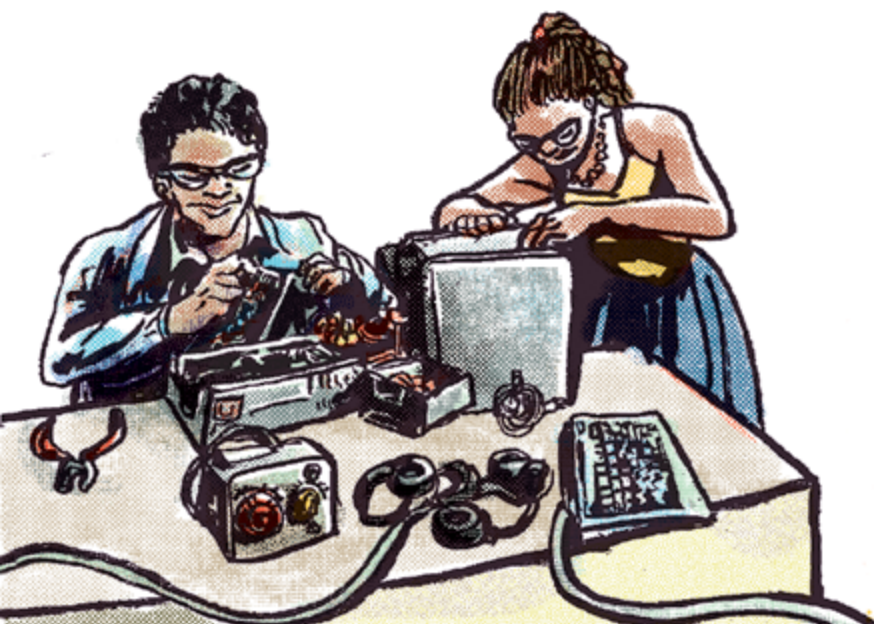
E eu vejo que teve uma desmobilização quando uma associação chegou lá e levou os equipamentos sem nos avisar previamente. Imagina, a gente chegou na rádio e a rádio não estava lá. Aí liga para um, liga para outro, pergunta o que aconteceu. E sempre com esse medo da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), da Polícia Federal.

Esse caso do transmissor aconteceu no início da Ralacoco. Na época, era a ADUnB que financiava a rádio em contato com essa associação. E aí, com o fim da greve – eu me lembro que a greve deve ter durado uns quatro meses – a gente foi simplesmente surpreendido, porque a associação fechou a rádio e pegou os equipamentos. E foi super forte, foi quando eu vi que eu queria continuar na rádio, que pouco me importava se eu não ia ganhar o dinheiro do estágio, que já não era uma coisa financeira. Ao mesmo tempo que tinha, de um lado, essa preocupação de garantir que a rádio funcionasse, eu sempre senti também que eu recebia uma grande pressão pelo fato de eu não ser da UnB. Hoje em dia, também tenho um outro olhar sobre isso, do que eu vivia na época, e agora eu teria me defendido mais, talvez, colocado outras coisas.

De certo modo, eu sempre lutei para que essa rádio também fosse uma rádio aberta para a comunidade, entendeu? Que não fosse só uma coisa para quem passou no vestibular. Até porque, no meu caso, eu tinha que trabalhar de dia e estudar à noite. O que aconteceu, durante muitos dias, foi que eu tive que pedir esse transmissor de volta. Isso foi muito difícil, nada diplomático da minha parte, porque eu já estava no meu limite, mas a gente conseguiu o transmissor de volta. Ele chegou com 10 *watts* de potência, mudaram o equipamento. Só que a gente já tinha um corpo, a gente já tinha pessoas muito dispostas a tocar a rádio. Com esse coletivo, a gente foi tocando e levou a rádio para o CA (Centro Acadêmico) de Comunicação.

### Qual foi a importância da Ralacoco para sua formação profissional e qual a sua maior contribuição para o coletivo?

Eu acho que a minha maior contribuição foi saber que aquilo era possível. A gente não é criminoso, a gente não é marginal – marginal no sentido que eles querem impor para a gente –, mas eu acho que esta foi a minha maior contribuição: autorizar. E, para mim, fica isso de a gente descolonizar e proteger os nossos desejos, fazer eles serem o mais autênticos possível, o máximo conectados com nosso coração, com a nossa verdade. E eu acho que essa foi a minha principal contribuição para a Ralacoco, mesmo que na tentativa e erro, gritando, chorando, criança birrenta para caramba que eu fui, mas era o meu coração falando, era o meu instinto, e eu aprendi muito com isso.



## **Rádio, cultura popular e educação: desafios e possibilidades de formação no âmbito da Ralacoco** Leonardo Augusto Carneiro<sup>8</sup>

A rádio comunitária representa uma das expressões mais significativas da comunicação, tendo em vista seu potencial na formação de cidadãos críticos e engajados a respeito de aspectos relevantes dos meios de comunicação na sociedade. Trata-se de uma forma expressiva de CPAC (Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária), inserida no contexto dos movimentos populares e das comunidades, feita por pessoas com propósitos em comum (Peruzzo, 2008, p. 49). Dessa forma, os movimentos populares utilizam da rádio e de outros meios de comunicação comunitários para buscar sua autoemancipação comunicativa, agregando a sua luta histórica pela conquista de direitos sociais e políticos, como o direito de exercer a liberdade de expressão e ampliar sua cidadania. Nesse sentido, em sua proposta original, a rádio comunitária situa-se a serviço dos interesses populares e faz do cidadão comum e de suas organizações novas fontes de informação, na busca de uma sociedade mais justa (Peruzzo, 2004, p. 50).

É possível dizer que a origem da rádio comunitária se dá em uma realidade dominada por tecnologias massivas de comunicação. Até os anos 1960, as transmissões de rádio eram exclusivas aos profissionais que trabalhavam nas emissoras. Com as rádios comunitárias, os moradores de comunidades passaram a ser protagonistas da comunicação e a desempenhar papéis sociais importantes, principalmente referentes a pautas relevantes das próprias comunidades. Segundo Ed Wilson Araújo:

As rádios comunitárias não surgem da vontade de um grupo ou de uma pessoa, ou de um segmento que decidiu montar uma emissora. Elas estão inseridas no movimento mais geral de democratização da comunicação e têm, na história, um acúmulo de experiências

8 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Tocantins (PPGCom-UFT) e pesquisador colaborador do grupo de pesquisa Comunicação Comunitária e Cidadania da UnB. E-mail: [leoaugustocarneiro@gmail.com](mailto:leoaugustocarneiro@gmail.com).

que forneceram elementos teórico-práticos indispensáveis para a formatação do conceito de rádio comunitária (Araújo, 2011, p. 97).

Não só as rádios, mas os veículos comunitários, em geral, são os que mais potencializam a participação direta do cidadão na esfera pública comunicacional no Brasil contemporâneo (PERUZZO, 2004, p.20). Assim, a comunicação popular ou alternativa encontra nesses espaços um local propício ao seu desenvolvimento, pois pressupõe-se que essas formas de comunicação realizam-se de forma livre e autônoma, sem sofrer pressões de instituições ou do mercado. As práticas em comunicação comunitária fazem parte de um processo de organização popular que abre canais de participação facilitadores de todo um processo chamado por autoemancipação cidadã.

A educação em espaços como escolas e universidades também tem muito a se beneficiar de experiências de radiodifusão comunitária e, até mesmo, livres, pois preparam o estudante para o exercício da plena cidadania e sua qualificação para o exercício da profissão (Peruzzo, 2004, p. 21). Em um contexto brasileiro, no qual o acesso à mídia não é um terreno democrático e pluralista, as rádios livres e comunitárias em espaços acadêmicos promovem ações pedagógicas que englobam a participação ativa dos participantes e a compreensão crítica. Dessa forma, podem potencializar a formação dos estudantes, bem como proporcionar parcerias e a construção de projetos de comunicação comunitária em comunidades locais.

Durante a aplicação das entrevistas a respeito da rádio Ralacoco, foram obtidos relatos dos ex-participantes sobre suas experiências de formação em comunicação popular ou alternativa e música por meio da atuação na rádio. Nesse sentido, podemos apontar que há uma evidente relação entre comunicação e educação nos meios comunitários, especialmente nas rádios comunitárias e livres. Tanto pelo processo quanto pelos conteúdos das produções, os meios comunitários oferecem um potencial educativo que contribui para a formação dos participantes em relação à cultura popular e ao fazer comunicacional.

Por meio dos conteúdos das mensagens transmitidas, os meios comunitários possibilitam uma aproximação com a cultura popular e alternativa que pode

contribuir para a formação de profissionais que trabalhem e dialoguem com temas da cultura popular, alternativa e questões de interesse social.

[...] podem dar vazão à socialização do legado histórico do conhecimento, facilitar a compreensão das relações sociais, dos mecanismos da estrutura do poder (compreender melhor as coisas da política), dos assuntos públicos do país, esclarecer sobre os direitos da pessoa humana e discutir os problemas locais. [...] Podem facilitar a valorização das identidades e raízes culturais ao dar espaço, por exemplo, às manifestações dos saberes e da cultura da população: da história dos antepassados, das lendas às ervas naturais que curam doenças. Podem servir de canal de expressão aos artistas do lugar, que dificilmente conseguem penetrar na grande mídia regional e nacional (Peruzzo, 2004, p. 20).

Os meios comunitários também têm o potencial educativo de formação no processo por meio da participação direta das pessoas. A produção de rádio comunitária, especificamente, carrega uma série de conhecimentos práticos que levam a um processo de educação informal em relação à compreensão da mídia. O cidadão e o estudante que passam a falar, a produzir e a transmitir um programa de rádio, selecionar conteúdos e discutir a linha editorial e a gestão do meio de comunicação vivenciam um processo de desmistificação da mídia, antes inacessível fora da grande mídia comercial (Peruzzo, 2004, p. 21). Além disso, fogem da lógica do fazer rádio banalizada pela massificação e mercantilização dos produtos culturais. O que é determinante no processo são os princípios dessa comunicação que passam pela autogestão popular, o respeito ao interesse social e, principalmente, a inserção das pessoas como protagonistas da comunicação popular.

Com isso, o indivíduo muda o modo de ver e relacionar-se com a sociedade e com os meios de comunicação e passa a estar apto a desenvolver seus conhecimentos e a realizar projetos de cultura popular e alternativa no âmbito da comunicação comunitária, podendo transformar a realidade histórica de exclusão nas comunidades locais pela ação dos próprios cidadãos de forma autônoma.

## **Comunicação e Cultura Popular**

A comunicação é uma forma de relacionamento e socialização com e no mundo, inventando-o e reinventando-o, exercendo o direito de liberdade



de expressão e, principalmente, produzindo cultura (Oliveira, 2017, p. 61). A comunicação comunitária ou popular, nesse sentido, acontece dentro da lógica de um tipo de cultura diferente da produção dominante da mídia comercial. A respeito dessa comunicação, Peruzzo (1998, p. 114) aponta que:

Agora, falar de comunicação popular implica falar de cultura, de relação. [...] Trazer a comunicação popular para o espaço da cultura fez introduzir a dimensão do conflito [...] histórico do qual o popular se define como movimento de resistência [...]. E conseqüentemente, a ideia de ação, de práxis. A comunicação popular é uma prática em conflito [...] Esta redefinição do popular permitiu pensar a diversidade e a pluralidade e revalorizar a relação entre comunicação de massa e comunicação popular, redimensionando este espaço ambíguo e conflitivo em que se produz o popular, fora do qual é considerado uma categoria abstrata.

Não se trata, portanto, de buscar uma comparação entre as formas de comunicação, popular e comercial, mas de analisar os modos de existência, transformação social e formação para atuar com cultura popular e alternativa que emergem da atuação da comunicação comunitária, com destaque para as rádios comunitárias. A busca por espaços mais democráticos de práticas de comunicação, aliada aos movimentos coletivos populares, retrata uma dinâmica que segue dois fatores: o atendimento às necessidades e a participação voltada à mudança social.

Conceitualmente, o termo popular abrange múltiplos sentidos e, quando se fala em produzir comunicação popular, não se trata apenas de atingir as classes mais vulneráveis da sociedade. A comunicação popular se impõe perante os contextos sociais históricos e suas progressões. Desse modo, a comunicação que foge dos meios de comunicação de massa traz subjetividades e modos de ser que se colocam em oposição à mídia dominante e seu controle sobre a produção de sentidos na sociedade, como aponta Oliveira (2007, p. 64):

A partir disso, observamos uma idéia de subjetividade fabricada, moldada, distribuída e consumida, tal qual mercadoria, atingindo as pessoas, ou seja, seus desejos, sonhos, fantasias que são atravessados, impregnados pelo merchandising capitalista que visa produzir modelos de comportamentos e de percepções do mundo. Tais modos de produção capitalísticos funcionam também através de um modo de controle da subjetivação [...].

A participação popular na comunicação comunitária por meio da rádio passa por políticas de atuação, operação e gestão, até por formas mais casuais de envolvimento. As experiências trazem desenvolvimento e capacitação por meio de oficinas, apresentando outras estratégias de comunicação e de produção de formas de se viver no mundo. Compreende-se que a comunicação comunitária, dominada e invalidada, busca fugir ao sistema de produção capitalista mercadológico, assim, entende-se, também, que lutar contra esse movimento é um enfrentamento repleto de dificuldades e entraves. Por fim, evidencia-se que a luta é para afirmar que outros modos de produzir cultura e existência são possíveis nessa conjuntura.

### Oficinas de rádio

Na universidade, a Extensão Universitária é um processo educativo, cultural e científico que viabiliza uma relação transformadora entre o ambiente acadêmico e a sociedade (FORPROEX, 2001). Nesse meio, as oficinas de rádio universitárias são uma metodologia de educação não formal que mescla teoria e prática para buscar capacitar osicineiros e gerar autonomia e valorização. Na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB), a criação da Ralacoco trouxe essa nova perspectiva para a comunidade acadêmica.

Durante a trajetória da rádio, os estudantes, técnicos, professores e público externo atuaram em diversos projetos que ofereceram oficinas no âmbito das comunidades do Distrito Federal e dentro da própria Universidade de Brasília. Essas ações buscam fortalecer a democratização da comunicação, a mobilização social e a integração dos moradores. Além disso, estimula a formação de profissionais aptos e interessados em trabalhar com comunicação comunitária, popular e alternativa, que vão reproduzir as práticas e aprendizados em outros locais.

Como aponta Gohn (2006, p. 3), a educação formal em programas com crianças ou jovens resgata os sentimentos de autovalorização e o desejo de lutarem para serem reconhecidos como iguais dentro de suas diferenças. Esse aprendizado é, na verdade, uma troca de saberes entre o ambiente acadêmico e o externo, que envolve a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade.

A transmissão de rádios comunitárias é possível por meio da luta para garantir o direito à comunicação e a democratização da comunicação no Brasil. A possibilidade de organizar e fazer uma rádio comunitária, além da apropriação da tecnologia, cria possibilidades para a construção de uma consciência e habilidade para a mobilização e organização social. Dessa forma, é um processo que resulta em conhecimento e leva a identificação de problemas e a geração de ideias e soluções para realidades específicas.

Em ambientes universitários, a execução de oficinas em comunidades externas feitas pelos estudantes leva a uma maior autoconfiança, conhecimento social relacionado à pobreza e interesse no engajamento social, como aponta Mayer (2018). Dado isso, outros resultados da formação de comunicadores por meio da comunicação comunitária podem ser oportunidades de emprego em agências e meios comunitários e, subseqüentemente, um comprometimento desses estudantes a longo prazo com a comunidade.

## Reverberação

A partir da coleta de depoimentos com ex-participantes da Ralacoco de diferentes épocas, foi possível observar os efeitos da produção da rádio comunitária na vida profissional e pessoal das pessoas ao longo das duas décadas de transmissão. Por meio das entrevistas em profundidade, pode-se apreender as subjetividades dessa comunidade heterogênea e suas diferentes formas de existir.

A formação na rádio Ralacoco proporcionou a experimentação de linguagens e o desenvolvimento de formatos inovadores. A rádio se transformou ao longo dos anos e gerou transformações nos indivíduos em vários âmbitos de suas vidas, especialmente gerando a sensibilidade e o desejo por trabalharem com comunicação comunitária e popular. Como conta a ex-participante da rádio, Patrícia Galvão, à época estudante:

[...] a minha maior contribuição foi saber que aquilo era possível. Dizer para as pessoas: “é possível, é possível”. A gente não é criminoso, a gente não é marginal – marginal no sentido que eles querem impor para a gente [...].

As rádios universitárias que atuam com comunicação comunitária se destacam pela possibilidade de ir além do campus da universidade. Em uma realidade em que o ecossistema midiático é dominado por

grandes empresas, as rádios universitárias podem se voltar não apenas à comunidade acadêmica, mas podem dialogar com a sociedade como um todo e, em especial, com os jovens que aspiram a estudar em instituições de ensino superior.

No relato de Patrícia Galvão, podemos conhecer sua trajetória profissional, que tem em seu início a participação na Ralacoco, onde atuou por um período breve. Após atuar na rádio, ela continuou a trabalhar com cultura popular e alternativa, sendo a fundadora de uma conhecida casa de cultura alternativa em Brasília, que durou dez anos. Ela aponta a influência de sua participação na Ralacoco, o que refletiu em seus trabalhos futuros e sua atuação em movimentos sociais. A atividade da casa incluiu um cineclube, espaço este que ela afirma ter se inspirado nessa perspectiva que ela trouxe da rádio.

Hoje, a ex-raladeira trabalha com uma rede de notícias, memórias e informações do Carnaval, e a influência da sua formação na rádio para trabalhar com comunicação popular e livre ainda se mantém viva em seus propósitos:

(...) porque tem tudo a ver também com essa coisa das rádios, de como que a gente pode ser mais livre, de como a gente pode sonhar mais, de como as nossas subjetividades todas podem estar materializadas aqui nesse plano, sem uma coisa tão hegemônica, sem uma só voz.

A luta pelo direito à comunicação é outro aspecto relevante na formação política das rádios comunitárias, e o desafio das comunidades passa pela apropriação e ocupação dos códigos e ferramentas de comunicação. Antes de participar na Ralacoco, Pavão Filho sempre esteve envolvido com música e movimentos sociais, como o coletivo Enegrecer, hoje ele trabalha como educador. Ele era apresentador de um programa que tocava músicas de rap e estilos periféricos na rádio universitária, algo inédito à época. Segundo ele, essas experiências foram marcantes para sua formação pessoal e profissional:

E aí, quando eu chego na Universidade de Brasília e tenho a oportunidade de entrar na Ralacoco, isso deu uma explosão, cara, na minha vida. A última experiência que eu tive foi fazendo um programa de rap, e levei isso pra

vida. Fui cantor de rap durante mais de 20 anos e, depois da Ralacoco, veio a nossa querida rádio do UniCEUB e, depois disso, a vida profissional [...].

Ele era aluno da UnB, participava de um coletivo de militância relacionado às questões raciais e de origem na periferia, então, quando se juntaram todos esses elementos, foi a sua oportunidade de se expressar sobre as pautas que lhe interessavam. A sua trajetória foi marcada pela Ralacoco, onde foi pioneiro em transmitir músicas alternativas e periféricas no campus da UnB. Anos depois, essa experiência refletiu-se em um programa popular na rádio da EBC (Empresa Brasil de Comunicação), em parceria com a CUFA-DF (Central Única das Favelas do Distrito Federal), o primeiro a tocar rap e ritmos periféricos em rede nacional, com mais de dez anos na programação com ênfase em pautas sociais, principalmente de juventude.

Foi incrível, disso tudo a gente deu muita formação na Ceilândia, muita formação em Taguatinga. A gente trabalhou com formação de jovens para programação de rádio, para escrever roteiro, performance, vinheta, enfim, para você ver para onde a minha experiência Ralacoco me levou. E, em muitas outras coisas, a gente foi longe, a gente fez entrevistas com figuras incríveis do hip-hop brasileiro e da política.

Nas narrativas ouvidas nas entrevistas com os ex-participantes da Ralacoco, observa-se um processo recorrente da busca por independência. A busca por liberdade vem desde o sujeito político/ação política contemporânea e desemboca/tensiona a esfera das estruturas comunicacionais. Há um deslocamento desde o foco na difusão/coordenação para a maior valorização da troca/auto-organização (Malerba et al., 2019, p. 15). Além disso, as novas tecnologias e ferramentas têm possibilitado novos modos de sociabilidades e luta social, o que reforça os vínculos da rádio comunitária com a sua comunidade.

É importante que toda essa experiência de rádio comunitária tenha também a dimensão da ação, entendendo que a comunicação é um processo social e, assim, é preciso ir a campo e interagir com as comunidades. Essa prática estabelecida pelas oficinas de rádio coloca em diálogo os diferentes atores, universitários, estudantes, professores e a comunidade local, com suas lideranças e mobilizações. O objetivo é a troca de co-

nhcimentos e a valorização dos vários tipos de “saberes”, num processo de aprendizado mútuo.

### Experiência para a vida

A partir das entrevistas realizadas, foi possível perceber que as experiências de rádio com princípios comunitários e voltadas à mobilização social são importantes práticas para a formação complementar dos estudantes, gerando profissionais que se aproximem de temas sociais e que venham a se capacitar para trabalhar com comunicação e cultura popular ou alternativa. A comunicação comunitária é também uma forma de alcançar as massas marginalizadas e empobrecidas, os quais veem os conteúdos da mídia de massa como irrelevantes para sua realidade ou necessidades.

A rádio Ralacoco passou por diversas transformações ao longo desses anos que passaram por mudanças tecnológicas até a sua institucionalização. Uma prática que se reproduziu em todos os diferentes períodos e gerações da rádio foi a realização de oficinas de rádio, o que permitiu a saída do ambiente institucional e acadêmico para ir a campo compreender a organização social dos territórios no Distrito Federal e gerar um intercâmbio de conhecimentos. Ao interagir no mundo real com as comunidades, por meio de ações de comunicação, são possibilitadas mudanças significativas nessas comunidades e sua população, bem como na vida dos próprios realizadores das oficinas.

Entende-se que as rádios universitárias não servem apenas para a formação de profissionais de comunicação e como prática de extensão. Podem, antes de tudo, ser utilizadas em projetos sociais que contribuam para que a população possa exercer sua cidadania, a exemplo da Ralacoco. Em outras palavras, esses meios podem contribuir para a sociedade como democratizadores da comunicação, desde a produção. É preferível a estes serem abertos à comunidade acadêmica, permitindo a prática laboratorial, a pesquisa e a extensão universitária e estar em contato com as comunidades locais e suas formas de cultura particulares.

## Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Ed Wilson. **Rádios comunitárias no Maranhão: história, avanços e contradições na luta pela democratização da comunicação.** 1º Ed. São Luís: EDUFMA, 2011.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão Universitária.** Ilhéus: Editus, 2001 (Coleção Extensão Universitária; v.1).

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** 12 p. Ensaio, Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

Mayer, B.; Blume, A.; Black, C.; Stevens, S. **Improving Student Learning Outcomes through Community-based Research: The Poverty Workshop.** Teach. Sociol. 2018, 47, 135–147.

MALERBA, João Paulo. **De rádios a redes comunitárias?** Reflexões sobre os novos caminhos tecnopolíticos da Comunicação Comunitária. Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 18, n. 37, 2019.

OLIVEIRA, N.A.G. **Nas ondas do rádio:** radiodifusão comunitária e produção de subjetividades. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

PELLEGRINI, Paulo Augusto Emery Sachse. **Extensão e educação:** o rádio comunitário como prática social e vetor de informação responsável. Revista Foco, v. 15, n. 2, 2022.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania.** In: Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 7., 2004, São Bernardo do Campo. Anais [...] São Bernardo do Campo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Comunicação nos Movimentos Populares: A Participação na Construção da Cidadania.** Petrópolis, Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor.** Palavra Clave [online]. 2008, vol. 11, n. 2, pp. 367-379.

## ENTREVISTA: As viagens pelo mundo de Lan Xang e Hom Khao

Os locutores do programa icônico do coletivo, o LAOS, trazem memórias de um outro tempo da rádio.

No início da Ralacoco, por volta do ano de 2003, Lan Xang e Hom Khao, estudantes de Jornalismo e Publicidade da UnB, tinham um programa de rádio semanal que transmitia músicas do mundo, de diferentes países. Ele era chamado de LAOS, acrônimo para Longe Alquimia das Ondas Sonoras. A proposta era trazer sempre novidades, notícias e músicas de outros lugares do planeta e que não tocavam nas rádios comerciais. E, para isso, eram convidados frequentes os estudantes intercambistas e pessoas estrangeiras, inclusive de embaixadas. Com inspiração no projeto de Comunicação Comunitária, os estudantes utilizaram a rádio para experimentar e trazer novas perspectivas de comunicação. A rádio à época era de curto alcance, mas acabou levando seus apresentadores longe em suas carreiras, abrindo portas para além dos muros da universidade e do mundo.

### Como é que vocês ficaram sabendo da Ralacoco e como se aproximaram da rádio?

**Lan:** Eu acho que é porque a gente era estudante da Comunicação e acompanhava. Eu não estava na greve de 2001, que foi o período da criação. E foi o momento que eu estava fora na universidade, lá da França. Nesse país, eu participava da rádio comunitária. Então, quando eu voltei, voltei com essa vontade de fazer, e a rádio já existia.

**Hom:** Eu participei pouco dessa greve também, porque foi numa época em que meu pai ficou bem doente, mas eu lembro muito. Eu lembro do início da criação da rádio, foi justamente em relação a essas questões políticas da greve e tudo mais. Mas, como a rádio funcionava no CA (Centro Acadêmico) [de Comunicação da UnB], quem frequentava o CA conhecia a rádio, porque ela estava ali tocando, as pessoas estavam fazendo a programação ali atrás. Era inevitável. E tinha um esforço também de divulgar a rádio e dizer que os programas existiam, que ela estava funcionando. A gente passava muito tempo no CA. Éramos ótimos



alunos, mas o CA era o nosso espaço, que a gente frequentava, e foi ali que a gente conheceu [a rádio].

## Quais eram as atividades que vocês desenvolveram dentro da Ralacoco e como se dava a sua participação?

**Lan:** Eu me lembro de participar de uma ou outra reunião, mas, assim, eu acho que nosso envolvimento era muito um esforço de produzir um programa e que tivesse essa cara da UnB. Então, eu acho que as nossas memórias são muito nessas enquetes que a gente fazia de andar no corredor, de perguntar as coisas.

**Hom:** Eu lembro que a disciplina de Comunicação Comunitária estava iniciando. Eu fiz essa disciplina e eu fiz parte da primeira ou segunda turma. E a rádio ainda não estava superintegrada na disciplina. Eu lembro que a gente fez um trabalho com o pessoal do Varjão, mas aí não era relacionado com a Ralacoco, não tinha nenhum trabalho nesse sentido de fazer oficina. Nosso envolvimento era nessa questão de conteúdo, de fazer esse programa específico.

## Como era o programa LAOS?

**Hom:** A gente e outro colega fazia esse encontro toda semana na rádio. Mas, para mim, uma das memórias mais vibrantes é uma entrevista que a gente fez com o pessoal de Cabo Verde, que foi um papo excelente, era o que retratava aquele programa. Era um pouco conhecer a comunidade. Porque tinham muitos estudantes de intercâmbio na época, e eu não sabia de onde eles vinham, como eles vinham, e era uma oportunidade de estar ali com eles e compartilhar, de desmistificar aquelas pessoas e um pouco dar voz para elas também. Assim, o que mais me marcou ali naquela salinha foram momentos que a gente sentava com pessoas que a gente não conhecia para conversar.

**Lan:** A gente teve algumas histórias engraçadas. Fomos até a embaixada do Senegal, onde fomos super bem recebidos, e a pessoa convidou para um almoço na casa dela. E também me lembro dessa entrevista com o pessoal de Cabo Verde, e teve o cara do país Basco, que era um lugar que eu absolutamente não conhecia, e a música, as histórias e os relatos eram maneiras de a gente viajar um pouquinho.

Teve uma história engraçada, quando começou a acontecer um conflito no Iraque, a gente foi até a embaixada. Era meio golpe de Estado, não lembro qual era a crise no Iraque, mas, assim, o país estava em frangalhos. A gente foi até a embaixada, um cara recebeu a gente lá, mas era um cara esquisito, e depois algumas pessoas começaram a me ligar achando que eu era amante do cara. Então, assim, as pessoas não levavam a gente a sério. Eram estudantes da universidade e, sabe, as pessoas achavam esse papo esquisito: “Que história é essa de você querer escutar a música do Iraque? A gente está em guerra!”

Porque era isso, a gente achava que era uma maneira muito interessante de falar sobre um país, apesar de ele estar em guerra. Eu tenho muita lembrança de a gente fazer essas enquetes, que a gente se divertia demais com as respostas que as pessoas davam. Uma das perguntas era: “Quando você pensa em Cuba, qual é a primeira palavra que vem à sua cabeça?”

E aí, nós temos um meme nosso, né, Hom? Um meme próprio que surgiu por causa de Cuba. Eu perguntei “O que você pensa quando pensa em Cuba?”, e o cara respondeu: “Nossa, Cuba é chique, Cuba é muito chique. Andar de barco, tomar champanhe”. E ele tinha referências de Cuba com champanhe, era um negócio assim extraordinário. Até hoje a gente fala, tudo que é alguma coisa mais chique: “Não, chique é andar de barco”.

**Hom:** E morangos. Ele andava de barco, bebia champanhe e comia morangos...

## A respeito da tecnologia que vocês lidaram ali no estúdio, como era o ambiente de produção?

**Lan:** Então, era muito caseira, né, Hom? Nossa, gente, se parar para pensar no que existe hoje... Só para vocês terem uma ideia, eu tenho os programas gravados em fita cassete. Alô?! Há 20 anos, a gente já estava na era MP3, mas sei lá por que diabos eu tenho isso em fita cassete. Mas, enfim, a gente gravava as coisas e editava num computador, provavelmente num computador pessoal. E parte da programação era ao vivo, com as entrevistas. Arrisco até dizer o nome do *software*, mas estou com medo de errar, que era o Winamp, para a gente ouvir as músicas.

**Hom:** É, eu lembro que a gente baixava os MP3 em todos os Torrents da vida, onde a gente achava que podia conseguir. Porque não tinha Spotify. Então, era tentar com o eMule<sup>9</sup>. Eram microfones supernormais, esses microfones de show. Mas o que eu lembro é que era muito independente também. A gente cuidava do nosso programa. E, no máximo, a gente tinha uma assistência ali para pôr no ar ou para alguma coisa do equipamento, para a transmissão. Mas, em relação à produção do programa em si, era tipo “se vira aí”.

**Lan:** Sim, a gente era bem autônomo nisso. A gente produzia, fazia o roteiro.

**Hom:** É, e não tinha interferência, não tinha nada. Éramos os donos completamente. E trabalhávamos independente.

**Lan:** E tinha de tudo na programação, a sensação é de que era uma coisa bem diversa mesmo e que era aberto: você chegava e apresentava um projeto de programa. O que eu me lembro era de ser muito diversa. Muito experimental, muita coisa experimental. Eu acho que tinha gente que gostava de debater política, acho que tinha muito isso de debates acadêmicos, muita coisa experimental e entretenimento.

**Hom:** Verdade. E não era repetição da rádio comercial, não. Por mais que você tenha a limitação do meio, as pessoas estavam tentando colocar conteúdos que a gente não ouvia, que não tinha nas rádios de Brasília na época. Então, sei lá, o nosso programa era de músicas que não tocavam em lugar nenhum. Eram músicas de outros países.

## Vocês acreditam que há uma contradição entre a comunicação livre, que era a ideia apregoada pela Ralacoco, e a institucionalização na universidade?

**Lan:** Gente, quando estudei na França, lá dentro, a rádio universitária fazia parte do programa acadêmico. Tudo bem que quem quisesse apresentar programa podia, era uma coisa voluntária, mas o estúdio da rádio era muito integrado às atividades acadêmicas. E eu achava superestra-

9 O eMule é um programa para transmissão de arquivos em P2P ou *peer to peer* (ponto a ponto) criado em 2002. Para saber mais: [www.emule-project.com](http://www.emule-project.com).

nho na FAC a gente ter um estúdio de rádio ali montado para as atividades acadêmicas e não ter nenhuma conjugação com uma rádio comunitária. Então, essa evolução que aconteceu para mim é uma evolução que seria natural, porque, afinal de contas, faz muito sentido uma universidade, e estudantes que estudam rádio, ter um programa juntos, porque você integra prática e pesquisa.

Não sei se estudantes de outras universidades podem integrar Comunicação Comunitária, fazer atividades de extensão. Mas, na época, isso era uma coisa legal, que acabava criando integração com estudantes de Comunicação de outras universidades, e ali você tem muita troca. E eu me lembro que participar da rádio, quando eu voltei, era uma maneira de continuar fazendo esse laboratório, que é a graça da universidade. Porque, se a gente for usar o estúdio de rádio só para fazer aqueles programinhas que ninguém vai ouvir, não faz sentido. Então eu me lembro que isso era uma coisa que na minha cabeça fazia muito sentido, e que bom que aconteceu.

**Hom:** É, eu acho que, para mim, tem a ver um pouco menos com institucionalização e mais com acesso. Se você quer fazer comunicação livre lá, você pode ter uma universidade atrás, contanto que você consiga oferecer o acesso para as pessoas, as pessoas possam produzir conteúdo e tenham liberdade de divulgar. O negócio é que, se a universidade tomar “ok, vamos participar, mas vamos limitar, e só participa quem a gente quer, no momento que a gente quer, nos horários que a gente quer”, eles estão fazendo outra coisa. É a mesma coisa, a Ralacoco era livre, e aquele estúdio de rádio era completamente organizado na UnB. Então, você pode misturar os dois, mas, no momento em que a universidade toma todas as decisões, aí perde o caráter da comunicação livre também.

## De que forma a Ralacoco contribuiu para o desenvolvimento local e para o exercício da cidadania?

**Hom:** Eu acho que uma coisa que contribuiu, e a Ralacoco teve um papel importante, é a questão do movimento estudantil, a questão das outras universidades participando ali. A gente estudou na UnB e foi mais na época da Ralacoco que eu vi pessoas de outras universidades, a gente conversando com gente de fora. E essas pessoas contribuíram, porque

sempre teve aquele preconceito: universidade pública x universidade privada. Mas a Ralacoco juntou um número de pessoas ali, de várias outras instituições, contribuindo da mesma forma, com o mesmo poder de decisão. Para mim, isso foi um processo interessante. A Ralacoco abriu esse espaço que antes não existia.

**Lan:** É isso, concordo bastante com o Hom. Então, eu acho que qualquer engajamento do estudante em um projeto de extensão sempre agrega no currículo, porque é uma maneira de você participar ativamente, gerar conteúdo, criar e interagir com colegas de outras unidades acadêmicas, de outros institutos e faculdades, e isso era para mim um dos valores muito fundamentais no período da universidade. Porque a Faculdade de Comunicação era muito criticada pela falta de equipamento, pela falta de professores que se engajavam. O aluno meio que tinha que fazer o seu percurso. E eu acho que a gente procurou participar da rádio um pouco nessa iniciativa, assim, “olha, vamos buscar maneiras de participar da comunidade de outras formas”. Essa foi uma grande contribuição da rádio para o nosso desenvolvimento. De saber que há uma participação comunitária, uma participação voluntária, se engajar em projetos.

E a gente criava um produto. A gente desenvolveu um produto que era um programa de rádio que tinha um roteiro, uma enquete, uma pesquisa musical. Cada semana, a gente elaborava um produto, e isso ajuda a gente a ter uma visão profissional, que, assim, naquela época, não dava para enxergar muito e, hoje em dia, sim. Porque, por exemplo, se você produzir um podcast, hoje em dia, existem muitas maneiras de se fazer. Tem muita gente que faz de uma maneira muito caseira, mas, quando você faz com pesquisa e roteiro, criar esse produto dava para a gente uma autonomia, uma experimentação, uma maneira de interagir que agrega muito no nosso trabalho.

### Qual a contribuição de vocês para a rádio?

**Lan:** Não sei, às vezes a gente planta uma semente sem saber qual é, mas eu nem sei se a gente deu alguma contribuição, não. A gente teve essa contribuição de se divertir muito e, profissionalmente, você também cria essas conexões. Essas pessoas com quem você acaba convivendo ali, lá na frente, você vai cruzando em outros trabalhos, e isso cria

um laço comunitário afetivo que rende frutos, parcerias profissionais. E, assim, a gente tinha essa preocupação em produzir. Eu tinha trabalhado em rádio, e eu me lembro que o rádio era uma paixão para mim.

Na França, eu ficava apaixonada, porque lá tem, assim, documentários de uma hora de rádio. Coisas que aqui no Brasil é difícilimo você encontrar uma rádio que invista nisso. Eu acho que os podcasts hoje mudaram um pouco esse cenário, mas eu me lembro que isso era uma coisa que me apaixonava na rádio lá fora e que eu nunca vi aqui. A gente tinha a oportunidade de colocar isso um pouquinho em prática, né? De fazer pesquisa.

A gente pelo menos se divertiu no processo, como eu te falei, mas a impressão é de que era muito amador. E o que é que isso tem a ver com o que eu faço hoje? Gente, acho que quase nada. Hoje eu trabalho numa empresa de comunicação corporativa, mas essa lógica de planejar, pesquisar e fazer um produto e ouvir várias vozes, isso contribui muito para o meu trabalho. Eu gosto muito de trabalhar de maneira comunitária e colaborativa. Isso é uma coisa que, só de uns anos para cá, começou a ser valorizada. Para quem trabalha em rádio comunitária, o trabalho colaborativo, essa coisa na raça “vamos fazer, um ajuda o outro”, isso era uma coisa natural no trabalho dos estudantes.

**Hom:** É, eu hoje moro no Canadá e não trabalho com Comunicação, trabalho numa empresa de tecnologia. Assim, eu não faço nada do que eu me formei para fazer. Mas, eu acho que um pouco da minha trajetória profissional também veio dessas construções que eu fui fazendo na UnB. Porque, depois que eu saí da UnB, eu trabalhei com cultura, depois com exposições, depois eu fui trabalhar no Ministério do Desenvolvimento Social e, antes de sair do Brasil, eu trabalhei na OIT (Organização Internacional do Trabalho), atuando na Conferência do Trabalho Infantil. No fim, eu acho que eu também caminhei por esse lado mais do desenvolvimento social porque eu participei dessas construções. Eu sempre tive interesse com essas coisas do mundo também, de outras culturas. Foi nesses lugares, foi na UnB, que eu fiz a minha construção política. Eu era completamente despolitizado antes de entrar na universidade e lá eu descobri onde que eu estava no espectro, foi que eu conheci coisas. E, participando da Comunicação Comunitária e tudo mais, me ajudou na frente a conseguir um emprego.

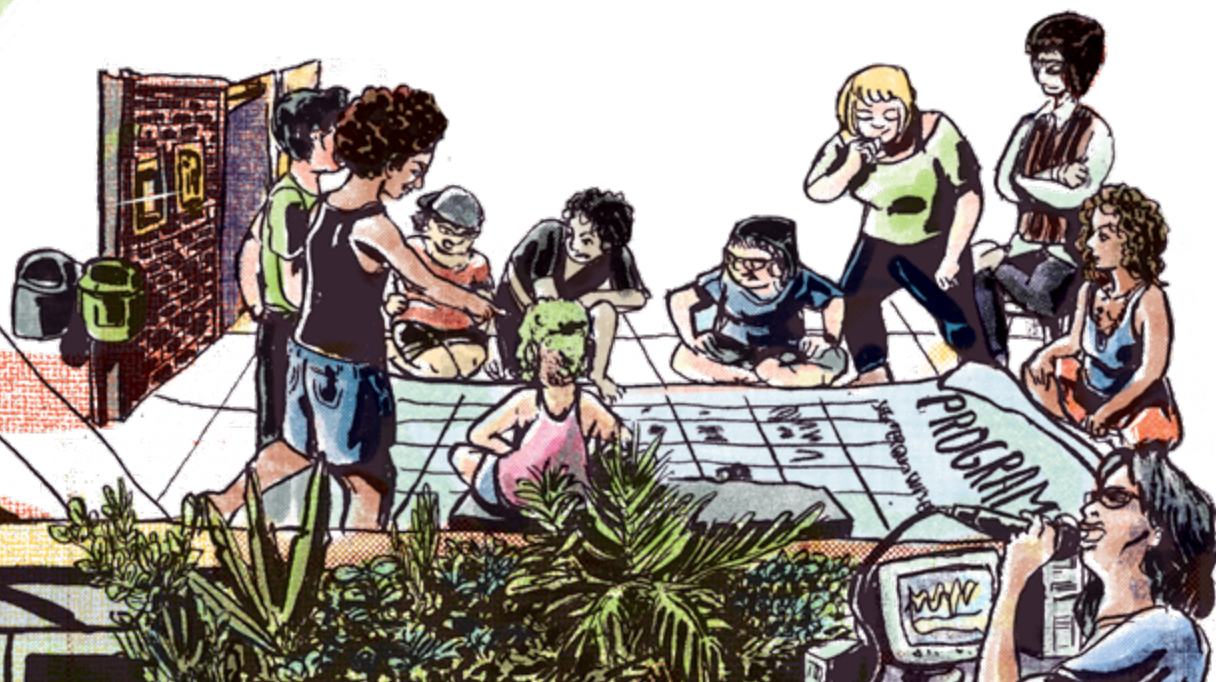
**Lan:** Só para acrescentar também, por incrível que pareça, hoje, no meu trabalho, um dos desafios que a gente teve neste ano foi começar a produzir podcasts sobre regulação de energia, que é um tema chatérrimo. E eu sou super cri-cri, porque os engenheiros querem ficar falando sobre a rebimboça da parafuseta, e eu fico treinando, falando “olha, a rádio tem que ser interessante para quem está ouvindo”.

Hoje a única coisa do meu trabalho que eu associo é que a gente cria podcast junto com pessoas dos setores de energia e gás natural. Mas eu trabalhei muito tempo no Unicef, e lá a gente produzia um boletim que se chamava *Rádio pela Infância*, que era justamente enviado para rádios comunitárias e para rádios do interior do país, com temas relacionados aos direitos da criança e do adolescente, porque a gente sabia que o rádio era uma ferramenta muito poderosa.

**Lan:** Foi muito legal participar disso, a gente tirou um bocado de memória aí do baú.

**Hom:** Eu fiquei muito feliz de a Lan ter me chamado para vir entrar de penetra na entrevista aqui. Muito bom.

**Lan:** Penetra não, Hom, você era meu parceiro!



# 2 Participação e Universidade

**Institucionalização  
do coletivo e o receio  
de limitar a liberdade  
da comunicação**

Juliana Soares Mendes

pg.  
74

pg.  
86

**Eu entrei na Ralacoco antes de  
passar no vestibular**

Entrevista com Jacó

**Comunicação Comunitária e ações  
laboratoriais permanentes**

Fernando Oliveira Paulino, Mariana Ferreira  
Lopes e Milena dos Santos Marra

pg.  
94

pg.  
105

**Um intensivão da vida acadêmica**

Entrevista com Nanisca

**Destrinchando as gerações de raladeires**

Considerando um cenário de conexões e influências múltiplas exercidas e sentidas pela Ralacoco na universidade, olhamos para as suas formas de organização. Refletimos sobre como era seu arranjo, quais tensões a impulsionam para frente e quais eram as visões de mundo que justificam as diversas propostas para a emissora. Esses pensamentos se alteraram ao longo do tempo e das gerações de raladeires. Entendemos as gerações de acordo com as características que foram dominantes em um período, independentemente do número de anos que se passaram. A seguir, apresentamos as diferenças entre elas em uma tabela.



GERAÇÕES		1	2	3	4
PERÍODO		2001-2002	2003-2008	2009-2018	2019
P R I N C I P A I S  C A R A C T E R Í S T I C A S	GRADE DE PROGRAMAÇÃO	Construção de uma grade de programação sem muitas regras a partir dos movimentos culturais da cidade.	Grade de programação recheada com programas ligados ao público e a programadores da Faculdade de Comunicação e outros externos à UnB; estabelecimento de regras para os programas.	Grade de programação escassa, feita por estudantes extensionistas que se dispunham a tocar a rádio.	Realização de chamada pública para realização de podcasts.
	TRANSMISSÃO / DISTRIBUIÇÃO DOS CONTEÚDOS	Transmissão por FM.	Transmissão por FM, pela web e ocasionalmente rádio-poste.	Transmissão exclusivamente via web.	Áudio sob demanda em plataformas digitais.
	PERFIL DO COLETIVO / DA EQUIPE	Coletivo mais ligado à política universitária.	Coletivo de gestão mais ligado à UnB e à Faculdade de Comunicação.	Estudante bolsista vinculado ao Programa Comunicação Comunitária; gestão do servidor Dissonante separada da gestão da Ralacoco.	Equipe de gestão com estudantes bolsistas e voluntários vinculados ao Programa Comunicação Comunitária; programadores externos ao Programa Comunicação Comunitária.
	INSTITUCIONALIZAÇÃO	Debates sobre regulamentação da Ralacoco como rádio comunitária.	Organização de cartilha de princípios e conceitualização da Ralacoco como rádio livre com princípios comunitários. Institucionalização da Ralacoco a partir do Decanato de Extensão da UnB.	No início dessa geração, da reforma até a inauguração da Sala de Extensão, houve um hiato nas atividades (aproximadamente entre 2009 e 2010).	Vínculo mais estreito com o Programa Comunicação Comunitária.
	ESPAÇO	Primeiras mobilizações para construção da rádio: do Sintfub, no prédio do Multiuso I, e depois dos estudantes nos fundos do CaCom.	Reparos no transmissor e instalação de antenas: fundos do CaCom.	Reforma da FAC e estúdio novo: Ubiquidade e Sala de Extensão.	Estúdio Ralacoco: Sala de Extensão.
	OFICINAS	Realização de oficinas no âmbito da disciplina Comunicação Comunitária.	Realização de oficinas por meio de parcerias independentemente da disciplina.	Oficinas escassas, realizadas principalmente no âmbito das semanas universitárias.	Oficinas periódicas para programadores podcasters; oficinas realizadas no âmbito das semanas universitárias.
	RELAÇÕES E PARCERIAS	Grupos e coletivos de política e cultura do DF, além do movimento estudantil.	Articulação com coletivos de rádio livre e comunitária dentro e fora do DF, além de escolas e outras instituições públicas e privadas.	Instituições parceiras do Programa Comunicação Comunitária.	Relações com coletivos de dentro e fora da UnB por meio dos podcasters.

## **Institucionalização do coletivo e o receio de limitar a liberdade da comunicação**

Juliana Soares Mendes<sup>10</sup>

De 2001 a 2022, a rádio Ralacoco se configurou como uma experiência que transitava entre os polos de autonomia e institucionalização. Várias gerações de jovens (estudantes e comunidade externa à Universidade de Brasília) passaram pelo coletivo e, com um esforço de horizontalidade e autogestão, contribuíram para diferentes formatos nesse espaço.

Houve momentos de espontaneísmo, como quando o grupo ocupou a sala de um professor de Desenho Industrial para impedir o desmonte do estúdio de uma rádio criada para a greve de professores e, assim, assegurou o surgimento da Ralacoco. Nas entrevistas, identificamos que aquilo que mobilizava esses jovens era poder tocar e escutar a sua música, que não passava nas emissoras comerciais.

Também existiram ações para se aproximar da universidade de forma institucional, fato que se nota na origem do nome: Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária. Essa denominação lembrava a demanda por atividades laboratoriais no currículo do curso de Comunicação. Afinal, as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Comunicação Social previam que laboratórios deveriam fazer parte da estrutura curricular de faculdades (MEC, 2001) e, dessa maneira, estrategicamente a Ralacoco potencialmente poderia atender a essa demanda.

Em termos de autodefinição, a criação de uma carta de princípios que flertava com o conceito de “livre com princípios comunitários”, no início dos anos 2000, pode ser vista como uma tentativa de associar esses dois aspectos: a autonomia e a institucionalização.

<sup>10</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (PPGCine-UFF), recebendo bolsa da FAPERJ/CAPES Brasil. Mestra em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Estudos Comparados sobre as Américas da Universidade de Brasília – PPGECSA/UnB (antigo PPG/CEPPAC). E-mail: [julianasmendes@gmail.com](mailto:julianasmendes@gmail.com).

Em entrevistas realizadas com ex-integrantes da Ralacoco, verificamos, primeiro, que, no início das atividades, não havia um apoio direto da Faculdade de Comunicação e da Universidade de Brasília (UnB). Alguns participantes lembravam que as ações se desenvolviam no espaço acadêmico, usando luz e eventualmente outros recursos. Contudo, esse suporte direto da faculdade se configurava como um risco, pois não havia uma concessão legalizada para transmissão (uma iniciativa anterior do Diretório Central dos Estudantes havia solicitado a autorização ao Ministério das Comunicações, mas recebeu uma negativa, uma vez que a UnB não era vista burocraticamente como uma comunidade). Além disso, também houve a ponderação de que a institucionalização poderia limitar o acesso das pessoas à emissora. Se a universidade pudesse definir horários de funcionamento e linha editorial, o caráter de liberdade da comunicação poderia se perder.

Algo que apareceu de forma recorrente na fala dos entrevistados foi a existência de um conflito – que surgiu no que seria a segunda geração da rádio (a de consolidação da existência da Ralacoco, após a sua criação). Havia, por um lado, o desejo de institucionalizar e fortalecer o projeto, passando pelos trâmites burocráticos e aval do Decanato de Extensão. De outro lado, a vontade de um posicionamento mais radical de liberdade de expressão e comunicação.

Quando ocorreu a institucionalização da rádio, que permanece como um projeto no guarda-chuva do programa de extensão Comunicação Comunitária, foi possível indiretamente garantir bolsas para extensionistas e recursos para ações específicas. Contudo, enfatizamos que alguns entrevistados enxergaram essa institucionalização como uma forma de sobrevivência da rádio ou como um “disfarce” ao receber bolsas mediadas por professores e o recurso ser investido no coletivo (especialmente nos anos iniciais da emissora).

Atualmente, a rádio se transformou em um estúdio localizado na Sala de Extensão (Salex) da Faculdade de Comunicação (FAC). Existem laços com a disciplina de Comunicação Comunitária, que se tornou um programa de extensão, considerado como um guarda-chuva para diferentes iniciativas (entre elas, a própria Ralacoco). Contudo, as atividades desse coletivo, conforme explicado em entrevista com participante, são desen-

volvidas de forma autônoma e comunicadas aos demais integrantes do programa. A troca de informações se constitui em um espaço para receber sugestões e apoios, sem ingerência efetiva sobre as ações. Com essa estrutura, mais recentemente, integrantes da Ralacoco fizeram um edital para convocar produtores de podcast. Ofertaram o estúdio e oficinas, estimulando o surgimento de programas que ganharam vida própria, ultrapassando o alcance do coletivo.

## Institucionalização de Movimentos Sociais

Embora esteja localizada em uma estrutura e território delimitados, aqueles da UnB, a Ralacoco se comporta de forma similar a outros movimentos sociais e, portanto, as raízes e questões que perpassam a sua institucionalização podem ser compartilhadas por outras organizações.

Inclusive, o coletivo surge a partir de uma mobilização anterior, realizada por professores grevistas em 2001. Foram esses atores que levantaram os equipamentos necessários para montar uma rádio comunitária como também acionaram produtora e estagiárias para a produção de conteúdo. Nesse sentido, a emissora se abriu para outros jovens que tinham interesse em fazer programas, e foram eles que se articularam para evitar o fechamento da rádio. Essa mobilização, que serviu como gatilho para o surgimento da Ralacoco, insere-se na dinâmica descrita por Maria da Glória Gohn:

Os movimentos sociais são fenômenos históricos decorrentes de lutas sociais. Colocam atores específicos sobre as luzes da ribalta em períodos determinados. Com as mudanças estruturais e conjunturais da sociedade civil e política, eles se transformam. Como numa galáxia espacial, são estrelas que se transformam e acendem enquanto outras estão se apagando, depois de brilhar por muito tempo (Gohn, 1997, p. 21-22).

De forma similar, o próprio coletivo se transformou. Desde uma mobilização autogestionada e horizontal para estruturas mais institucionais de programa e projetos de extensão. Havendo recorrentemente tentativas de buscar os benefícios dessa organização (como bolsas para estudantes, reconhecimento das atividades da rádio na UnB com convites para oficinas etc.), porém, ao mesmo tempo, existem esforços para proteger a perspectiva de uma comunicação livre.

Entre os atores que foram criados a partir da Ralacoco, citamos a disciplina Comunicação Comunitária (ComCom), com atuação em comunidades mais vulneráveis do DF para a promoção de oficinas e atividades de comunicação; e o Projeto Dissonante, um servidor de rádio web livre que esteve operativo até o primeiro semestre de 2022. Akire, uma das entrevistadas com atuação mais recente na Ralacoco, participando do edital para a produção de podcasts, comentou como era difícil entender a diferença entre esses três espaços (ao mesmo tempo em que trabalhavam próximos um do outro):

E todo mundo ficava meio confuso, o que é Dissonante, o que é a Ralacoco, o que é ComCom? E existia, tipo, um pouco dessa dificuldade de explicar o que eram essas três coisas, mesmo sabendo que as três coisas eram quase a mesma coisa, não quase a mesma coisa, mas tudo conversava. Então, era até interessante ver isso, era legal.

Além disso, para as gerações mais jovens, ficou uma memória de que, antes da institucionalização, havia mais liberdade e o grupo era mais mobilizado para produzir esse tipo de comunicação. Verificamos essa visão a partir da resposta da raladeira Nanisca, que não vivenciou a transformação das iniciativas em programa de extensão, contudo recebeu informações que a levaram a concluir que:

Quando o pessoal teve que subir no teto da UnB para instalar uma antena, que o rádio era só FM e AM, e tinha todo esse sistema de “puxa, vamos fazer uma rádio livre dentro da universidade”, “pô, que massa”, se torna uma questão muito mais subversiva do que você ter um estúdio de rádio dentro da UnB, pronto, acolchado, com vários microfones e computadores, não sei o quê. Então, ninguém precisou ir lá e montar antena e ver como ia fazer um transmissor [...]. Então, assim, não tem uma mobilização social suficiente. Quando o projeto não tem essa mobilização social, ele perde essa questão de subversão. [...] Quando passa a produzir alguma coisa que é para a universidade, meio que perde essa questão da identidade, de colocar a sua identidade ali e passa a ser uma questão institucional mesmo.

Ou seja, para uma representante que vivenciou o projeto já institucionalizado, a existência de um estúdio montado e equipado é interpretado como um obstáculo para maior mobilização social dos estudantes. A

subversão e uma comunicação livre estariam na possibilidade de comunicar a sua identidade, em vez de criar conteúdos produzidos e/ou direcionados para a universidade. Entendemos que esse testemunho é importante porque é uma análise de quem vivenciou a estrutura garantida com a transformação da Ralacoco e atravessa um discurso sobre a memória de gerações passadas. Pontuamos que, conforme explica Marialva Barbosa (2009), o tempo influencia como os seres humanos vivenciam sua experiência no mundo. Ou seja, o passado não é um ponto fixo, porém se configura a partir de recordações que são atravessadas por interpretações do presente.

De qualquer maneira, essa sensação de perda de liberdade pode estar associada ao conceito de comunidade. Segundo Zygmunt Bauman (2003), a comunidade remete a significados positivos e a um espaço confortável e “cálido”. Ela oferece segurança e possibilidade de ajuda quando necessário. Contudo, essa ideia de comunidade não está ao nosso alcance, pois se refere ao “paraíso perdido ou paraíso ainda esperado; de uma maneira ou de outra, não se trata de um paraíso que habitemos e nem de um paraíso que conheçamos a partir de nossa própria experiência” (Bauman, 2003, p. 9).

Para o autor, o preço de viver em uma comunidade encarnada, aquela possível, é abrir mão de liberdade, autonomia e identidade. Em troca, é possível receber segurança, proteção e entendimento mútuo. Ou seja, enxergamos um equilíbrio entre o comunitário e o individual, que pode se mover em um espectro, mais para um extremo ou para o outro, de acordo com as decisões tomadas. De forma similar a essa integração, a institucionalização da Ralacoco também foi lida a partir desses termos de perdas e ganhos com a necessidade (e posterior) vinculação da iniciativa no Decanato de Extensão da universidade.

A partir do percurso teórico realizado por Andreia de Mello (2007) sobre organização e institucionalização, compreendemos que o estabelecimento de estruturas organizacionais aponta para a consolidação de roteiros e rotinas de comportamentos para as interações sociais. Sendo que a formalização pode reduzir a demanda por decisões contínuas das lideranças, uma vez que limita as finalidades da organização. Nesse sentido, há menos dependência em relação às características pessoais

dos participantes (havendo uma supervisão cotidiana como também a externalização da disciplina e do incentivo). Esses processos de institucionalização contribuem para lidar com as incertezas como também geram homogeneidade da estrutura e da cultura.

No caso da Ralacoco, observamos a criação de rotinas e estruturas que apoiam a atuação dos estudantes. Por outro lado, ainda há liberdades explícitas na atuação no referido espaço, na medida em que o grupo apenas comunica e recebe sugestões dos integrantes do programa de extensão, sem pressões ou demandas na definição das ações a serem desenvolvidas. Também existem mudanças do perfil das lideranças, havendo formalmente a inserção do coletivo dentro de uma estrutura hierárquica, com um professor que assina o programa, e um órgão que exige processos burocráticos e eventualmente estimula determinadas atividades (como a participação nas Semanas Universitária<sup>11</sup>). No entanto, as lideranças informais permanecem, como os estudantes que ficam à frente da execução de oficinas, editais e ocupação do estúdio; e professores voluntários e/ou substitutos que anteriormente participaram da rádio quando alunos e retornam para apoiar e fornecer conselhos para o coletivo (ainda quando oficialmente essas tarefas não fazem parte do seu contrato com a universidade).

Antes de prosseguir para a discussão das entrevistas coletadas, gostaríamos de apresentar dois pontos da Carta de Princípios (reproduzida nos anexos) redigida após uma reunião de filosofia da rádio na primeira década de 2000. O documento procura fornecer bases para uma denominação que o próprio coletivo construiu à época, definindo a Ralacoco como uma rádio livre com princípios comunitários. O desejo de não se categorizar apenas a partir de um conceito, entendendo a tensão entre a liberdade e os laços institucionais com a universidade, levou esse título para a rádio.

Na carta, esses tensionamentos aparecem quando, por um lado, há a ênfase “na organização horizontal e na potencialidade de cada um/a para a

11 Esse é o nome dado a evento anual que acontece na Universidade de Brasília e funciona como uma vitrine de projetos e programas de extensão desenvolvidos na instituição. Os participantes das comunidades interna e externa podem se inscrever em atividades variadas, como oficinas, palestras, exposições e ações culturais.

construção do coletivo” e “na autogestão como fomentadora de aprendizado e sustentabilidade”. Por outro lado, as restrições, a demanda e o receio da institucionalização aparecem timidamente, quando se aponta que “a sustentabilidade da Ralacoco está relacionada com a participação das diversas comunidades” e que “a rádio dialoga com outras rádios, coletivos, movimentos sociais, universidade e o Estado, trocando ideias, mas não se submete a dinâmicas externas”.

### **Relatos sobre a transformação da rádio em projeto de extensão**

Os trechos de relatos que apresentaremos foram coletados a partir de entrevistas qualitativas, com a criação de tópicos guias (Gaskell, 2008), que orientaram as conversas a partir de um esforço de ampliar o conhecimento sobre a rádio. Esse roteiro foi elaborado pelo grupo de pesquisa Comunicação Comunitária e Cidadania, testado e revisado.

Um dos primeiros entrevistados, o Jacó, que participou da primeira e segunda gerações do coletivo, apontou o conflito entre rádio livre e comunitária, indicando, além disso, a dificuldade de caracterizar a Ralacoco segundo a legislação disponível:

Rádios universitárias também já são uma outra parada. Já têm uma ligação mais hierárquica com a universidade que, para a gente, também não fazia sentido. [...] Não interessava para a gente porque a gente também já identificava, [...] já sabia desde o começo que a Ralacoco não era uma rádio universitária. Ela estava em uma universidade, mas não era da universidade. Nem a figura de rádio comunitária nem a figura de rádio universitária para a gente faziam sentido na época. Eu me lembro que isso, pelo menos se a memória não me falha, não me trai, a sensação que eu tenho é que esse era o nosso acordo enquanto coletivo na época.

Dessa maneira, a inquietação em definir o coletivo de acordo com as leis, além dos conceitos científicos disponíveis, estava no cerne da possibilidade de institucionalização ou não. Inclusive o Ted, um raladeiro da segunda geração, percebeu claramente uma divisão de opiniões dentro do grupo, apresentando polos que precisam debater e definir o melhor caminho para o coletivo:

E aí eu não lembro exatamente como foi o meu contato, mas eu sei que eu participei de uma reunião da Ralacoco sentado no chão, em frente à prainha [espaço na frente da Faculdade de Comunicação]. Do lado



de cima, estavam pelo menos dois grupos bem fortes encarnados em pessoas nessa reunião, que eu só fui conseguir entender depois [...], que representavam discursos diferentes. Um com discurso de rádio comunitária e outro de rádio livre, sem regulamentação, sem nenhum tipo de institucionalização, era legal perceber isso, mas eu não tinha o menor background, nada para entender esse contexto, mas eu achava o máximo as pessoas sentadas ali em um sábado para falar da rádio.

**Uma integrante que representava um desses polos, e via a rádio como “essa coisa libertária, anarquista”, relata as reações acionadas pela discussão. De acordo com Patrícia Galvão:**

E eu fui ficando muito aborrecida quando foi acontecendo a institucionalização da Ralacoco, porque tinha esse vínculo com a disciplina, e eu achava que não tinha que ter um vínculo com a disciplina para fazer programa, a gente não podia sujeitar as pessoas a isso. (...) Porque eu ficava enlouquecida com isso, que estava tendo um debate, então, podia ter sido, pelo menos, comunicado que ia se abrir uma nova disciplina [Comunicação Comunitária 2] e tal, e isso não foi combinado com o coletivo da rádio, então, tinha um nível superior de instâncias e de decisões sobre algumas coisas e que, claro, eu, menina, o que eu pensasse e tal, não interessava.

**O raladeiro Charles Pilsen pontuou a tensão desse debate, porém também indicou a necessidade de sobrevivência da rádio. Em um primeiro momento, a formalização acontecia como uma “camuflagem” para garantir a continuidade das ações, porém, depois, em 2007, efetivamente houve um registro de programa de extensão:**

Eu achei que era importante para a gente ter, contar com esse apoio da FAC [Faculdade de Comunicação], para sobreviver, né? Porque, assim, se a FAC quisesse denunciar a gente ou quisesse mandar a segurança tirar, seria feito, porque, enfim. Caberia uma discussão, mas eles tinham um poder, né, e a institucionalização é isso. Mas, assim, eu acho que a questão foi sobrevivência mesmo, ninguém queria virar um projeto que nem é hoje, talvez [cita alguns nomes]. Mas foi depois, eu acho que ele tomou esse rumo de virar uma rádio, projeto de extensão contínuo depois de 2005/2006 e foi essa coisa, foi o jeito da rádio sobreviver em outras épocas, né? Na nossa época, era meio que um esconderijo, a FAC, meio que a institucionalização era meio que um disfarce para gente, né? Uma camuflagem para a gente.

Nesse primeiro momento mencionado pelo raladeiro, integrantes da rádio recebiam bolsas a partir da intermediação com alguns professores da universidade e os recursos eram revertidos para o coletivo. E, de modo geral, os participantes lembram da estrutura física e da energia elétrica como apoios oferecidos pela faculdade. Contudo, após 2007, há a formalização e a possibilidade de acessar bolsas e editais externos à UnB para obtenção de recursos e materiais. Posteriormente, em 2010, é inaugurada a Sala de Extensão, que recebe o estúdio da Ralacoco em um espaço novo e equipado.

Nossa pretensão com esse artigo não é concluir se um caminho era mais adequado do que o outro para o coletivo, inclusive porque decisões diferentes resultariam em arranjos e produções distintas. Nossa intenção é revelar a pressão de dois polos e como o grupo caminhou para formalizar suas estruturas, roteiros e cultura. Entendemos que, apesar de existir uma memória idealizada de antes da institucionalização, o tensionamento entre liberdade, coletivo, linha editorial e como são as interações com as estruturas formais da universidade permanece.

## **O coletivo construiu a sua própria versão de institucionalização**

A partir das entrevistas com integrantes da Ralacoco, compreendemos que o processo de institucionalização ocorreu a partir de negociações, que eventualmente produziam conflitos internos. A principal questão que se colocava era se essa aproximação e integração com a universidade significa a perda de liberdade e autonomia, vistas como necessárias para a prática de uma rádio livre.

Havia várias alternativas para a institucionalização, como a legalização, a obtenção de bolsas, a seleção em editais, o convite para oficinas e eventos (que refletiam o reconhecimento da emissora como parte da universidade) e o efetivo cadastro no DEX. Embora o fenômeno que analisamos tenha mobilizado de forma diferente os e as raladeiras (gerando mudanças constantes que fomentaram a continuidade das ações e permitiram adaptações para evitar o encerramento das atividades), torna-se relevante destacar as contradições presentes na via escolhida.

Não foi realizado um registro no DEX para o projeto de extensão Ralacoco, ação que explicitaria e tornaria evidente a opção pela institucionalização. Em vez disso, a disciplina Comunicação Comunitária se transformou oficialmente em um programa de extensão em 2007. Como programa de extensão, era necessário citar que ações e projetos embarcavam. Ou seja, no formulário de inscrição de Comunicação Comunitária, tanto a Ralacoco como o Dissonante foram citados e descritos. No entanto, nem uma dessas iniciativas passou por cadastros específicos e próprios de integração burocrática à universidade – em vez disso, foram incorporados como projetos que fazem parte do Programa Comunicação Comunitária e inseridos, então, no processo administrativo específico para o reconhecimento do mencionado programa. Por um lado, há um aval institucional e possibilidade de repasse de recurso para ambos; por outro lado, não há uma influência e exigências diretas da estrutura universitária sobre os dois, em comparação à Comunicação Comunitária.

Esse arranjo pode explicar a liberdade gozada pelos atuais participantes da Ralacoco. Lembramos que as ações dependem do interesse e dedicação dos envolvidos para continuarem (especificamente o Dissonante encerrou suas atividades no primeiro semestre de 2022, porque não havia pessoas dispostas a trabalhar pela continuidade do projeto). No cenário de Comunicação Comunitária e da Ralacoco, isso pode significar uma equipe enxuta e ausências que promovem a autonomia e a tomada de decisões de forma horizontal. Até mesmo raladeires de mais tempo que optam por apoiar o coletivo fazem essas ações a partir de uma perspectiva voluntária, com um aspecto menos hierárquico e mais de aconselhamento.

Portanto, similar às gerações anteriores da Ralacoco, ainda há o potencial de disputas e conflitos (a depender do posicionamento daqueles que se destacam como lideranças), porém também existe a abertura para o planejamento e a gestão segundo os interesses de raladeires (principalmente por causa das ausências que indicamos anteriormente). Considerando que foi a adaptação e a transformação do coletivo que garantiram a sua manutenção e sobrevivência até os dias de hoje, seu futuro continua a depender de como os envolvidos enfrentam os desafios. De acordo com as falas de Akire, uma participante de gerações mais

recentes, a principal questão que enfrentaram é a definição do propósito da Ralacoco diante das mudanças tecnológicas e dos interesses daqueles que podem ocupar seu espaço:

Eu sempre achei que realmente na FAC tem muita gente interessada em podcast, mas parece que o pessoal vai para outros caminhos e não para a Ralacoco. [...] A gente é o primo pobre [...]. Mas eu ficava pensando nisso, tipo “poxa, vem para cá”, né? Mas o podcast existia a possibilidade de gravar no próprio celular em casa, como a gente brincou, o melhor estúdio de gravação é dentro do seu armário. Pega o seu microfone e dá certinho, abafado e dá para gravar. [...] Hoje eu vejo que estúdio não é uma coisa tão necessária e hoje eu fico pensando “tá, para onde a Ralacoco vai depois dessa?”. Porque antes a gente pensava “olha, a gente tem estúdio, vem para cá” e hoje a pessoa pode fazer literalmente de qualquer lugar. Então, eu fico pensando para onde pode ir, sabe, e eu não chego a nenhuma conclusão ainda não, sabe? É um espaço bacana, mas é isso, a galera tem que se interessar muito em mídia alternativa, em rádio comunitária.

Essa resposta foi apresentada durante a pesquisa que realizamos em meio à pandemia de covid-19, que promoveu o distanciamento e isolamento social, fato que provavelmente produzirá impactos na mobilização desse coletivo. Estudos futuros poderão mostrar como as decisões, tomadas no campo da institucionalização construída para a Ralacoco, geraram ou não transformações que consolidam a impermanência e a continuidade dessa iniciativa.

## Referências Bibliográficas

BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. **Comunicação, mídia e consumo**. Vol. 6, n. 16, julho, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/154>>. Acesso em: 12 set. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. Uma introdução ou bem-vindos à esquiva comunidade. *In*: **Comunidade: a busca por segurança no mundo a atual**. Rio: Zahar, 2003.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MELLO, Andreia. **Burocratização e institucionalização das organizações de movimentos sociais**: o caso da organização de prostitutas Davida. [Dissertação] Belo Horizonte, Programa de Pós-graduação em Sociologia, UFMG, 2007. Disponível em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-7GYUWE/1/disserta\\_o\\_andreia.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-7GYUWE/1/disserta_o_andreia.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**. Parecer 492/2001. Brasília: Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2022.



## **ENTREVISTA: Eu entrei na Ralacoco antes de passar no vestibular**

O estudante que fez seu TCC sobre a relação da rádio com a educomunicação, de início, participou da emissora porque buscava uma vivência profissional.

Jacó se formou em Jornalismo e Música pela UnB. Também iniciou o curso de Japonês, mas não o concluiu. Atualmente trabalha como músico e professor de Música. Ao lembrar da experiência com a Ralacoco, emociona-se e compara o coletivo a uma república. As pessoas não eram obrigadas a fazer nada, mas naturalmente tinham que assumir algumas tarefas para que o arranjo funcionasse. Esse raladeiro passou 5 anos no coletivo e, ao final, entregou um produto multimídia que registrava o dia a dia da rádio.

### **Como foi a sua experiência na Ralacoco?**

Eu já comecei a tomar contato com a Ralacoco desde o início. Na verdade, antes de entrar na UnB, pois a Rádio Comunitária da UnB começou lá em alguma greve de professores e eles deram apoio para a galera usar a rádio como uma forma de Comunicação dos próprios professores e da comunidade acadêmica. Esse foi bem o primeiro momento mesmo, de nascimento da rádio. Eu não era aluno da UnB ainda. Meu irmão era aluno da UnB, fazia História. Ele me falou que estava rolando isso porque ele sabia que eu tinha interesse pela Comunicação.

Depois eu perdi um pouco o contato e, quando eu finalmente passei lá no Jornalismo (e me formei em 2007), eu entrei e já era a Ralacoco. O resto foi história. Hoje, inclusive, depois que eu comecei a me envolver com a música, comecei a tocar em uma banda. Por acaso, o guitarrista da banda é ex-aluno da Comunicação também e diz que foi ele que sugeriu o nome da Ralacoco. Eu achei uma sincronia bem interessante.

Bem, voltando. Olha, eu estava saindo do colégio e entrando na universidade, então eu estava vivendo aquela experiência de folhear aquele Guia Abril do Estudante dez vezes por dia. E, cada vez que eu folheava ele, encontrava uma profissão diferente para mim. No meio disso tudo, um belo dia eu resolvi que eu queria fazer Comunicação e comecei a me aproximar disso. Foi uma perspectiva profissional mesmo.

Eu me lembro que eu estava nesse curso de locução de rádio e eu me via como um locutor de rádio. Eu projetava no futuro que eu poderia estar em uma rádio fazendo locução de programa, entrevistando as pessoas e falando daquele jeito de locutor. Eu ainda não tinha contato com assunto de democratização da Comunicação, visão crítica, essas coisas. Não era o que estava me empurrando para a Ralacoco nesses dias. Era mais uma questão profissional mesmo. Eu não sabia o que era rádio comunitária. Depois que eu entrei, fui vendo que o buraco não era nem mais embaixo, era em outra direção.

E foram cinco anos que eu fiquei na Ralacoco. Fiz o TCC sobre a rádio e educomunicação para me formar. Após sair da UnB, eu perdi contato com o coletivo e depois foi tendo uma baixa mesmo de pessoas saindo, acho que deu uma parada um bom tempo.

## **Como era a rotina do coletivo e quais atividades eram desenvolvidas?**

Eu ia pedir desculpa, que falar na Ralacoco sempre me emociona, mas eu não vou pedir desculpa, não. Eu acho que inclusive a emoção é parte do combustível desse tipo de locomotiva.

Bem, eu vejo que tinha gente que estava o tempo todo fazendo as coisas juntos. É difícil, para mim, discriminar, separar o que cada um estava realmente fazendo. Acho que talvez tivesse gente ali que estava fazendo tudo o tempo todo, ajudando sempre no que aparecia. Teve uma galera que abraçou muito a Ralacoco nessa época. A sensação que eu tenho é que nem era na verdade um grande trabalho de dizer “assumi tal compromisso, vou ter que fazer”. Não, a sensação que eu tenho é que era meio que nem quando você muda para uma república. Vamos supor, você muda para um ambiente que tem outras pessoas morando também. Naturalmente todo mundo vai ter que cuidar da casa, todo mundo vai ter que cuidar do jardim, todo mundo vai ter que lavar as vasilhas, cada um vai ter que se responsabilizar pelo que sujou e cada um vai ter que tomar alguma parte no que é coletivo. Então, por mais que haja divisão de tarefas, “você cuida do jardim, você cuida da cozinha”, acaba que sempre um está precisando de ajuda e o outro vai lá e dá um toque, dá uma ajuda, oferece uma coisa. Eu sinto que tinha muito isso. Para mim é difícil delimitar um pouco onde terminava um e começava o outro.

Lembrando um pouco aqui, a gente fazia uma divisão em comissões que eram responsáveis por vários aspectos. Tinha uma comissão técnica, tinha uma comissão de organização, uma comissão de programação. Cada comissão era responsável por uma esfera da rádio. Essa comissão de organização sugeria as normas de convívio ali, para a organização, mesmo, física da rádio e da entrada e saída de programador. A comissão técnica era responsável por conseguir encontrar o técnico de eletrônica que pegava o transmissor para arrumar e sumia. Tinha a comissão de programação que ajudava a dar essa organizada no cronograma semanal e tudo.

Além disso, eu também participei de reuniões filosóficas da Ralacoco. Teve uma que foi até no sítio lá de um raladeiro. E eu tive acho que uns três programas diferentes lá. Em um, a gente entrevistava bandas e músicos. No outro, a gente entrevistava projetos da UnB e visualizava essa coisa de que tem muita coisa acontecendo na UnB e pouca gente sabe do que está rolando. Tinham pesquisas mesmo muito interessantes. Depois eu fiz um outro programa, e já era só eu, falando de baixistas. Eu comecei a me apaixonar pela coisa do baixo elétrico, que é o instrumento que eu toco hoje, o meu instrumento principal. Nessa época, foi quando eu comecei a mergulhar mais nisso.

E eu lembro também de uma situação interessante. Não era eu que estava fazendo o programa, mas eu estava descendo a pé para a UnB, passei embaixo de um prédio e vi o porteiro do prédio ouvindo a Ralacoco. Teve algumas coisas que eu achei bem legais nessa época. Nesse sentido de fazer os programas e perceber que eles eram ouvidos, inclusive de comentário de amigo mesmo, de gente próxima. E o pessoal falando que achava massa, um ou outro programa que achava legal que a gente estava fazendo. E claro que a gente aproveitava para tentar puxar a pessoa também para a Ralacoco.

Ah, e teve a Operação Viagra, um e dois, para levantar a antena, porque a gente estava sem. Na época, eu acho que ela estava só na internet mesmo, só no streaming. Eu namorava uma menina lá no Gama e comecei a ver que no Gama tinha muita torre de vergalhão que o pessoal botava as antenas lá em cima. A gente foi ao Gama, conseguiu comprar uma e botou a antena lá em cima para melhorar a transmissão e voltar a transmitir em FM.



Na primeira Operação Viagra, a torre caiu. Não foi essa torre que a gente arrumou do Gama, não. Foi uma outra coisa. Eu acho que era um suporte de antena que você encontra em loja, alguma coisa do tipo. Só que, por algum motivo, ele não ficou bem colocado.

Eu lembro de uma história que era o seguinte: tinha um uruguaio que participava da Ralacoco que era também técnico, se não me engano, de eletrônica ou de telecomunicações. Ele já não estava tão colado nem morava mais aqui em Brasília, mas ele ainda mantinha o contato e meio que dava essa assessoria técnica para a galera. A comissão técnica conversou com ele, que disse: “para levantar esse suporte aí, vocês vão precisar de tal material”. Eu lembro que ele falou de uma fita que se chamava fita de autofusão. É uma fita que, sinceramente, até hoje eu não entendi muito bem para que ela serve. É tipo uma fita isolante que, quando você enrola ela por cima dela mesma, igual à fita isolante, você vai subindo as camadas. Com o tempo, ela vai fundindo uma camada na outra. Por isso ela se chama autofusão. A gente anotou os materiais e comprou tudo lá. Na hora de instalar, a gente não conseguia mais manter o contato com o técnico. Não existia nem WhatsApp, era tudo no e-mail. Chegou na hora, tinha aquela lista de materiais. A cena que eu me lembro é daquela torre lá em pé. É uma torrezinha de metal que é meio que parafusada no chão. Ela em pé e um raladeiro enfiando a antena e enrolando a fita nela. Era como se o tubo da torre fosse mais grosso e a antena ficasse bem mais fina dentro dele, sambando dentro do tubo. A gente enrolava a fita na antena, para diminuir a folga, só que a fita era meio fofa. Então ela meio que diminuía a folga, mas continuava ainda balançando. Em momento nenhum aquilo me inspirou confiança. Eu olhava assim e ficava: “se bater um vento forte aqui, acabou a transmissão”. E rolou um negócio de levantar essa antena desse jeito, meio remendado, meio esquisita.



## **Você passou cinco anos no coletivo e, em uma época que nem existia WhatsApp, quais foram as mudanças técnicas e tecnológicas que você vivenciou ali e como elas impactaram na atuação da rádio?**

Quando eu estava no meio do curso, na verdade, eu acho que antes de eu estar no meio do curso, talvez quando eu entrei, já estavam na internet. Não me lembro se ela já estava transmitindo, mas eu acho que ela já estava na internet. E dois raladeiros pegaram mais pesado nisso, inclusive, com o TCC deles, criaram o servidor de rádio livre Dissonante. Eu acho que, naquela época, pouca gente ouvia rádio on-line. E eu ainda estava na nostalgia do FM. Mas rolou isso.

Outra mudança tecnológica que acho que colou ali na época foi a mudança do CD para o MP3. O MP3 foi só se tornando mais presente. Então a Ralacoco tinha lá umas prateleiras de CDs, e era muito legal ainda CD de banda que a gente entrevistava.

Sobre o MP3, tem a questão dessa facilidade de logística mesmo, de poder de repente gravar a programação toda e manter ela durante um tempo ou durante muito tempo em um arquivo, em um drive, compartilhar. Isso aí sem dúvida é fenomenal, inclusive do ponto de vista de registro mesmo. Eu não preciso nem passar o espanador para tirar a poeira, eu chamo isso de “custo logístico”. Nem sei se esse termo existe dessa forma. Se eu tiver uma prateleira cheia de CDs, eu vou precisar de alguém organizando isso para poder encontrar esses CDs se eu quiser utilizá-los. Vou precisar de alguém para limpar CD.

MP3, arquivos de qualquer forma, vem outro problema. Quando a gente tem muito recurso, a gente tende a acumular muita coisa também. Então, da mesma forma, mesmo que seja um espaço virtual, tem que ter uma organização, senão vira um monte de entulho virtual. A gente tem ferramentas que inclusive facilitam essa organização. Você tem como enfiar um monte de MP3 dentro de uma pasta e depois clicar no botãozinho que está escrito lá, classificar, só que é uma organização alfabética.

E eu não tenho a menor dúvida, apesar da nostalgia, que a tecnologia proporciona coisas muito transformadoras. Inclusive, há muito tempo, eu

acho que a internet é um cérebro coletivo fenomenal. Como todo cérebro, pensa muita porcaria, mas pensa muita coisa boa, tem muita criatividade. E, como cada um usa o seu próprio cérebro, usa o cérebro coletivo e a ideia de cada um. Iremos descobrir formas de melhorar a si mesmo.

## **Pensando na produção do coletivo, havia outros conteúdos realizados para além dos programas?**

Sim. Bem lembrado. Tinha. Eu me lembro de a gente, eu e o meu irmão, sair gravando a galera no corredor no Minhocão. Também fizemos vinhetas e spots. Eu recorro inclusive de uma campanha, eu acho que foi uma coisa feita com o pessoal de uma escola pública, para educação sexual.

O que mais que teve? Teve uma cartilha explicativa da rádio. Dessas com folha que dobra em três partes. Eu lembro de uma dessas falando o que era a Ralacoco e eu acho que essa cartilha era usada muito para chamar pessoas novas no começo do semestre, essa coisa toda.

E eu acho que os programas e produtos eram, sim, inovadores. A própria base que estava começando, isso já era de uma comunicação alternativa. O princípio da rádio era de entre aqui, seja lá quem você for, e faça a sua comunicação. Mesmo que a gente estivesse fazendo alguma coisa muito parecida com o que já estava sendo feito, o motivo inovador dele já era alguma coisa. Isso inclusive do ponto de vista da educomunicação. Com todos esses questionamentos, a coisa do protagonismo na comunicação já é transformadora, e o aprender, eu entendo isso como professor, começa pela imitação. Um imita o outro e aprende com o outro. Depois a gente pode partir para coisas diferentes. Mas eu acho que a gente buscou, sim, formas diferentes.

E a Ralacoco é uma rádio que está na universidade, está na Faculdade de Comunicação, mas ela não é da universidade no sentido estrito. Então, eu entendia, a partir desse diálogo, que a rádio recebeu uma concessão de um espaço ali. A gente tinha um espaço que era meio ocupação e meio concessão, porque, se alguém mandasse a gente embora, provavelmente a gente também não iria, então se tornaria uma ocupação. Aliás, de fato isso aconteceu no primeiro momento da rádio quando estava no prédio da ADUnB. Quiseram tirar o pessoal de lá, o pessoal não

quis sair até arrumarem um novo espaço, e foi quando arrumaram um espaço lá na Comunicação.

Eu lembro de um figura, lá nesse início da rádio, nos primeiros anos – ele não era estudante da universidade, mas ele vinha, acho que era do Paranoá, e fazia um programa na rádio de rap. Esse programa durou um bom tempo também. Esse tipo de coisa eu acho que algumas vezes, não foram muitas. Infelizmente a universidade é um lugar de difícil acesso físico. Poucas linhas de ônibus vão para lá. Isso para mim era um questionamento muito grande. Por acaso, depois, quando o meu irmão começou um projeto que disponibilizava bicicletas a serem utilizadas para locomoção no campus, eu vi que realmente era um questionamento de muitas outras pessoas, a coisa da locomoção, da mobilidade. Eu entendo que, se houvesse mais mobilidade, essa rádio teria sido ocupada por pessoas de fora da universidade de uma forma mais perene.

Eu acho que a disciplina de Comunicação Comunitária deu mais esse contato de outras pessoas que nem eram da Ralacoco, mas que, a partir de ComCom, também tomaram contato com a rádio. Começaram a levar a gente também para outros ambientes. Eu me lembro de ter ido lá no Quilombo do Mesquita e conversar com eles, o que eles entendiam que era necessidade de Comunicação, e pensar em alguma coisa que pudesse desenvolver a partir daí.

Além disso, eu vejo que rolou outros contatos que eram sempre trocados com outras pessoas de outros movimentos, dentro da universidade e fora dela. Eu vejo que foram várias tabelinhas se formando, tanto da rádio tendo contato com outros movimentos sociais quanto outros movimentos sociais tendo contato com a rádio.

Comunicação Comunitária eu acho que é, de fato, ter uma comunidade. E eu acho que isso aconteceu muito bem na Ralacoco. É você ter uma comunidade que consegue se somar para encontrar autonomia e consegue realizar, quando a gente fala em direito à comunicação, e exercitar essa comunicação como direito de fato.

## **E qual foi a importância do coletivo na sua formação profissional e como cidadão?**

Hoje minha atuação profissional principal está sendo como professor de Música. Eu trabalho como músico e professor de Música. Eu vejo que toda essa carga veio sendo trazida mesmo. Felizmente, na formação lá como professor de Música, eu vejo que a galera também contempla na licenciatura algumas coisas que são bem mais modernas no sentido da educação, de fazer uma educação que tem sentido prático, que tem sentido na vida das pessoas muito mais do que só a coisa teórica.

Eu, como professor, hoje tento levar também essa questão, de alguma forma, para os próprios alunos, para as próprias pessoas que estão fazendo aula. Eu tento trazer um pouco essa questão do puxar a vontade da pessoa que está querendo aprender, trazer a autonomia dela. Fazer com que ela traga a partir do que ela gosta de ouvir, do que ela gosta de tocar.

Estou até querendo fazer um canal no YouTube voltado para isso, voltado para outras coisas que não têm a ver só com domínio técnico de instrumento. Eu vejo que é uma coisa que foi o cerne da discussão sobre cidadania, autonomia e liberdade, inclusive liberdade criativa. Essa parada toda que começou lá na Ralacoco foi me trazendo uma forma de agir hoje em relação às coisas que eu faço na vida mesmo, inclusive dar aula de música, que, se eu não tivesse passado por aquele ambiente, eu acho que eu ia estar insatisfeito e, ao mesmo tempo, sem saber exatamente como resolver essa insatisfação até hoje. É isso. E, pensando como cidadão, eu vejo que eu busco me colocar de uma forma mais crítica em relação às coisas que acontecem no meu meio, no meu país. As minhas práticas cotidianas mesmo, com relação ao ambiente onde eu estou, com as pessoas com quem eu convivo e por aí vai. Aquela história de respeitar o espaço público como uma coisa que é de todo mundo e não como uma coisa que não é de ninguém, por exemplo. É bem conciso, eu acho. É por aí.

## **Comunicação Comunitária e ações laboratoriais permanentes**

**Fernando Oliveira Paulino<sup>12</sup>**

**Mariana Ferreira Lopes<sup>13</sup>**

**Milena dos Santos Marra<sup>14</sup>**

No 1º semestre de 2002, foi ofertada, na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB), a disciplina Comunicação Comunitária, ou ComCom, como é chamada pelos estudantes, sob responsabilidade dos professores Luiz Martins da Silva e Wagner Rizzo<sup>15</sup>. A criação da matéria foi estimulada pela necessidade de amparar a existência da Ralacoco como iniciativa de transmissões experimentais em FM por meio de um coletivo, com a participação tanto da comunidade acadêmica quanto de outras pessoas interessadas.

A Ralacoco é herdeira da mobilização pela Rádio Comunitária da UnB, projetada para ser um veículo de comunicação utilizado na greve de docentes e técnicos em 2001 com o apoio da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) e do Sindicato dos Trabalhadores da Fundação Universidade de Brasília (Sintfub). Nesse sentido, é importante lembrarmos a ação liderada pelo Diretório Central dos Estudantes para criar a Outra FM, emissora experimental que buscou suprir difícu-

<sup>12</sup> Um dos fundadores da Ralacoco (quando mestrando em 2001), docente de Comunicação Comunitária (desde 2002) e professor da Faculdade de Comunicação da UnB. Presidente da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (Alaic). E-mail: [paulino@unb.br](mailto:paulino@unb.br).

<sup>13</sup> Uma das docentes de Comunicação Comunitária desde 2020. Diretora Cultural e de Projetos da Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã (ABPCom). E-mail: [lopes.mariana@unb.br](mailto:lopes.mariana@unb.br).

<sup>14</sup> Docente da disciplina Comunicação Comunitária na Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da mesma instituição. E-mail: [milena.bmarra@gmail.com](mailto:milena.bmarra@gmail.com).

<sup>15</sup> A disciplina contou com a participação do pós-graduando Fernando Oliveira Paulino, que, antes de ser aprovado em concurso público na Faculdade de Comunicação da UnB, igualmente atuou nas disciplinas Comunicação Comunitária e Comunicação Comunitária 2 como professor voluntário.

dades de comunicação dentro e fora da UnB, dois anos antes. Algo que também foi presente nas ações a favor da Rádio UnB, em 1985, que desaguaram na criação da Rádio Cultura FM em função de o Governo Federal de então ter preferido oferecer concessão educativa para administração do Governo do Distrito Federal. A ausência de uma rádio ou de uma TV universitária aberta em Brasília é uma tarefa pendente desde a fundação da UnB (PAULINO; LOPES e OLIVEIRA, 2021) e foi inviabilizada por diversos motivos, tais como medidas autoritárias, sobretudo durante a ditadura militar, dificuldades políticas e falta de compreensão sobre comunicação científica ou comunicação pública por parte de seus gestores. Diversas tentativas foram realizadas para aprimorar ações de comunicação, memória e informação ao longo do tempo, mas estas permanecem pendentes<sup>16</sup>.

Até 2002, a única atividade de extensão permanente e institucionalizada na FAC-UnB era o projeto SOS Imprensa<sup>17</sup>, iniciado em 1996 e que se manteve ao longo do tempo como uma ação de pesquisa, ensino e extensão, com o objetivo de monitorar a mídia e servir como ouvidoria para vítimas da imprensa, além de estimular a leitura crítica dos meios de comunicação pela sociedade. Destacamos igualmente as atividades na interface entre comunicação e cidadania que tiveram papel importante na formação de estudantes e mobilizadores, sobretudo nos anos 1980, geridas pela professora Arcelina Dias, e, nos anos 1990, quando da realização de uma parceria que teve como tema Comunicação e Mobilização Social, com a participação de docentes como Tania Montoro, Dione Oliveira Moura, Wagner Rizzo e Luiz Martins da Silva.

Por meio de reflexões relacionadas à necessidade de aperfeiçoar a formação discente e atualizar o currículo dos cursos de graduação, a

16 Mais informações, documentos e propostas disponíveis em: <https://noticias.unb.br/76-institucional/686-reuniao-por-comunicacao-integrada-na-unb>. A síntese das ideias debatidas era aperfeiçoar as ações de comunicação pública e científica da UnB e outras instituições de educação superior, alterando um modelo de comunicação majoritariamente oficial (com conteúdos próximos a pautas “gestor fez, gestor faz”) para o desenvolvimento de canais de formação e educação, tão necessários na comunicação científica e na prevenção à desinformação, algo ainda mais evidenciado na pandemia ligada ao coronavírus.

17 Conheça mais sobre o projeto em: <https://sosimprensa.wordpress.com/>.

disciplina de Comunicação Comunitária surgiu com a possibilidade de se aliar a teoria de mobilização social com o trabalho de campo no Varjão, região administrativa do Distrito Federal que acolheu as ações até 2006. Nesse mesmo ano, a UnB inaugurou o campus de Planaltina e, a partir disso, os(as) responsáveis pelas atividades presenciais de ComCom foram convidados(as) a concentrarem o trabalho no norte do Distrito Federal, não apenas em Planaltina<sup>18</sup> mas também na Fercal, em Sobradinho e em Sobradinho 2<sup>19</sup>.

A atuação no Varjão é um ponto importante no resgate do contexto de criação da disciplina Comunicação Comunitária, que se deve a uma parceria entre a disciplina e um projeto de extensão coordenado pela Professora da Faculdade de Medicina da UnB, Marilucia Picanço. O referido projeto já atuava na Região Administrativa para a promoção da saúde local, buscando, além de estimular o surgimento de lideranças locais, desenvolver capacidades para que esses cidadãos pudessem se manter e sustentar suas práticas em benefício da comunidade. Assim, em uma ação conjunta entre as Faculdades de Medicina e Comunicação e o Departamento de Ciências da Computação, foram desenvolvidas oficinas de informática e comunicação, fortalecendo características multidisciplinares e de valorização da diversidade que já estavam presentes no DNA da Ralacoco desde os seus primeiros sinais.

Com o trabalho de extensão no Varjão, surgiram convites e operacionalização das atividades no Plano Piloto de Brasília, nas quadras SQN<sup>20</sup> 115 e 314. A importância do trabalho nessas regiões foi estimular a mobilização social e integração de seus moradores. Afinal, apesar de viverem fora de uma situação de exclusão social, os habitantes dessas localidades também podem perceber seu potencial transformador ao gerarem iniciativas de melhoria de suas quadras e de outras áreas. A sua partici-

18 Veja mais sobre a disciplina de Comunicação Comunitária em: [https://www.youtube.com/watch?v=u\\_U61KDDrW8](https://www.youtube.com/watch?v=u_U61KDDrW8)

19 Mais informações sobre experiências recentes desenvolvidas em ComCom podem ser acessadas no texto publicado na revista Com Censo, da Secretaria de Educação do Distrito Federal, *Comunicação escolar em tempos de pandemia*, de 2021: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40013/1/ARTIGO\\_ComunicacaoEscolarTempos.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40013/1/ARTIGO_ComunicacaoEscolarTempos.pdf)

20 Superquadras Norte que ficam na parte norte do Plano Piloto de Brasília.



pação política é importante para ocupar os espaços de ação coletiva e diálogo com outras comunidades (como é o caso do Varjão, cujos grupos culturais já realizaram apresentações na SQN 314). É importante ressaltar que a escolha de atuação também no Plano Piloto se deveu ao fato de que a disciplina se pauta pela mobilização social e não pelo assistencialismo.

Entre 2019 e 2022, ComCom focou suas atividades na região da Fercal, por meio de parceria com o projeto 14x Fercal<sup>21</sup>, articulando também pesquisa e extensão com o desenvolvimento do projeto Comunicação Comunitária, Mobilização Social, Articulação Territorial e Cidadania na Fercal<sup>22</sup>. Nesse sentido, as discussões da disciplina e as atividades de campo têm sido sustentadas na articulação entre comunicação comunitária e educomunicação, sempre visando ao fortalecimento da mobilização social, com a realização de oficinas de comunicação com crianças e jovens das comunidades que compõem a Região Administrativa<sup>23</sup>.

Desde a sua criação, ComCom foi organizada em torno da demanda de se discutir o papel de comunicadores e comunicadoras na sociedade e a democratização da comunicação. Temas esses que são pouco frequentes no currículo do estudante de graduação na área, porém de fundamental importância em uma instituição de ensino superior comprometida com a melhoria de condições da sociedade e com a diminuição de desigualdades sociais. Tal compromisso encontrou solo fértil para seu desenvolvimento na articulação entre ensino e pesquisa promovida pelas atividades de extensão do que hoje é o Programa de Extensão de Ação Contínua de Comunicação Comunitária, que tem por base as atividades de extensão desenvolvidas em torno da Ralacoco e de outras ações.

21 Mais informações sobre o projeto 14x Fercal: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/cidadania-e-diversidade/projeto-na-fercal-usa-comunicacao-comunitaria-para-empoderamento-da-regiao/> e <http://www.comcom.fac.unb.br/noticias/161-14x-fercal-um-projeto-de-comunicacao-local-independente.html>

22 Projeto de pesquisa-ação financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal.

23 Manuais, guias, oficinas e outros materiais sobre as ações desenvolvidas junto com o projeto 14x Fercal estão disponíveis no site de ComCom: [www.comcom.fac.unb.br](http://www.comcom.fac.unb.br)

## Ralacoco: sinais pioneiros

Para nos aprofundarmos no desenvolvimento da disciplina de Comunicação Comunitária e mais além, do desenvolvimento do Programa de Ação Contínua de Extensão Comunicação Comunitária, é necessário explorarmos sua relação com a Ralacoco. A partir da mobilização pela continuidade da Rádio Comunitária da UnB em 2001, houve conhecimento das atividades da Magnífica FM<sup>24</sup>, rádio laboratório na Universidade Federal de Goiás (UFG). O professor Nilton José dos Reis, coordenador da experiência goiana, esteve na Faculdade FAC-UnB relatando as atividades realizadas em Goiânia e sugeriu a criação da disciplina Comunicação Comunitária. A matéria, inspirada nas diretrizes curriculares laboratoriais nos cursos de comunicação, contribuiria para justificar a existência de uma Rádio Laboratório no campus.

Assim sendo, Murilo César Ramos, então Diretor da Faculdade de Comunicação da UnB (FAC-UnB), aceitou a proposta dos(as) envolvidos(as) com a experiência de uma Rádio Laboratório na FAC-UnB, desde que a atuação da disciplina não se restringisse aos limites físicos da universidade, estruturando-se como uma atividade de extensão em alguma localidade do Distrito Federal. Optou-se, então, por atuar no Varjão, devido à presença de um projeto da UnB no local, como relatamos, e a Ralacoco passou a ter sede física em espaço nos fundos do Centro Acadêmico da Comunicação (CaCom).

Dessa maneira, na lista de oferta do 1º semestre de 2002, foi oferecida a disciplina Comunicação Comunitária, com ações previstas para os sábados, das 8h às 12h. Além do contato estabelecido com a Direção da FAC-UnB, os(as) envolvidos(as) com o projeto permaneceram buscando suporte com a ADUnB e o Decanato de Extensão da UnB, que ofereceu uma bolsa a um dos estudantes fundadores da rádio. Desde então, a Ralacoco tem contado com extensionistas bolsistas no desenvolvimento de suas ações.

Com 40 semestres de atividades contínuas, a disciplina tem resultados satisfatórios na formação de universitários em atividades de extensão e na melhoria da qualidade de vida dos moradores de distintas localidades. É perceptível as possibilidades de estímulo a um novo olhar sobre

24 Atualmente Magnífica Mundi <https://magnificamundi.fic.ufg.br/>.

necessidades de comunidades mais vulneráveis, não apenas como um *locus* de atuação universitária ou profissional mas também como uma maneira de descobrir novas maneiras de relacionar-se com diferentes territórios e pessoas desconhecidas.

No primeiro momento, a disciplina Comunicação Comunitária oferece um embasamento teórico necessário para suas atividades práticas – realizadas em um segundo instante do curso. Há diversificadas ações práticas com resultados diversificados, desde oficinas<sup>25</sup>, criação e consolidação de Biblioteca Comunitária com acesso à internet até atividades educativas, produções audiovisuais variadas e ações de promoção do patrimônio histórico, artístico e cultural<sup>26</sup>.

Nos três semestres iniciais, dezenas de universitários participaram da disciplina e sugeriram alguns aperfeiçoamentos relacionados à necessidade de maior tempo de atividades práticas e criação de mecanismos que estimulassem a continuidade. Diante desse cenário, também de forma relacionada ao processo de amadurecimento das atividades, a pedido das estudantes, foi criada a disciplina Comunicação Comunitária 2, que oferece condições curriculares para os estudantes continuarem envolvidos nas atividades.

Além disso, em 2003, houve a flexibilização de pré-requisitos para a disciplina, o que facilitou o acesso de outros cursos à disciplina, que ampliou ainda mais a multidisciplinaridade da equipe, composta por estudantes não só da Comunicação mas também de outros cursos como Medicina, Engenharia, História, Letras e Contabilidade, por exemplo. O modelo da disciplina, que tem buscado aliar ensino, pesquisa e extensão, também tem contribuído para que outros departamentos e unidades acadêmicas criem iniciativas semelhantes. Nesse sentido, vale destacar as atividades de Medicina Comunitária, que foram colocadas em prática no âmbito da disciplina Saúde do Adolescente.

Além das atividades em campo e em sala, a ação de Comunicação Comunitária também envolve a capacitação de radialistas e lideranças

25 Disponível em: <https://www.youtube.com/@ComComunitaria>.

26 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lqsgous0tXU>.

comunitárias desenvolvendo atividades em parceria com o Ministério da Saúde e a Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Esse encontro gerou a elaboração de CDs com raps e vinhetas de prevenção à aids e às ISTs. Outro CD, dessa vez de prevenção à tuberculose e à hanseníase, foi produzido reunindo o trabalho de Medicina Comunitária (na Escola Superior de Ciências da Saúde) e dos grupos de rap do Varjão. Dessa forma, buscou-se possibilitar o uso da rádio como forma de promoção da saúde.

A disciplina Comunicação Comunitária também tem realizado parcerias com projetos como o SOS Imprensa. Dessa forma, além da crítica aos meios de Comunicação, o projeto permite que seja realizada a educação para e pela mídia, efetivamente atendendo à comunidade.

Em 2004, a disciplina Comunicação Comunitária produziu junto com os moradores do Varjão o curta-metragem *Um Olhar sobre o Varjão*<sup>27</sup>. O argumento da história foi proposto pela oficina de vídeo, e os moradores do Varjão elaboraram o roteiro. O vídeo foi lançado na UnB encerrando a *Semana de Vídeo Comunitário*<sup>28</sup> sobre a Comunicação. Na ocasião, foi formada uma mesa de debate com a presença de Fernando Oliveira Paulino, do estudante e diretor Gilson Acauã e do produtor e morador do Varjão João Costa. Os atores do filme também foram transportados do Varjão à UnB para participarem da atividade. Depois, em evento que contou com grupos culturais do local, o curta-metragem foi exibido no Varjão.

Além disso, como produtos diretos de realização da disciplina, foram produzidos:

a) CDs de vinhetas e rap *Proteja-se, use camisinha e Aconteça o que acontecer, use camisinha*, parceria entre a disciplina, a Ralacoco, o Programa Nacional de DST-AIDS e a Gerência de DST e AIDS da Secretaria de Saúde do DF.

b) CD de vinhetas e rap *Tuberculose e Hanseníase têm cura, procure se informar*, parceria entre a disciplina, a Ralacoco, a Escola Superior de Ciências da Saúde, Sindicato dos Radialistas do DF, Fundação Damien e

27 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jcq-pWWsx5I>.

28 Atividade promovida pela Diretoria de Esporte Arte e Cultura (UnB). ComCom realizou parceria com a diretoria para realizar a semana com o tema de Comunicação.

Programa de Controle da Tuberculose do DF.

c) Curta-metragem *Um Olhar sobre o Varjão*, cujo roteiro foi criado pelos moradores do Varjão.

d) Conteúdos comunitários, sempre buscando a produção própria dos moradores, seja por meio de ilustrações, reportagens ou produtos audiovisuais.

e) Formação continuada de estudantes de pós-graduação em ensino orientado, contribuindo com a formação de mestres e doutores.

Em 2007, como resultado do trabalho de conclusão de curso<sup>29</sup> de Leyber-son Lelis Pedrosa e de Pedro Arcanjo Matos, foi desenvolvido o Dissonante, servidor de rádio livre que não apenas facilitou a transmissão e a recepção de conteúdos pela Ralacoco como marcou história por ser um instrumento de comunicação utilizado por coletivos em vários lugares do mundo.

Um dos veículos amparados pelo Dissonante foi a Rádio Comunitária Utopia FM, importante canal de comunicação a partir de Planaltina e que, ao longo dos anos, foi responsável não apenas por produção e transmissão de conteúdos mas também de publicações como o *Memória de Gerações*<sup>30</sup> e a realização de eventos como festivais musicais.

Mais recentemente, o trabalho desenvolvido na Fercal tem gerado resultados muito significativos. A formação e a troca de conhecimento entre professores, estudantes de graduação e pós-graduação, movimentos sociais e moradores de regiões administrativas do Distrito Federal, como a Fercal, têm sido de extrema importância para o desenvolvimento social, político e econômico da região. A participação conjunta desses atores no processo educacional pode levar a uma educação mais inclusiva e democrática, que valorize a diversidade cultural e estimule a construção de soluções criativas para os problemas enfrentados na região.

Somente no ano de 2023, a equipe de ComCom conseguiu articular trabalhos de campo presenciais na região da Fercal, após a retomada

29 Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/1719>.

30 Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/205169482/Memorias-de-Geracoes-Utopiafm-com#>.

das atividades presenciais pós-covid-19. As atividades realizadas buscaram promover o acesso e a produção de informação, a criação de novas formas de contar histórias e a luta pelos interesses e direitos das comunidades por meio de processos educacionais comunitários.

Entre os produtos desenvolvidos para a Fercal, merece destaque o Plano de Comunicação, especialmente por ter sido construído de forma participativa, a partir do processo de apropriação e ressignificação da cultura local pelos moradores da Fercal, conforme debatido em reuniões coletivas. O Plano de Comunicação configura-se como uma ferramenta importante para a comunidade, disponibilizando informações essenciais para o desenvolvimento de pequenos processos e produtos comunicacionais de forma autônoma.

### Considerações finais

Diante das ações realizadas, torna-se possível perceber que muito do trabalho da Comunicação Comunitária tem como resultado central a mobilização social de estudantes universitários e moradores, proporcionando envolvimento crescente com as atividades de transformação.

Quanto à educação para e pela mídia, educação ou alfabetização comunicacional, tem sido possível perceber um olhar mais crítico dos jovens da oficina de rádio que expressam suas ideias e sentimentos sobre Comunicação Comunitária em diversas oficinas, incluindo o trabalho realizado durante eventos acadêmicos da Universidade de Brasília, tais como as *Semanas Universitárias*<sup>31</sup>.

Diante das atividades realizadas, é possível concluir que a atuação das ligadas à Comunicação Comunitária tem estimulado a responsabilidade social dos universitários e a melhoria da qualidade de vida dos moradores de localidades dentro e fora do Distrito Federal. O trabalho tem buscado, por um lado, aprimorar cada vez mais, em parceria com os multiplicadores locais, os instrumentos de mobilização da comunidade

31 A *Semana Universitária da UnB* é um programa anual, organizado pelo Decanato de Extensão e com realização pela Universidade de Brasília. É um programa composto por centenas de atividades propostas pelas unidades acadêmicas, centros e hospitais da Universidade.

e, por outro, aperfeiçoar a extensão universitária.

Entende-se que essa experiência pode servir de referência para outras instituições de ensino superior que pretendem associar ações de ensino ao trabalho necessário de pesquisa e extensão. Ademais, o trabalho realizado cumpre papel formador importante, possibilitando que estudantes encontrem oportunidades que aliam reflexões teóricas, ações práticas e atividades existenciais.

Finalmente, a herança cidadã, democrática, horizontal e experimental da Ralacoco é ontologicamente necessária para a reforma e a melhoria da comunicação pública e científica das instituições de educação superior, sobretudo em países como o Brasil, no qual há experiências nas quais os(as) gestores da instituição por vezes se sobrepõem a conteúdos relacionados a atividades-fim de ensino, pesquisa e extensão, no que é divulgado pelos limitados canais de comunicação existentes.

## Referências bibliográficas

AMMANN, Safira. **Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

ANDRADE, L.; GOUVÊA, L. Vila Varjão: o problema da habitação como uma questão ambiental, São Paulo I CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL X ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2002, São Paulo. **Resumos**. São Paulo: Edusp, 2002.

BELFIORE, Mariângela. **Metamorfose do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

CALDERÓN, Adolfo (org). **Experiências universitárias, experiências solidárias**. São Paulo: Olhos d'Água, 2001.

FERNANDES, Rubem César. **Privado. Porém Público. O terceiro setor na América Latina** Rio: Civicus, 1996.

FRANCO, Yuri Soares et al. Comunicação escolar em tempos de pandemia. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 4, p. 49-59, dez. 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/926>>. Acesso em: 3 fev. 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GOULART, Daniella e PAULA, Isabel de (coord.). **Manual do comunicador e da comunicadora local.** Brasília: Programa Comunidade Ativa: 2000.

MEDEIROS, Cristiomário de Souza. **Viver e resistir: luta por moradia na vila Varjão (1961-1988).** [Mestrado] Universidade de Brasília, Departamento de História, 2004.

MONTORO, Tânia (Org.). **Comunicação e Mobilização Social.** Brasília: UnB, vol. 2, 1997.

PAULINO; Fernando. Comunicação Comunitária, Varjão e Rala-coco FM. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, I., 2002, João Pessoa. **Resumos...** João Pessoa: UDUFPB, 2002.

\_\_\_\_\_; FERREIRA LOPES, M.; OLIVEIRA, M. Laboratory Radio and Community Communication initiatives. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 12, n. 1, p. 19, 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4784>>. Acesso em: 6 fev. 2023.

**PROGRAMA DE ATENÇÃO INTEGRAL AO ADOLESCENTE (PRAIA/DF)** – Relatório Técnico, Brasília – Secretaria de Saúde do Distrito Federal, 1998 (mimeo).

TORO, B. Werneck, NMD. Mobilização Social; **Um modo de construir a democracia e a participação.** Brasília: Unicef, 1996. Disponível em: <<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/Gt8CnaNs6yFVtHeyTn7j5YahUdPzKwBj4PBrRpSSWcecJKRxugp2yUMhtZY4/5b1eeb01411d764ed1046eea1b92be10.pdf>>.

VOISIN, Jane. Extensão e Comunicação: anotações para um debate. **Revista Brasileira de ciências da comunicação.** S. Paulo, vol. XXIV, n.º 2, julho-dezembro de 2001, p. 75-83.

WERTHEIN, Jorge (org.). **Meios de comunicação, realidade e mito.** São Paulo: Editora Nacional, 1979.



## **ENTREVISTA: Um intensivão da vida acadêmica**

*Ao resgatar a história e dar vida nova para a rádio a partir de 2014, Nanisca aprendeu muito e ensinou também com as oficinas multimídias.*

Nanisca é uma mulher negra de pele clara e periférica. Formada em Comunicação pela UnB, é uma jornalista que trabalha com e para os Direitos Humanos. Já trabalhou no Alma Preta Jornalismo e no portal Metrôpoles, nas Nações Unidas e no Congresso em Foco. Ela foi uma das lideranças da retomada da Ralacoco, por volta de 2015, e participou de diversas oficinas, apresentando programas e liderando o estúdio em uma época de intensa mobilização. Ela lembra do estilo de produção “faça-você-mesmo”. O resultado eram roteiros e entrevistas que representavam seus criadores.

### **Tendo em vista a sua trajetória como mulher negra e periférica, como você analisa a atuação das mulheres, principalmente em cargos de gestão, na Ralacoco?**

Olha, na Ralacoco, era um grupo até bastante feminino. Eu não consigo separar a Ralacoco de outros projetos de Comunicação Comunitária, fica tudo muito misturado, porque a gente circulava tanto. Eu era liderança da Ralacoco, mas circulava muito. Mas, em se tratando de Comunicação Comunitária como um todo, ele era bem feminino. Na minha época, tinha um único homem na gestão, falando do projeto como um todo. Essa formação ficou durante muito tempo na minha geração. Depois foram chegando outros.

Sempre circularam muitas mulheres na disciplina e na extensão. Com relação à raça, aí já é uma questão. Nunca circularam muitos negros. Eram sempre pessoas brancas. Na geração anterior, tinha um homem negro. E, de mulher negra, eu só lembro de mim. Na verdade, eu não sei se teve depois de mim, que eu não conheço mais os outros integrantes.

### **Como foram seus primeiros contatos com o coletivo?**

Peguei primeiro a disciplina Comunicação Comunitária e, no segundo semestre, me matriculando novamente, descobri outros núcleos de atuação, como aquele que participava da Utopia FM. E o pessoal da Uto-

pia falava muito sobre a Ralacoco. Depois fui desvendar esse mistério da Ralacoco (o que que era e de onde que surgiu isso). Fomos arrumar um pouco a Salex (Sala de Extensão) e a gente jogou um monte de trem fora. Fomos recuperar realmente o espaço físico, que tinha se tornado meio que um depósito de coisas. Mexemos até a gente conseguir entender: “ah tá, isso aqui é um estúdio, dá pra gente usar”. Então, foi uma descoberta, cavando a história de Comunicação Comunitária.

E a gente fez uma inauguração da Salex e teve até coffee break. Um amigo criou umas dobraduras de Tsuru e pregamos no teto, fizemos várias coisinhas de papel crepom também. Aí a gente começa a fazer um movimento de chamar os estudantes para fazer programação. E eu fiquei no projeto de 2014 a 2016. Tínhamos muitas reuniões de planejamento, reuniões estratégicas. A gente, a partir das oficinas de rádio comunitária com o pessoal da Utopia, começou a implementar coisas na Ralacoco. Então, teve um tempo que a gente tinha uma gradezinha de programação. Aí tínhamos um quadro sobre como construir um roteiro. Tudo era meio caótico, no sentido de “o que é o Dissonante, o que é a Ralacoco, como a gente integra tudo isso?”.

Quando eu me aproximei realmente da Ralacoco, foi nesse propósito inclusive de recuperar essas memórias, porque a rádio nunca era tão linear, mas a gente tinha um contato com as pessoas que já faziam a Ralacoco antes. A gente organizou eventos na Semana Universitária várias vezes, mostrando para os estudantes como funcionava, contando mais ou menos como era o projeto da Ralacoco. Então, aproximamos realmente os estudantes da Sala de Extensão e da história mesmo de como se faz, como foi lançada a rádio e também fazendo comunicação comunitária e livre. Foi um intensivão na minha história acadêmica. Foi bem legal.

E eu marcava presença na Ralacoco como se fosse a minha casa. Eu estava lá de manhã, de tarde, de noite. E eu colocava o banner do lado de fora. Eu falei assim: “gente, não faz sentido o banner ficar aqui dentro, tem que pôr do lado de fora”. Eu fazia toda essa movimentação. Entrava no estúdio e botava banner do lado de fora. A galera olhava “uma rádio, que legal”, aí começavam a entrar.

## **E quais atividades você realizou na Ralacoco que você destaca como relevantes para a sua passagem pelo coletivo?**

Teve a cobertura da primeira vez que a gente realmente ocupou a FAC, que foi em 2016. A gente fez isso por conta da questão do financiamento e orçamento para a Educação Pública. Outras faculdades também tiveram ocupações, inclusive aquelas que nunca tinham tido um movimento estudantil começaram a ocupar também.

Assim, essas experiências me marcaram muito. Por exemplo, as atividades no MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), no Assentamento Rural Pequeno William, foi em Comunicação Comunitária. E nós fizemos um planejamento de mídia para aquele grupo do MST e demos uma oficina de rádio comunitária em uma tenda de lona azul.

Dei muitas oficinas de rádio para muitas pessoas (que tinham conhecimentos distintos). Todas essas oficinas, na verdade, elas me formaram muito. Tanto é que eu sempre comento sobre elas nos espaços que participo para falar sobre questões da minha trajetória profissional. Eu falo que comecei em Comunicação Comunitária e dava oficina de rádio e era assim, assim, assim.

Depois dessas, outros projetos vieram: de foto, de mídia e até de meme. Fiz uma oficina de meme numa das escolas. Isso foi evoluindo do rádio, passando para outro tipo de mídia e se tornando um pouco multimídia. A gente deu muitos outros tipos de oficinas que fugiam do áudio. E, por vezes, as pessoas não queriam a oficina de rádio completa. Daí virava uma oficina de mesa de som ou de edição de áudio. Ah, e teve a oficina de montagem, lembro que eu falei assim: “ó, agora você vai aprender a montar a rádio”. A atividade era para os estudantes de ComCom, especificamente da disciplina de Comunicação Comunitária. Eu tinha tirado os cabos de todos os equipamentos. O pessoal me perguntou: “e agora?”. E eu falei: “agora vocês vão montar a rádio”. Porque é muito fácil chegar aqui, você vê a rádio, você mexe no computador e acha que está perfeito. E o pessoal ficou pensando onde e como colocar o equipamento, ligando com o quê. Eles resolveram esse quebra-cabeça que era montar o estúdio.

E também foi muito importante para mim participar de uma formação. Eu tive a oportunidade de ir para Goiânia fazer o curso de Rádio e Mídia Comu-

nitária do Criar Brasil<sup>32</sup>, que gerenciava o Radiotube. Essa oficina também foi muito interessante por estar junto com outros comunicadores comunitários em diferentes espaços, trocando muitas ideias sobre muitas coisas. É o pessoal do Centro-Oeste todo, que faz mídia comunitária ou fazia na época. Foi bem interessante, deu uma ampliada no meu horizonte.

### **E, pensando no que era produzido no estúdio, como você caracteriza esse conteúdo?**

Era superexperimental, bem faça-você-mesmo. E a gente comentava isso, faça sua própria rádio, faça em casa, faça uma rádio-poste... Faça alguma coisa, mas faça Comunicação. Então, eu acho que a gente quebrava com a mídia hegemônica nisso, com essa possibilidade de a pessoa utilizar os meios. Isso não tinha muito a ver com o que fazia a mídia hegemônica, até porque os entrevistados eram completamente diferentes. A entrevista e o jeito de fazer os roteiros eram diferentes. Era tudo muito nosso, muito presente. Nós éramos nós. Nós éramos aquilo. O produto era nós mesmos. O que saía de nós. E não tínhamos muito padrão. Isso era bom.

E a galera começou a entrar porque via o banner, como eu falei. E teve várias coisas. A gente fez entrevistas sobre diversas iniciativas de estudantes da UnB. Por exemplo, um programa de música, só com quem tocava na UnB, os estudantes que tinham suas bandas. E também um programa de poesia só com poetas da universidade. E eu entrevistei um homem em situação de rua que sempre passava pela UnB vestido com a cor da bandeira do Brasil. Perguntei sobre a vida dele inteira. Foi muito interessante esse programa.

E a gente ia chamando o pessoal nas salas de aula. Falando que íamos dar um recado, chamando para ocupar um espaço aqui na Ralacoco. Teve até algumas pessoas que foram fazer alguns programas, mas depois não deram continuidade, sabe?

32 Fundada em 1994, com sede no Rio de Janeiro, a Criar Brasil – Centro de Imprensa, Assessoria e Rádio é uma ONG que trabalha pela democratização da comunicação. Possui uma plataforma de compartilhamento de conteúdo, inclusive de áudios de rádios, chamada Radiotube. A rede social da Criar Brasil é [www.instagram.com/criarbrasil](http://www.instagram.com/criarbrasil).

Mas, olha, o ambiente do estúdio era assim bem harmonioso e bem gostoso. A gente produzia para caramba. O interessante de se poder fazer o que você quiser é fazer o que você quiser. Você não tem que estar assim, não tem deadline nem patrão cobrando. O que você vai fazer? Você pode fazer e criar o que você quiser. Eu acho que a gente tinha muita liberdade, era muito fluido. Se a gente tinha algum tipo de desavença, sei lá, era pelo lanche, mas não pela produção, não pelo espaço de mídia. Gente, todo mundo tinha um propósito, o mesmo propósito de democratização da mídia. Isso eu aprendi em Comunicação Comunitária e vivenciei na Ralacoco e continuo vivenciando todos os dias hoje. Pelo menos, enquanto eu puder escolher fazer uma comunicação com o propósito, é o que eu vou escolher. ComCom e a Ralacoco que fundamentaram os meus valores enquanto jornalista. Então, a comunidade raladeira era gostosa, era muito bom fazer parte desse coletivo.



# 3 Tecnologias e Sociabilidades

**A juventude ocupou a rádio**  
Entrevista com Charles Pilsen

**pg.  
112**

**Bill e Ted salvarão o mundo?**  
Entrevista com Bill e Ted

**pg.  
133**

**Os usos sociais das tecnologias radiofônicas**  
Priscilla de Souza Andrade

**pg.  
119**

**20 anos de atuação: da FM ao podcast**  
Fernando Oliveira Paulino  
Mariana Ferreira Lopes  
Milena dos Santos Marra

**pg.  
142**

**Editais de podcast renovou a Ralacoco**  
Entrevista com Akire

**pg.  
155**

**Destrinchando os diferentes tipos de rádio**

A tecnologia, tema dominante desse eixo, é um dos elementos que define os diferentes modos de se fazer rádio. A partir dela, é possível enxergar os limites e potenciais dos aparelhos, propondo arranjos de como melhor produzir para o público. No entanto, ela é uma mediação entre o desejo de comunicar. Portanto, para além do equipamento, existem os princípios e desejos dos envolvidos que definem as finalidades, as linhas editoriais e as motivações de uma rádio. A seguir, descreveremos algumas categorias de emissoras.

Tipo de rádio	Principais Características
Comunitária	Pode ser regulada por lei (9.612/1998). Geralmente é sem fins lucrativos e permite que indivíduos, grupos e comunidades contem as suas próprias histórias e compartilhem experiências. Desse modo, eles se tornam criadores e colaboradores da própria comunicação.
Livre	Não tem fins lucrativos e não possui concessão para operar. Costuma surgir da união de um grupo, ou mesmo de um único indivíduo, e possui interesses específicos (uma rádio livre com princípios anarquistas, católicos, comunitários etc.).
Comercial	Possui concessão para operar, e sua finalidade principal costuma ser gerar lucro. Portanto, o objetivo dessas emissoras é alcançar amplas audiências, formatando seu conteúdo para atingir essa intenção. Mantêm-se por meio de anúncios pagos e serviços.
Educativa	São geridas por institutos, associações ou fundações educativas e culturais, geralmente financiadas indiretamente pelo Estado ou por projetos não governamentais.
Estatual	São aquelas financiadas e/ou geridas diretamente por órgãos do Estado, seja no âmbito do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário, nas esferas municipal, estadual/distrital ou federal.
Pirata	É clandestina e, corriqueiramente, emula o tipo de programação e o modelo de negócios das rádios comerciais. Não possui concessão para operar e tem por finalidade obter lucro direta ou indiretamente. Ou seja, vende um espaço da sua programação ou faz propaganda de uma ideologia com a qual tem potencial de lucrar de alguma forma.

Tipo de transmissão / distribuição	Principais Características
Radiodifusão	Necessita de equipamentos que possibilitem a emissão por ondas (transmissores e antenas) e aparelhos receptores sintonizados na frequência emitida. A transmissão se dá por diferentes tipos de ondas (AM, FM e OC, por exemplo). Esse tipo de transmissão é regulado no Brasil pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).
Linha Modular (LM)	A transmissão se dá por meio de cabos e/ou alto-falantes. Na transmissão por linha modular em local fixo (rádio-poste), os cabos ligam a mesa de som a caixas amplificadoras instaladas em um ou mais pontos. Quando utilizados carros de som, os alto-falantes são instalados no veículo, que se movimenta por outras localidades.
Streaming web	A transmissão via <i>streaming web</i> se dá de maneira simultânea por programas de computador que permitem a emissão e a recepção de dados em áudio pela internet. Não existe regulação específica para rádio <i>web</i> no Brasil (que obedece às leis previstas para a internet). Esse tipo de transmissão se popularizou muito entre rádios alternativas, por ser mais barato e por não ter a barreira da distância.
Áudio sob demanda	A disponibilização de conteúdos por meio de plataformas de áudio sob demanda na internet permite que usuários escutem programas (ou <i>podcasts</i> ) no momento que quiserem. Em algumas plataformas, também é possível baixar os arquivos de áudio.

**Fonte:** Legislação brasileira, reflexões a partir de debates e atividades práticas sobre rádio e contando com contribuições de Marcelo O. Arruda e da cartilha Trilhas Sociais, redigida por Jairo Faria, Juliana Mendes, Jussara Sousa e Leyberson Pedrosa (<https://issuu.com/julianasoareshmendes/docs/apostilacomcomfinal>).

## ENTREVISTA: A juventude ocupou a rádio

Charles Pilsen lembra a curtição de gravar entrevistas em fitas cassetes e tocar as músicas que não passavam nas rádios comerciais.

O então estudante de Letras da UnB Charles Pilsen ajudou a levar o transmissor para a Faculdade de Comunicação, auxiliando na formação da Ralacoco em 2001. Os avanços tecnológicos foram enormes. Na época, o gravador de fita cassete era o equipamento para fazer entrevistas e montar os programas. Diferentemente das emissoras do período, que apenas tocavam músicas comerciais e praticamente não se escutava uma voz humana, os locutores da Ralacoco falavam de política, movimento estudantil, esporte e muito mais. Charles continuou ativo até 2006, quando fazia narrações esporádicas de jogos de futebol de noite na universidade.

### Como você conheceu a Ralacoco e se motivou para participar do coletivo?

Eu fazia Letras na Universidade de Brasília (UnB) e Jornalismo, à noite, no Centro Universitário de Brasília (Ceub). Tinha duas amigas que estavam participando da Ralacoco, só que antes de ela ganhar esse nome. Era, então, a Rádio Comunitária da UnB, porque, no meio da greve, a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) lançou esse projeto de a universidade ter uma rádio comunitária e pegaram um transmissor emprestado da Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraço). Inicialmente era numa salinha lá no prédio do Multiuso, que era de um professor do Desenho Industrial e o movimento tinha ocupado. Ali era o Comando-Geral de Greve Nacional, as reuniões aconteciam no espaço Chico Mendes. Esse foi o arranjo. A Abraço entrava com o equipamento, e não era só um transmissor, mas havia uma torre e um monte de aparelho de som.

Eu fui lá de onda. Eu tinha uns 19 ou 20 anos, e era uma curtição dessa vida da juventude. Inicialmente havia uma produtora que coordenava. E a gente propôs para ela um programa matinal que se chamava Café com Jornal, misturando atualidade, informações do mundo, de Brasília e da UnB. Só que, antes de botar o projeto em prática, a greve acabou, e aí desmobilizou tudo. O comando de greve saiu dali e essa produtora foi embora. Resultado: a rádio ficou abandonada.



Bem, uns amigos eram programadores e técnicos, como engenheiros de som. Eles eram estagiários e calouros da FAC e tinham a chave da sala. A gente ia para lá todo dia e não tinha ninguém na UnB, porque era no meio das férias e o semestre não tinha voltado. A gente falava no microfone e havia uma mesa redonda, que usávamos para fazer um programa, era uma diversão. Virou uma rádio nossa.

Havia menos rádio em Brasília, em 2001, se comparado com hoje. Agora você vai passando o botãozinho da sintonia e não consegue continuar porque ele para toda hora por causa de tanta emissora nova. Mas antigamente a gente não tinha um canal para falar. No máximo, tinha a Rádio Cultura, e a gente não conhecia quem tocava a emissora. Então, o acesso era menor ainda. Naquela época, era impossível você ter um programa de rádio.

E, em muitas emissoras, você só ouvia uma voz humana para dar a hora certa. Tinha basicamente música. E a rádio não tocava o som que a gente ouvia nem falava o que a gente queria ouvir. Estava virando um veículo muito distante da juventude. A gente começou a ocupar a Ralacoco o tempo todo até sermos expulsos pelo professor do Desenho Industrial.

A gente acabaria tendo que mudar. E tinha muitos colegas da Faculdade de Comunicação (FAC), e eles falaram para esconder o transmissor lá no Centro Acadêmico de Comunicação (CaCom). Isso foi na virada de 2001 para 2002.

## Como era o ambiente de produção e a troca de experiências?

Era meio que uma outra forma de mobilização estudantil, misturada com o movimento de democratização da comunicação. Então, tinha aquela coisa de juventude, de festa, de estar sempre se frequentando e criando amizades. Nesse sentido, era uma extensão da vida universitária, da vida acadêmica.

E a produção era muito mambembe. Tinha uma mesa de som, um toca-fitas, um toca-discos e toca-fitas doados e antigos, mas que quebrava o galho. E um microfone que, às vezes, quebrava e precisava arrumar ou comprar outro.

Ou seja, não existia essa coisa de uma estrutura com alguém preparando o estúdio para você antes. Todo mundo era responsável por tudo: deixar o ambiente organizado para o próximo programa, os CDs no lugar e o microfone plugado. E, mais tarde, teve uma época que trouxeram um computador velho e instalaram um programinha de tocar MP3. E deixaram uma sequência de música para tocar. E era um dever de quem fosse passar o estúdio para o próximo programa deixar uma hora de música com as vinhetas da rádio tocando, para não deixar buraco caso o locutor atrasasse ou não aparecesse.

Eu participei de 2001, na criação da rádio, até 2005 ou 2006. Quando eu não tinha programa fixo, mas de noite, a gente fazia narração de jogo de futebol. Levava a televisão lá de casa, ficava vendo as imagens e falando em cima, narrando o jogo, era a maior viagem. E tinha muitos programas. Particularmente, eu fazia um que chamava Extracampo, sobre esportes, que era o que a gente curtia na época.

Quando acabava a aula e estava todo mundo saindo das aulas pelo corredor na frente da rádio, a galera passava, sentava um, ficava em pé olhando, dava palpite, falava no programa. Lembro de alguns programas, como o Rec Pause, que usava um toca-fitas. Antes do MP3, a gente conseguia gravar e manusear as músicas com uma fita. Hoje o equipamento para gravar é o celular, mas antigamente era uma dificuldade. Eu achava o máximo ter um gravador de fita, que eu demorei um tempão para comprar, que era caro para a gente, estudante. Eu levava para todo lado. Entrevistei o Lula no comício no Centro Comunitário, fiz umas três perguntas para ele. E entrevistei o Lobão no camarim do show que ele fez lá na calourada.

Bem, tinha um programa que era bem na hora da Voz do Brasil, que todas as rádios na época tinham que veicular. Outro era da galera mais ligada em política, movimento estudantil. Também tinha programa com o início do debate dessas pautas de movimento negro e feminista. Teve uma época que a grade estava quase toda ocupada.

A instância de fórum da Ralacoco era a reunião, sábado às 2h da tarde. No começo, a gente fazia muita questão da participação dos programadores. Mas é aquela coisa de movimento social no Brasil, as pessoas vão se acomodando e saindo. Vai ficando mais pesado para alguns. E

tinha um propósito e uma identidade ali que a gente queria manter, para democratizar. E precisava da manutenção, da divulgação e do plano de fuga se a Anatel batesse lá.

Para divulgar a rádio, fazíamos adesivos. E teve uma ação colando papéis nos murais do Minhocão com frases doidas: *Você sabe o que é Ralacoco?, Ralacoco é de comer?, Para que serve Ralacoco?, É uma sigla?, É de outro mundo?*.

Outra atividade da reunião era a definição da grade de programação. As pessoas chegavam primeiro e pegavam os horários. Os locutores, então, se adaptavam aos horários que sobravam. A princípio, não tinham nenhum filtro, proibindo temas. Não podia neonazismo, mas a gente tentava ser o mais plural possível, e eu acho que a gente conseguiu, mesmo desorganizadamente, ser muito plural numa época de um pensamento único.

Voltando atrás, no tempo, o debate [na grande mídia] era todo sobre economia e estado mínimo. Se você pensasse diferente, era burro. Não tinha mais discussão nenhuma, ninguém falava da educação e da saúde. Era uma cobertura muito condescendente da Imprensa.

Todo mundo que fez os programas deu voz a muitas pautas que não tinham interesse e destaque que têm hoje. Por mais limitado que o alcance da rádio fosse em termos de audiência, ela cumpriu um papel de formação.

### **Qual foi a sua experiência mais marcante no coletivo?**

Foi fora do ar. No dia que a gente subiu a antena lá em cima da FAC, no prédio do Minhocão. A gente foi ao Gama, comprou uma ferragem no ferro velho, botou em um caminhão gigante e pagou um frete, cotizando as contribuições de cada um e com atividades para levantar dinheiro. Depois de uma das reuniões de sábado, às 2h da tarde, levamos essa ferragem gigante, de uns seis ou oito metros, e deitamos ela atrás da Faculdade de Arquitetura, mais ou menos escondida. Depois, a gente combinou com os pedreiros da prefeitura da UnB para levantar a torre. Eu não sei se eles sabiam que era uma “rádio pirata”. Foi em uma quarta-feira à tarde, durante as férias.

Eu cheguei no final. A gente subia ali pela Ala Norte, aproveitando umas pilastras que apoiam uma viga horizontal. A gente escalava essa viga até chegar no teto. E eu lembro que, chegando lá, o negócio já estava em pé. Aí subimos um cabo preto emborrachado, que é a antena. Ele passava escondido dentro das salas, acho que ficava dentro da sala do projeto de extensão SOS Imprensa. E a torre está lá até hoje. Já é um legado.

E, pessoalmente, eu tenho uma ideia de que a Ralacoco era uma escola sem professores, porque todo mundo se formava de algum jeito. Por exemplo, havia um programador muito engajado na cena do *heavy metal*, do faça-você-mesmo e do veganismo. Então, ele mobilizava muita gente e eles se formavam ao mesmo tempo. Quando você fala sobre um tema, você está aprendendo e articulando a informação com todos os seus conhecimentos prévios. E o discurso se modelava também de acordo com o ouvinte. Não tem um emissor e um receptor, os dois são interlocutores. A rádio era isso, um experimento prático e social dessa comunicação.

### **Era comum a mobilização e a desmobilização em torno da emissora?**

Sobre a mobilização: no dia que fomos expulsos do Multiuso, ficou um vácuo e não sabíamos o que fazer. Então, chamaram uma reunião lá na frente do CaCom de noite. Deu muita gente e foi uma reunião para salvar a Ralacoco. Esse foi um momento de mobilização para salvar a rádio e serviu como pontapé inicial da ideia. E o nome Ralacoco surgiu nesse processo. Depois a gente conseguiu instalar a emissora no CaCom.

E outro momento importante foi na Copa do Mundo de 2002, a gente transmitiu todo o evento pela Ralacoco. Os jogos eram no Japão e na Coreia do Sul, e a maioria acontecia de madrugada para a gente. A partida do Brasil contra a Inglaterra foi muito difícil e aconteceu às 3h30 da manhã daqui. Ao mesmo tempo que uma galera estava transmitindo o jogo, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) estava fazendo uma festa para arrecadar fundos para reformular seu espaço, que estava abandonado. Na festa, eles projetaram o jogo no telão e interromperam o som oficial. A narração era a nossa. Esse foi um momento pessoal muito legal!

Depois, em 2006, a história foi diferente. A gente desceu para a rádio, empolgados, faltando uma hora para começar o jogo. E o reitor tinha

mandado cortar a luz do campus inteiro para fazer reparos em série. Eu lembro que a gente achou muito estranho na época, chegando ali e tudo apagado. A gente saiu de lá melancólico, porque sentíamos donos da FAC ou da UnB. Era nosso lugar. Mas, nesse dia, não deixaram a gente entrar. Percebemos que já era outro momento. Nessa época, eu já não estava fazendo programa semanal e eu ia voltar justamente para fazer as transmissões da Copa. E não rolou.

### **Você acredita que havia uma preocupação com a institucionalização da rádio em paralelo com o desejo de manter uma comunicação livre e independente?**

Teve uma disputa de discurso. Havia quem não quisesse que fosse uma rádio laboratório, porque isso institucionalizaria demais e poderia tirar o caráter de comunicação livre da emissora. Na época, eu achei que era importante contar com esse apoio da FAC para sobreviver. Porque, se a faculdade quisesse denunciar a gente ou mandar o segurança tirar a emissora dali, já teria feito. Eu vejo que foi uma questão de sobrevivência mesmo. E a Ralacoco tomou esse rumo de virar um Projeto de Extensão de Ação Contínua (Peac), depois que eu já tinha saído. Na nossa época, a institucionalização era meio que uma camuflagem. E a gente chegou a mandar um pedido de concessão para o Ministério das Comunicações, que não voltou. Queríamos fazer uma rádio comunitária da UnB, porque tinha a possibilidade de uma concessão para a Asa Norte. Só que eles liberaram para a ONG do Porão do Rock.

### **De que forma a Ralacoco contribuiu para a universidade e para a comunidade local?**

Em termos de formação, ela realizava, por linhas tortas, o ideal do Darcy Ribeiro de ter uma interconexão entre as faculdades, os saberes e os estudantes. E havia uma pluralidade de cursos e de movimentos sociais na emissora. Era muito vibrante conviver com essa galera da rádio.

E a gente acabou fazendo um monte de coisa no meio do caminho. Fizemos oficina de rádio no Varjão. Eu conversava com os moleques de 15 ou 14 anos. Hoje eu sou professor de português do Paranoá. E havia essa imagem de desesperança com o futuro. Mas eu falava para eles sobre

médios, agudos e graves. Afirmava que eles podiam ser DJs, técnicos de som e trabalhar em rádio comunitária. E eu vi eles mudarem um pouco de feição. Tinha essa pilha, esse entusiasmo de juntar as pessoas para a gente concretizar os nossos sonhos.

E eu vejo o futuro da Ralacoco com muito otimismo, sem falso clichê. Tem esse legado de ter deixado um canal, uma voz, uma possibilidade de existir, de, bem ou mal, ter aberto um caminho. Eu coloquei tanto tempo, energia e planos. Concretizei um monte e não concretizei outros montes. E ela está ali no meu currículo e eu fico orgulhoso de vocês estarem me entrevistando. E a Ralacoco brotou, germinou e eu fico feliz e realizado, mesmo que secretamente.



## Os usos sociais das tecnologias radiofônicas

Pricilla de Souza Andrade<sup>33</sup>

A história e as transformações do rádio em suas formas de transmissão e interação trouxeram, desde o seu surgimento, inúmeras reflexões. A partir dos usos sociais do rádio, é possível notar as influências culturais, políticas e tecnológicas desse meio. No ano de 2022, no mesmo mês em que foi comemorado o Bicentenário da Independência, comemorou-se o centenário do rádio no Brasil. O Rádio surgiu no país na década de 1920, no ano de 1922, com os clubes de rádio. Nesse período, os aparelhos eram restritos a uma elite e existiam poucos equipamentos desses no país, sendo trazidos dos Estados Unidos. Nesse estudo, utiliza-se da pesquisa exploratória, que, segundo Antônio Carlos Gil, “tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Gil, 2008, p. 27). Para o pesquisador, elas são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, e geralmente constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla, bem como nesta pesquisa.

O meio radiofônico chega ao Brasil com o intuito de ser educativo, ainda que em um viés elitista, de “alta cultura”. Essa característica ficou marcada desde o início. “O rádio é o jornal de quem não sabe ler, é o mestre de quem não pode ir à escola, é o divertimento gratuito do pobre”, já dizia Roquette Pinto, considerado por muitos o “pai do rádio”<sup>34</sup>. Na década de

33 Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, linha Mídia e Cidadania, PPGCOM/UFG. Mestre em Cultura e Turismo na Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC. Docente do Curso de Comunicação Rádio e TV, da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Grupo de Pesquisa, Formação, Experiência e Linguagens (FEL). E-mail: [pricillandrade8@gmail.com](mailto:pricillandrade8@gmail.com).

34 Edgard Roquette-Pinto foi um médico legista, professor, escritor, antropólogo, etnólogo e ensaísta brasileiro. Foi o criador da primeira rádio do Brasil, a Rádio Sociedade, que está no ar desde 1923. Ela foi doada em 1936 ao Ministério da Educação, a Rádio MEC, que é gerida desde 2007 pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC). O rádio já chegou com o intuito de ser educativo, ainda que em um viés elitista, de “alta cultura”. Esse caráter ficou marcado desde o início, por esta declaração: “O rádio é o jornal de quem não sabe ler, é o mestre de quem não pode ir à escola, é o divertimento gratuito do pobre” (Roquette-Pinto).

1930, começa a ocorrer a popularização do rádio, com a chegada de mais aparelhos, e, com a implantação da publicidade, o veículo passa a ser comercializado. O meio começa a se estruturar, não mais como novidade, mas sim se constituindo em um veículo de comunicação que, ao buscar o lucro, volta-se para a obtenção constante de anunciantes e de público. Nas décadas de 1940 e 1950, o rádio viveu o seu grande apogeu midiático, a “era de ouro do rádio”<sup>35</sup>, com as cantoras do rádio, shows de calouros, as radionovelas, rádio-reportagem, concursos, entre outros formatos.

### A oralidade mediatizada

Algumas expressões sonoras e radiofônicas mais elementares, tais como alto-falantes, carros de som, rádio-poste, fazem parte dos primórdios da história da comunicação radiofônica na região Centro-Oeste do Brasil, com destaque para os alto-falantes:

Regionalmente, do final da década de 20 até meados de 1960, existem aspectos socioculturais que impulsionaram os sistemas de alto-falantes instalados em lugares públicos cuja operacionalização era capaz de quebrar o marasmo das cidades – tão carentes de aparelhos culturais e de veículos comunicacionais – ao mesmo tempo em que proporcionavam entretenimento, aproximavam distâncias e noticiavam realidades locais e longínquas (Borges; Pavan, 2020, p. 306).

Neste estudo, os pesquisadores apontam argumentos de que os alto-falantes foram o principal meio de comunicação nas cidades do interior de Goiás, enquanto muitas cidades não tinham emissoras radiofônicas nem jornal. Portanto, o alto-falante era o mais importante meio de comunicação, pois tinha música, notícias, notas de nascimento e falecimento.

35 “Era de ouro do Rádio” – O rádio era feito completamente ao vivo. Os programas radiofônicos das décadas de 1940 e 1950 eram mais elaborados que os contemporâneos, envolviam um grande número de profissionais em sua execução. O rádio tinha em sua programação humor, informação, música, dramatização e esporte. Somente eram gravados os programas especiais, os comemorativos ou quando, por um motivo qualquer, não pudessem ser realizados ao vivo. Mesmo assim, depois de irradiados os programas, as emissoras não costumavam guardá-los. A Rádio Nacional constitui-se uma exceção, costumava gravar alguns de seus programas para análise posterior. As gravações serviam para o estudo e o aprimoramento técnico e profissional da emissora. Entretanto essa prática não era comum entre as outras rádios (CALABRE, 2003, p. 1).



A presença do alto-falante durante as atividades da Ralacoco, mesmo em um período que já contava com outros suportes tecnológicos de veiculação, enfatiza a potência da oralidade mediatizada, esta que se constitui tendo como base tecnológica o aparelho fonador, que é a voz e as expressões da fala. No caso da rádio-poste seria a maior proximidade física com as pessoas que estão ouvindo, permitindo uma interação mais direta. Observa-se que o rádio é um veículo que contempla os aspectos mais diversos da oralidade, na contemporaneidade, talvez o meio mais relevante, considerando que continua sendo, em todo o mundo, o meio de comunicação mais popular, no sentido de maior alcance, quanto ao acesso ao meio. Diante das discussões que envolvem as linguagens da comunicação, cabe retomar o lugar de reconhecimento da potência geradora, que é a comunicação proveniente da oralidade mediatizada, das suas possibilidades de conexão, vínculos e diálogos. Assim, formatos mais atuais dos produtos sonoros e radiofônicos cada vez mais utilizam a voz, a fala, os ruídos, a música e os efeitos sonoros. E, nos casos das plataformas digitais, a imagem e o vídeo são elementos que complementam a narrativa radiofônica, no chamado rádio expandido.

A partir da segunda metade do século XIX, os equipamentos de gravação de voz e música começaram a aparecer, assim como, no decorrer dos processos de desenvolvimento industrial, surgem e são ampliadas a quantidade de suportes de escuta. Com isso, Júlia de Oliveira Albano da Silva, em *Rádio: oralidade mediatizada – os spots e os elementos da linguagem radiofônica* discorre que:

a linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral, mas resultado de uma semiose de elementos sonoros (trilha, efeito, ruído e silêncio) que perdem sua unidade ao serem inseridos em um meio acústico coordenado pelo tempo para comporem um todo, que é a obra radiofônica. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo discutir a linguagem radiofônica, sua estrutura e organização, refletindo acerca dos seus elementos constituintes o texto verbal-escrito, a voz e a sonoplastia (trilha, efeitos sonoros, ruído e silêncio), do meio em si e do contexto cultural na qual está inserida (Silva, 1999, p. 11).

Com isso, para explicitar as características que permeiam as experiências da Ralacoco, cabe destacar que a iniciativa reúne traços de vários

tipos de rádio, incluindo a rádio livre e a rádio comunitária mas também de uma rádio universitária ou rádio laboratório, pois sempre esteve alocada nas estruturas e nas dependências da Universidade de Brasília (UnB). Há que se destacar o caráter experimental de todas as atividades, impulsionadas nesse meio de comunicação.

O experimentalismo na comunicação, antigamente, estava associado somente a produções artísticas. Como exemplo, em 1967, o músico Glenn Gould inovou o conceito de documentário radiofônico ao montar suas peças quebrando a linearidade das produções da emissora britânica BBC. Ele usava formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, de efeitos e do silêncio, não usava narradores e construía a narrativa por meio de depoimentos. A linguagem representa uma das maneiras de experimentalismo. Bertold Brecht, em Teoria do Rádio (1932) propõe que diretores de rádio não se limitem somente a reprodução de conteúdo e a informação, mas que também haja experimentos, e que a arte e o rádio estejam ligados a fins pedagógicos (Figueiredo, 2013, p. 7).

De modo geral e, com as tecnologias digitais, tornou-se possível ampliar significativamente as possibilidades de experimentação, não só das produções artísticas, mas essencialmente dos meios de informação, não sendo diferente no rádio e nas produções dos raladeires.

### Os usos sociais das tecnologias radiofônicas

O que chama bastante atenção nos relatos de experiência nos estudos sobre a Ralacoco é o de que o intuito principal é o de participar, contribuir e colaborar com o desenvolvimento local/regional. Ferraretto (2014) afirma que o rádio é um veículo essencialmente regional, especificamente quando se trata de: linguagem; cultura; assuntos jornalísticos de maior interesse; espectralidade musical. É inegável que, refletindo de maneira ampla, há inúmeros desafios ainda em relação à radiodifusão pública na América Latina. Conforme Relatório do Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina (BIANCO, ESCH e MOREIRA, 2013):

Para a equipe do Observatório tem sido desafiador estabelecer um marco conceitual que fundamente a radiodifusão pública no continente em processo de transformação, cujos contornos ainda aparecem indefinidos a considerar que se trata de um processo histórico amplo e complexo...

optou-se por realizar essa análise não a partir de um modelo exógeno ideal de sistema público, a exemplo de BBC e do PBS, mas promover um levantamento de como as entidades públicas do continente ligadas à radiodifusão estão se posicionando como organismos públicos na apropriação e reelaboração dos princípios tradicionais que pautam a noção de “mídia pública” definidos pela UNESCO. O trabalho tem sido conduzido na expectativa encontrar parâmetros comuns que contribuam para a identificação de características peculiares às emissoras públicas, sempre deixando espaço para as respectivas e devidas distinções culturais de cada ambiente nacional (Observatório da radiodifusão pública na América Latina: balanço de um ano de atuação, 2003).

**Dez anos depois desse relatório, que apontou dificuldades em traçar parâmetros de atuação e adequação aos princípios tradicionais que definem a mídia pública, pela Unesco, a Associação Brasileira de Comunicação Pública publicou a Carta de Conjuntura n.º 7 – ABCPública, em 15 de agosto de 2023 – 1º semestre 2023, trazendo questões urgentes relativas às preocupações com a infodemia<sup>36</sup> e *fake news*, além de pontuar e reforçar a necessidade de regulamentação das mídias:**

Os primeiros meses de 2023 foram marcados pela retomada de estruturas institucionais de comunicação do governo com a sociedade. Cabe destacar, aqui, a decisão de recolocar a Secretaria de Comunicação da Presidência da República como órgão ministerial e a busca por valorizar instâncias de escuta social, a partir da reativação e reorganização de conselhos com a participação de movimentos da sociedade civil, a fim de dialogar na formulação de políticas públicas.

**A Carta reforça a importância da aprovação do Projeto de Lei n.º 1202/2022, que estabelece a Lei Geral da Comunicação Pública, este foi resultado de uma das resoluções do I Congresso Brasileiro de Comunicação Pública apresentado à Câmara dos Deputados pela ABC Pública.**

---

36 Segundo a OMS, “a palavra infomedial se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia de Covid19. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus”. Disponível em <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?localeattribute=pt>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

Nota-se, conforme acompanhamento dos trabalhos e reflexões desenvolvidas no GT de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, que, na última década, houve o surgimento e o crescimento, no âmbito acadêmico, de atividades de extensão ligadas ao rádio, como as descritas nestes estudos sobre a Ralacoco. Dadas as peculiaridades das estruturas físicas e tecnológicas que abrangem cada um desses projetos, eles possuem o objetivo de estender conhecimento acadêmico, a “educação para os meios de comunicação” para além da sala de aula. Para Nelson Pretto (2010), em seu livro *Do MEB à WEB: o rádio na educação; o papel positivo e incitador*, o valor educativo cultural e político da rádio é inquestionável. Diante desse fato, seria possível continuar citando exemplos de casos notáveis em cada país, dentro e fora da América Latina. O MEB (Movimento de Educação de Base)<sup>37</sup> é um grande exemplo sobre a utilização do rádio na educação brasileira:

O MEB tem como instrumento pedagógico básico o rádio, que possibilitou, em função de suas características, o desenvolvimento de atividades que buscavam, ao mesmo tempo, o uso das técnicas de comunicação, consideradas avançadas para a época, numa perspectiva de fazer Educação à distância, mas também a sua interação com as atividades locais, dentro das salas de aula e nas comunidades. Para tanto foram utilizados métodos e técnicas didático pedagógicos, umas já conhecidas, e outras criadas no próprio desenrolar do trabalho. Através da utilização do rádio, considerada a sua abrangência, foi possível chegar aos locais mais distantes do País, transformados em sala de aula (Pretto, 2010, p. 23).

37 No passado recente, anterior ao golpe militar de 1964, tiveram forte expressão alguns movimentos educativos ligados às camadas populares, nos quais, de modo bastante intenso, toda a problemática da Educação Popular estava colocada, quer seja no campo das realizações quanto nas atuações práticas. Quatro delas tiveram atuações político-pedagógicas bastante intensas, no campo da Educação e das Artes, embora seus tempos de existência tenham sido curtos e interrompidos de forma violenta pelo golpe militar no Brasil, cujas consequências são de conhecimento universal. Os quatro principais movimentos foram: Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC-UNE); Movimento de Educação de Base (MEB), Movimento de Cultura Popular (MCP) e campanha De Pés no Chão Também Se Aprender a Ler (FILHO, 2010, p. 19, grifo nosso).

Dessa forma, nota-se que o MEB, de fato, apropriou-se do meio rádio para, por meio da oralidade, característica forte dessa tecnologia, alcançar pessoas nos lugares mais distantes do Brasil, levando conteúdo educativo, através desse meio. Para Pretto (2010), o antropólogo e sociólogo latino-americano Jesús Martín-Barbero colocou de maneira lúcida e sincera a mudança de paradigmas cognitivos e estratégias organizacionais para realizar educação, ao perceber que estamos passando de uma sociedade com um sistema educativo para uma sociedade da Educação. Nessa perspectiva, a aprendizagem e o conhecimento não só dependem da escola e das instituições educativas formais mas também de múltiplas fontes.

Nesse sentido, cada programa ou programete, cada quadro e projeto implementado/executado por meio da Ralacoco contribuíram e contribuem de maneira significativa na relação ensino-aprendizagem dos raladeires, bem como enquanto participação ativa/efetiva nas comunidades circunvizinhas. No âmbito mais tecnológico, cabe abordar que, no contexto contemporâneo das novas tecnologias de informação e comunicação, as TICs fazem parte do cotidiano da construção do conhecimento e, portanto:

[...] O papel das TICs na educação vem se difundindo na medida em que se questiona a função da escola e do professor, uma vez que, a função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas de promover o aprendizado (Valente, 1991, p. 17).

A promoção do aprendizado ocorre nas atividades do projeto Ralacoco, na medida em que docentes e discentes envolvidos nas propostas, seja como coordenadores, instrutores ou oficinairos, desenvolvem o papel de mediadores do processo de ensino-aprendizagem. É importante destacar outro aspecto relevante no que diz respeito à pesquisa e à produção de conteúdo do objeto pesquisado: os estudos de Henry Jenkins (2009) sobre a *cultura da convergência* de mídias e os estudos desse autor com Sam Ford e Joshua Green (2014) sobre a *cultura da conexão*. Com a ampliação das possibilidades com uso das linguagens da comunicação (e não é diferente com a linguagem radiofônica), Jenkins acrescenta algo sobre as possibilidades técnicas e vai além: “a convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A

convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros” (Jenkins, 2009, p. 30). Sendo assim, a oralidade já é convergente, pensando numa perspectiva da oralidade mediatizada, ou seja, que acontece por meio da gravação ou transmissão da voz, da fala e se constitui enquanto uma dinâmica. Em *Cultura da Conexão*, Jenkins, Ford e Green (2014, p. 26-27) atualizam as formas de circulação da mídia. Eles utilizam termos e expressões como “propagar”, “propagável”, “propagabilidade” para descrever as formas, cada vez mais penetrantes, de circulação da mídia. Segundo os autores:

A propagabilidade se refere ao potencial – técnico e cultural – de os públicos compartilharem conteúdos por motivos próprios, às vezes com a permissão dos detentores dos direitos autorais, às vezes contra o desejo deles [...]. A ‘propagabilidade’ se refere aos recursos técnicos que tornam mais fácil a circulação de algum tipo de conteúdo em comparação com outros, às estruturas econômicas que sustentam ou restringem a circulação, aos atributos de um texto de mídia que podem despertar a motivação de uma comunidade para compartilhar e às redes sociais que ligam as pessoas por meio da troca de *bytes* significativos (Jenkins, Ford, Green, 2014, p. 26-27).

Segundo Barbosa Filho (2003), os tempos de convergência das mídias permitem interatividade em sua conexão mais abrangente, já que os instrumentos se tornam cada vez mais compactos e concentram em si as mais diversas formas de contato temporal com a mensagem informativa sonora, audiovisual ou em texto. Nota-se que, na contemporaneidade, as experiências de escuta já emergiram para modelos de consumo e entretenimento contemporâneos, como é o caso do rádio expandido<sup>38</sup> (Kischinhevsky, 2016), dos portais de *web* rádios e as mídias sociais. Desde a primeira década do século XXI que o rádio se modifica em alguns aspectos, embora suas características básicas tenham sido mantidas. O cenário de atuação profissional, de fato, o alterou e suas técnicas e tecnologias se desen-

38 Segundo Kischinhevsky (2016), o rádio hoje é um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música. A escuta se dá em FM, AM mas também em celulares, tocadores multimídia, computadores, *notebooks*, *tablets*, ao vivo ou sob demanda. Nesse cenário de reconfiguração da mídia sonora, também a produção, a edição e a veiculação de áudios ganharam agilidade, amplificando a voz de novos atores sociais.

volveram (Ferrareto, 2007). Contudo, o termo radiodifusão<sup>39</sup> se aplica tanto para a TV como para o Rádio, mas, sob a vigência da internet, o rádio deixa de ser apenas radiodifusão sonora e passa a ser considerado plataforma de *streaming*<sup>40</sup>, na qual imagens e sons são transmitidos via internet. Com isso, surgem as plataformas de *web* rádios, nas quais são possíveis de serem disponibilizados textos escritos, visuais e sonoros para os “ouvonautas”. “Rádio é linguagem, está presente em vários suportes hoje, ele é essencialmente, um veículo regional” (Ferrareto, Intercom, 2009).

É certo que os conceitos de região, localidade e território têm se tornado cada vez mais complexos diante da realidade da vida, na qual o real também é virtual, de acordo com o estudioso em tecnologias de Pierre Lévy (2011). No entanto, a linguagem de comunicação que mais se aproxima da linguagem popular (que diz muito sobre a forma de pensar, sentir e agir) é a do rádio, independentemente do território de identidade de onde o indivíduo seja ou viva. O projeto Dissonante<sup>41</sup>, que funcionou como servidor, hospedou a plataforma de *web* rádio do projeto Ralacoco e teve papel importante para que o alcance e o acesso via internet fossem possíveis. Em entrevista sobre o Dissonante, o integrante do projeto Bill relata uma experiência de atividade que possibilitava aproximação com as pessoas de uma comunidade próxima, englobava o Projeto Ralacoco e a disciplina Comunicação Comunitária:

Eu lembro que a gente teve um semestre que a gente fez uma espécie de rádio-poste lá no Varjão. Foi uma experiência de Ralacoco na rua, era um pouco levar a Ralacoco para a rua. A gente usava o nome rádio-rua, mas era uma relação muito clara, eu acho, entre a institucionalidade da UnB e a Ralacoco, esse eixo da Comunicação Comunitária.

39 O termo Radiodifusão, utilizado para definir irradiações por ondas eletromagnéticas, compreende dois tipos de serviço: a radiodifusão sonora (rádio) e a radiodifusão de sons e imagens (televisão).

40 *Streaming* é a atividade de audição de sons ou visualização de vídeos diretamente da internet, sem a necessidade de copiar as informações para a memória do computador.

41 Dissonante é um site que serve de plataforma para criação de rádios-web. Dessa forma, possibilita que indivíduos e coletivos criem sua rádio e usem a internet, é uma tentativa de se pensar e de se fazer uma Comunicação que seja livre, horizontal, dialógica e não-hierárquica. Será abordado com mais profundidade em outros textos do livro.

O Dissonante já levava a proposta radiofônica da Ralacoco para um cenário do rádio expandido e, ainda sobre a articulação com a disciplina ComCom, Bill relata: “O melhor do espírito da Ralacoco, na minha visão, representava precisamente a possibilidade desse desvio, a possibilidade de fazer uma linguagem solta, livre. Então a possibilidade da invenção radical (...)” e Ted complementa:

A gente chegava para a galera da disciplina de Jornal Digital de uma outra universidade pública e propunha: “gente, vamos fazer pelo Twitter”, e respondiam: “mas eu não tenho Twitter”. É essa visão: “mas eu não gosto, mas não quero”. E, em ComCom, não precisava ser jornalista, não precisava ser da área de comunicação profissional. O cara virava: “vamos fazer”, a menina fazia um documentário, “vamos fazer isso, fazer a sessão de fotos, vamos inventar”. Até quem não queria fazer nada acabou fazendo uma coisa legal, um podcast, foi muito bacana – em um semestre de 2009.

Nesse ponto, essa proposta perdura de modo reconfigurado, considerando o contexto de institucionalização, como aponta, ainda neste livro, a pesquisadora Juliana Mendes, em *Institucionalização do coletivo e o receio de limitar a liberdade da comunicação*, revelando que:

Atualmente, a rádio se transformou em um estúdio localizado na Sala de Extensão (Salex) da Faculdade de Comunicação (FAC). Existem laços com a disciplina de Comunicação Comunitária, que se tornou um programa de extensão, considerado como um guarda-chuva para diferentes iniciativas (entre elas, a própria Ralacoco). Contudo, as atividades desse coletivo, conforme explicado em entrevista com participante, são desenvolvidas de forma autônoma e comunicadas aos demais integrantes do programa. A troca de informações se constitui em um espaço para receber sugestões e apoios, sem ingerência efetiva sobre as ações. Com essa estrutura, mais recentemente, integrantes da Ralacoco fizeram um edital para convocar produtores de podcast. Ofertaram o estúdio e as oficinas, estimulando o surgimento de programas que ganharam vida própria, ultrapassando o alcance do coletivo.

Com isso, convoca-se aqui o conceito de Tecnologia Social (TS), pois acredita-se que ele contribui para compreender os impactos das experiências desenvolvidas em toda a trajetória da Rádio Ralacoco:



entendida como um processo de inovação a ser levado a cabo, coletiva e participativamente, pelos atores interessados na construção daquele cenário desejável, a TS se aproxima de algo que se denominou, em outro contexto, “inovação social” (Dagnino; Gomes, 2000).

Neste estudo, compreende-se que a Rádio Ralacoco, para além de compor um projeto de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), configura-se também como uma Tecnologia Social (TS). É um projeto, meio/veículo capaz de proporcionar em suas atividades, criativas e técnicas, soluções práticas, econômicas e aplicáveis às necessidades dos executores e do público que destina alcançar, tendo em vista as condições de operacionalidade técnica e as possibilidades de alcance diante do seu entorno territorial. Em *Comunicação Comunitária e ações laboratoriais permanentes*, aqui neste livro, os autores fazem um balanço de duas décadas, das atividades laboratoriais permanentes ligadas à disciplina curricular:

Com 40 semestres de atividades contínuas, a disciplina tem resultados satisfatórios na formação de universitários em atividades de extensão e na melhoria da qualidade de vida dos moradores de distintas localidades. É perceptível as possibilidades de estímulo a um novo olhar sobre necessidades de comunidades mais vulneráveis não apenas como um *locus* de atuação universitária ou profissional mas também como uma maneira de descobrir novas maneiras de relacionar-se com diferentes territórios e pessoas desconhecidas.

As experiências de comunicação em cada território<sup>42</sup> – termo este que, para Milton Santos (2004), mais do que um conceito, é algo que se constitui na prática, com os usos dos espaços nas diversas regiões brasileiras, possuem relevância para a compreensão do delineamento comunicacional em cada uma delas. A utilização dos espaços da região Centro-Oeste, nesse caso, com as atividades da Rádio Ralacoco e, posteriormente, com a parceria do Dissonante ampliando as possibilidades de alcance e audiência para a programação, faz-se refletir, a partir de todos os aspectos,

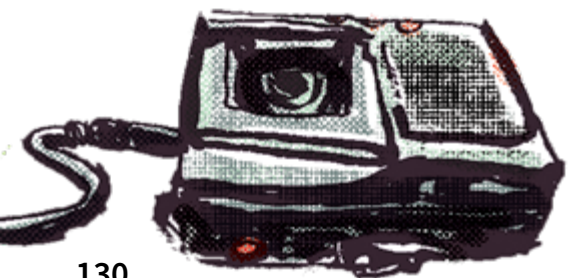
42 “O Território em si, para mim, não é um conceito. Ele só se torna um conceito utilizável para análise social quando o consideramos a partir de seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utilizam” (Santos, M., 2004, p. 22).

como as TICs são utilizadas diante da busca de soluções e impulsionam a criação de TS, no sentido de as pessoas envolvidas construir soluções técnicas muito específicas para o desenvolvimento de suas tarefas e aquisição de resultados desejados.

### Para Além das Ondas do Rádio

Para alcançar os elementos que constituem os usos sociais das tecnologias radiofônicas na Ralacoco, foi necessário retomar marcos relevantes no contexto de 100 anos de história do rádio no Brasil, que ocorreu paralelamente ao bicentenário do país. Neste estudo exploratório, foram acionados conceitos e questões que pontuam a oralidade mediatizada como motriz da comunicação humana, nesse caso, da atividade radiofônica, mesmo que em meio aos avanços tecnológicos significativos.

A noção de território localiza as experiências e os experimentalismos inerentes às atividades do projeto da Ralacoco, em um espaço-tempo com ações que movimentam, que tornam viva a possibilidade de uma comunicação territorializada. Essas ações ressoam com o conceito de Tecnologias Sociais, a partir da visão ainda panorâmica dos usos sociais das tecnologias e comunicação radiofônica praticadas nas atividades da rádio. Isso amplia a função da Ralacoco ao trazer à tona que – para além das práticas laboratoriais e dos exercícios similares aos das rádios universitárias, livres e comunitárias – ela se insere em um contexto de formação educativa mas também de transformação e de tecnologia social, a partir das suas práticas e soluções específicas para atenderem a suas necessidades nesse projeto radiofônico.



## Referências bibliográficas:

CALABRE, Lia. A Era do Rádio: Memória e História. **ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – João Pessoa, 2003. Disponível em: <<http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.379.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

BORGES, Rosana M.R; PAVAN, O Caipira que vos fala: a história do rádio em Goiás dos alto-falantes às emissoras profissionais. *In: Rádio no Brasil: 100 Anos de História em (Re)construção*. Lucia Spacil Raddatz *et al.* (Orgs.) – Ijuí: Ed. Unijuí, 2020.

BORGES, Rosana M.R; PAVAN, O Caipira que vos fala: a história do rádio em Goiás dos alto-falantes às emissoras profissionais. *In: Rádio no Brasil: 100 Anos de História em (Re)construção*. Vera Lucia Spacil Raddatz *et al.* (Orgs.) – Ijuí: Ed. Unijuí, 2020.

DAGNINO, R.; BRANDÃO, F.C.; NOVAES, H.T. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. *In: Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Fundação Banco do Brasil – Rio de Janeiro: 2004.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: Teoria e Prática**. São Paulo: Summus, 2014. 272 p. ISBN 978-85-3230946-4.

FIGUEIREDO, Carolina (Org). **Rádio Universitária Web da UFPE: o desenvolvimento do conceito de rádio web**. Pernambuco/UFPE. 9º Encontro Nacional História da Mídia. Ouro Preto (MG).

FILHO, José Peixoto. O Rádio e a Educação: A experiência do MEB e as contribuições para a Educação Popular *in: Do MEB à WEB: o rádio na educação*. Belo Horizonte – MG: Autêntica Editora, 2010. (orgs.) PRETTO, Nelson Luca de; TOSTA, Sandra Pereira.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Antônio Carlos Gil. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução: Susana L. de Alexandrina. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Tradução: Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e Mídias Sociais: Mediações e Interações**

radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 9. reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2011.

PRETTO, Nelson Luca de; TOSTA, Sandra Pereira. **Do MEB à WEB**: o rádio na educação. Belo Horizonte – MG: Autêntica Editora, 2010.

SANTOS, M. **Território e Sociedade**. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2004.

SILVA, J. L. O. A. **Rádio**: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Anablume, 1999.

BIANCO, Nelia R. Del; ESCH, Carlos E.; MOREIRA, Sonia V. **Observatório da radiodifusão pública na América Latina: balanço de um ano de atuação**. Revista Eptic Online. Vol. 15, n.2, p. 58-73, mai-ago 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/epitic/article/view/940>.

VALENTE, José A. Aprendendo para a Vida: o uso da informática na educação especial. In: FREIRE, Fernanda Maria Pereira; VALENTE, José Armando. (Orgs.). **Aprendendo para a vida**: os computadores na sala de aula. São Paulo: Cortez, 1991.



## ENTREVISTA: Bill e Ted salvarão o mundo?

Os dois raladeiros responsáveis por desenvolver o Dissonante, servidor de rádio web instalado na Ralacoco, contam algumas das suas aventuras na rádio.

Bill e Ted entraram na Ralacoco no ano de 2003, fizeram programas e participaram ativamente das reuniões do coletivo da rádio. Também mergulharam em outras atividades de mobilização. Em 2007, criaram o servidor Dissonante como alternativa para a transmissão da Ralacoco e de outras iniciativas pela internet. Um é Mestre e o outro, Doutor, e ambos atuaram como professores da disciplina Comunicação Comunitária da UnB. São atualmente servidores públicos: um trabalha como jornalista em uma empresa pública de comunicação e outro, com assessoria de comunicação em órgão ligado à ciência.

### Quais foram as suas motivações iniciais e como vocês conheceram a rádio?

**Bill:** Meu primeiro contato com a Ralacoco foi logo quando eu entrei na Faculdade de Comunicação da UnB, hoje já no distante ano de 2003. Era o primeiro ano do governo Lula – quando eu acho que eu nem tinha muito essa dimensão da história que a gente estava adentrando naquele momento. Tem que se compreender o contexto tecnológico que a gente vivia naquele momento. Então, eu lembro que 2003 foi o meu primeiro ano com internet em casa. Era o meu primeiro ano da faculdade. No ano anterior, eu fiz um e-mail porque precisava para a aula de redação do terceiro ano e o professor queria que eu mandasse por e-mail. No Brasil, muitas pessoas já tinham acesso desde 1997, inclusive com o contexto de sala de bate-papo do mIRC<sup>43</sup>, mas eu passei um pouco ao largo disso e fui ter internet em 2003.

E eu estava ali no começo da minha banda de *heavy metal* – que eu tenho até hoje, passados 18 anos. Então eu estava também já começando a me envolver com esse subterrâneo do *heavy metal*. A Ralacoco funcionava nos fundos do Centro Acadêmico de Comunicação (CaCom) e possibilitava um canal para a gente produzir um programa de música e tocar aquilo

43 O mIRC é uma plataforma surgida em 1995 e inicialmente utilizada com a finalidade de *chat*, por meio da criação de salas de bate-papo entre pessoas do mundo inteiro. A ferramenta está disponível em: [www.mirc.com](http://www.mirc.com).

ali na antena de FM para as pessoas escutarem ao redor. Aquilo ali parecia uma possibilidade de comunicação inédita demais, sabe?

Depois eu fui me envolver mais organicamente com a rádio. E aí eu tive um programa de rádio mesmo, que durou por muitos anos, que chamava *Underground Ways*. Acho que eu tenho adesivo dele aqui até hoje. Mas o contato inicial foi com o C.A. de Comunicação, aquela coisa no fundo do C.A., meio quase clandestina.

**Ted:** Eu sou contemporâneo do Bill, a gente entrou juntos na faculdade, e eu vinha de uma região periférica de Brasília, que é Taguatinga. E era raro isso. O processo de cotas realmente foi um momento muito significativo de 2003 para a frente. Eu pegava a linha 349 e comecei a escutar a Ralacoco sentado em uma parada de ônibus que tinha ali do lado. O sinal pegava bem, era bem perto da torre da antena da rádio, que ficava ali em cima do Minhocão<sup>44</sup>. E aí eu pensei: “pô, eles fazem rádio ali dentro, eu quero participar”. E aí eu não lembro exatamente como foi o meu contato, mas eu sei que eu participei de uma reunião da Ralacoco sentado no chão em frente à prainha (em frente ao CaCom). Foi muito bacana essa aproximação. Essa coisa de ser atrás do C.A., e eu sempre achava demais o discurso de “somos a resistência”.

E o *Underground Ways*, exemplo que o Bill falou, é um programa que motivou muitas ações na Ralacoco, como um programa que ia além dos seus limites da *web*. Porque a gente está falando de 100 pessoas ouvindo em tempo real, e isso simplesmente derrubou o servidor de uma rádio *web* que ficava lá em Campinas, a Rádio Muda, estimulando a gente a buscar outras alternativas para melhorar isso. E a gente está falando de 100 pessoas. Esses *Meets*, esses encontros *on-line* que a gente tem hoje, a média é de 250 pessoas com um suporte tranquilo.

## Que eventos ficaram registrados na sua memória ao participar do coletivo?

**Ted:** Essa reunião de sábado à tarde teve alguns embates ideológicos de pessoas com visões diferentes, e essas pessoas assumem lados. Acho que

<sup>44</sup> Minhocão é como a comunidade acadêmica da UnB costuma chamar o Instituto Central de Ciências (ICC), edifício do campus Darcy Ribeiro.

foi bem marcante. Não foram eventos específicos, mas foram embates intelectuais entre visões de mundo, que ajudaram até a criar uma ruptura nos raladeires.

Teve também a ocupação da reitoria da UnB em 2008, que foi muito importante. A gente fez a Rádio 5 mil por hora<sup>45</sup> lá. Na verdade, o Dissonante permitiu isso junto com a Ralacoco, por meio da oferta da estrutura. Brincamos com vídeo, com áudio, com ocupação, com movimento: tudo isso graças ao que a Ralacoco representava nesse momento.

Por outro lado, o transmissor era sempre um problema, já que a gente estava em uma depressão ali na UnB e o transmissor nunca alcançava muito longe. E eram escassos os técnicos que soubessem mexer com isso, por mais que a gente estivesse em uma universidade onde tinha uma Faculdade de Engenharia ali perto, pois tinha uma dificuldade muito grande de ter acesso a pessoas interessadas em fazer isso. E, já que não havia um alcance mais longe, a gente fazia uma atividade lá no refeitório da UnB. Rolou umas duas ou três vezes esse programa no horário do almoço.

**Bill:** No *Underground Ways*, a gente conheceu várias bandas de muitos lugares quando as pessoas estavam viajando por Brasília e vinham aqui. De alguma maneira, fazia parte totalmente desse submundo do *underground*, do *hardcore*, do *punk* e do *heavy metal*. Como eram 100 pessoas ouvindo, a gente ficava em um exercício o tempo inteiro de ter que responder. Tinha um *chat*, acho que era o MSN<sup>46</sup> na época, e a gente ficava lendo os e-mails. Tinha uma participação muito grande, já que se criou uma comunidade em torno do programa.

45 A Rádio 5 mil por hora foi uma iniciativa realizada em 2008 em parceria com estudantes que ocuparam o prédio da Reitoria da UnB em protesto pelo afastamento do reitor de então por suspeitas de corrupção. Para saber mais: <https://vimeo.com/214589687>.

46 O MSN Messenger foi um programa de comunicação instantânea pela internet, lançado em 1999, muito utilizado no Brasil e em outros países do exterior, no início dos anos 2000, como plataforma de bate-papo. Saiba mais: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/04/10-anos-sem-msn-relembre-5-funcoes-iconeas-que-fazem-falta-ate- hoje-edsoftwares.ghtml>.

E, para além dos programas, eu queria destacar duas coisas que, na verdade, para mim representam o cotidiano da Ralacoco. Para mim, era muito especial as reuniões de terça-feira. As reuniões que o Ted falou, que eram aos sábados à tarde, em algum momento, passaram para terça-feira à noite. E havia um compromisso que parece até hoje difícil de imaginar na vida de muitos: se reunir em uma terça-feira à noite para falar sobre os rumos de uma rádio. Então, é esse tipo de compromisso que me parece muito bonito quando eu lembro hoje. O compromisso semanal do encontro. Porque, no fim das contas, tinha a ver com a gestão da rádio e as políticas de promoção de direito à Comunicação.

E a outra coisa que a Ralacoco possibilitou foi a gente dar oficina de rádio na escola [Centro de Ensino Médio] Setor Leste, aquela no final da L2 Sul. E foi uma experiência muito bacana e, como essa, tiveram várias outras oficinas. Eu acho que isso virou uma prática da Ralacoco por um tempo. Esse contato com as escolas.

### Como foi o período de transição para a rádio *on-line*?

**Bill:** Quando eu fazia o programa, em 2003, eu levava CDs e a gente ia trocando enquanto tocava. Mas acho que essas diferenças das mídias das músicas são diferenças menos importantes do que a diferença entre ser uma rádio FM majoritariamente (e ocasionalmente transmitir uma versão *on-line*) e não ter mais opção, o caminho sendo naturalmente uma coisa que não passa pelas ondas de rádio. Essa mudança é uma consolidação que vai chegar no extremo com o formato de *podcast*, nessa versão da cara mais contemporânea da Ralacoco, me parece um fruto do mesmo processo de digitalização da rádio.

Como o meu público sempre era de fora do campus e, mais do que isso, ele era de fora de Brasília, eu fui cada vez me interessando mais pelas possibilidades da transmissão *on-line*. E comecei a fazer o meu programa, o *Underground Ways*, primeiro pela Ralacoco via servidor de rádio da Muda. Já era um outro momento. E aí eu acho que, nesse momento, a Ralacoco já estava em uma baixa de audiência, comparada com os anos anteriores, e foi assim até se extinguir esse formato de rádio. Tenho a impressão, posso estar equivocado. E, nessa época de expansão da rádio, quando havia uma ocupação maior da grade e uma audiência dentro do campus, era o momento no qual havia uma preocupação maior com o controle da programação.



Ocorreu um episódio fatídico do arrote. Eu fazia o programa com outro amigo e aí dei um arrote enorme no ar. Isso foi levado na reunião como uma questão de desrespeito às normas da rádio, sabe? De desrespeito ao que era, ao que deveria ser, quase como assim: “olha, vocês ficam abrindo a rádio para qualquer um, sem as pessoas participarem dos programas e elas acham que isso é uma zoeira sem fim, uma zoeira sem tamanho, e ficam aí arrotando no microfone”. O arrote foi entendido dessa forma. Foi um arrote, diga-se, muito mal compreendido, porque o arrote fazia parte completamente da estética do programa, de uma estética que foi se consolidar muito bem com o *Underground Ways*.

Pode ser muito engraçado hoje, assim, um pouco lúdico, mas há talvez uma coisa boa nisso, olhando para trás: havia uma preocupação pelo que estava se passando ali. Hoje é diferente, nunca foi tão fácil acessar, mas são poucas pessoas escutando. E parece que estão muito mais interessadas em ouvir o que o algoritmo do Spotify<sup>47</sup> vai sugerir automaticamente do que ativamente procurar alguma coisa diferente para escutar. Essa me parece ser um pouco a ironia dos tempos que a gente está vivendo e uma mudança importante da internet dos anos 2000 para a internet dos anos 2010 e 2020. Porque, hoje em dia, as pessoas vão ver um filme já dado dentro do cardápio da Netflix<sup>48</sup> ou dentro do cardápio da Amazon Prime<sup>49</sup>. Você assina plataformas diferentes, mas as pessoas vão sabendo menos como é que você baixa um filme em Torrent<sup>50</sup> e você mesmo escolhe o que

47 O Spotify é um serviço digital privado que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, *podcasts*, vídeos e outros conteúdos de criadores no mundo todo. A história da ferramenta está disponível em: <https://tecnoblog.net/especiais/spotify-dez-anos-historia-streaming-musica>.

48 A Netflix é uma plataforma de distribuição de conteúdos audiovisuais, por meio de assinatura paga, lançada no Brasil em 2011. Acompanhe o desenvolvimento da ferramenta em: <https://tecnoblog.net/especiais/25-anos-da-netflix-como-a-empresa-mudou-a-industria-do-entretenimento-domestico>.

49 A Amazon Prime Video é uma plataforma de distribuição de conteúdos audiovisuais, por meio de assinatura paga, lançada no Brasil em 2016. Mais informações em: <https://tecnoblog.net/responde/amazon-prime-video-vale-a-pena>.

50 A extensão Torrent é uma tecnologia que permite que arquivos (de músicas e vídeos, por exemplo) sejam compartilhados por usuários sem a utilização de um servidor central. Outras explicações em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-torrent>.

você quer assistir. A internet já está em um outro modelo hiperconcentrado, que tem menos a ver com o modelo da Ralacoco.

### E como foi a implementação do Dissonante?

**Ted:** Configuramos dois computadores como servidores de rádio *web*. Um deles ficou na sede de um projeto de cultura digital, um projeto que tinha em um laboratório da UnB. A gente tentou colocar o outro no CPD (Centro de Informática) da UnB. A gente fez um requerimento e a resposta do CPD foi que não tinha suporte para projetos acadêmicos. E aí eu fiquei com aquela pergunta: “para que serve o CPD, então, dentro da universidade se não vai dar suporte para projetos acadêmicos?”. E a gente teve que se virar. Aí a gente colocou esse computador reciclado no estúdio da Ralacoco do jeito que dava, ligou na internet de lá.

A internet é que permitiu o acesso de mais pessoas, e o servidor não precisava nem ser tão rápido assim, já que utilizava *software* livre. A gente não tinha muita estatística, não fazia esse acompanhamento. O computador, ele meio que funciona sozinho. A gente chegou a quase 15 anos do Dissonante. E eu sempre ficava me perguntando como o Dissonante funcionava, considerando as demandas de tecnologia e de pessoas para internalizar esse trabalho. Será que os computadores desse servidor vão conseguir salvar o mundo? Eu não sei.

### Que legado a Ralacoco tem deixado?

**Ted:** Nunca ia imaginar que na universidade eu faria um projeto de extensão junto com a galera da Agronomia, pegar o carro do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), ir lá para os assentamentos lá em Padre Bernardo [município goiano localizado na região do entorno do Distrito Federal] para montar uma rádio *web*. A rádio foi montada, a galera usou bastante tempo lá. Enquanto isso, eu fui aprendendo a fazer secagem de alimentos. Eu acho que essa é a coisa divertida: de repente você está dentro do carro balançando, que não tem nem amortecedor, em Padre Bernardo, para instalar uma transmissão lá.

**Bill:** A Ralacoco trouxe algo, que acho que estamos necessitados neste momento, do Brasil e do mundo e que pode ser retomado. Agora, o formato tecnológico que isso vai tomar, eu não sei. Por exemplo, o Dissonan-

te não são suas plataformas tecnológicas que ficaram, a tecnologia já vai mudando. Hoje nós temos Spotify e, quando a gente estiver fazendo essa conversa daqui a dez anos, vão ser outras coisas. Agora o espírito de que as pessoas podem articular, de maneira coletiva, locais de criação para as suas vozes, de criação de meios para transmitirem suas ideias, isso daí é o que fica, o que não morre. É nisso que temos que investir. Agora, os formatos disso podem ser os mais variados, e eu, que sou uma pessoa que nem escuta *podcast*, não vou ser a pessoa que vai dizer isso. Qual é esse destino? Eu acho que tem muito mais gente melhor qualificada do que eu para dizer qual é o caminho mais interessante.

### Como é que vocês veem o presente e o futuro da Ralacoco neste momento?

**Bill:** Bem, eu acho uma coisa muito surpreendente o ressurgimento do áudio nesse momento em que a gente parece ter tanta tela. Existe um público gigantesco de *podcasts*. Como eu falei para vocês, eu não faço parte desse universo, não sei exatamente o porquê, às vezes eu me atraso com algumas tecnologias. Mas talvez tenha a ver com o uso do tempo das pessoas, que muita gente tem que ficar muito tempo no ônibus, o trajeto das pessoas é uma coisa muito longa e o áudio consome menos banda. Eu não sei dizer exatamente o que explica o fenômeno, mas o fato é que me parece muito interessante perceber que, no momento em que parecia que a gente viveria a primazia total da imagem, porque tudo é tela, existe uma demanda gigantesca e um mercado gigantesco de produtos de áudio. Tem programas de *podcast* que são enormes, são horas das pessoas conversando, e tem dezenas de milhares sobre temas muito específicos ou temas complexos. Não estamos falando das maiores frivolidades, não. É sobre a vida na Coreia do Norte, política, coisas assim. É muito surpreendente que há todo um interesse pelo áudio, que não morreu e que pode ser muito bem explorado aí de maneira livre, de maneira produtiva, pela Ralacoco. Acho que esse seria o melhor caminho no presente.

Agora, tanto o presente quanto o futuro me parece que só fazem sentido se for possível entre as pessoas que querem fazer desse coletivo uma organização coletiva mesmo. Eu acho que, se isso acontecer, qualquer outra coisa para o futuro é decorrência disso. O desafio maior dos tempos de hoje é porque a tecnologia é mais fácil, o acesso é mais fácil, fazer as coisas é mais

fácil, agora, estar junto, é muito mais difícil. Eu estou falando das pessoas se organizarem enquanto grupo, enquanto coletivo com dedicação, isso é um desafio de muitas instâncias da vida pública no Brasil hoje.

É um desafio que eu tenho no meu trabalho. Sou presidente da associação de servidores, e o tempo todo estou pensando: “as pessoas passam 40 horas por semana aqui, elas dedicam as horas mais primorosas da vida delas a esse trabalho, mas elas não estão minimamente dispostas a se organizar enquanto grupo para melhorarem os próprios interesses coletivos delas nesse espaço em que elas já são obrigadas a frequentar”. Então, o desafio da organização coletiva é muito difícil, e eu não tenho uma resposta para isso, mas eu acho que o futuro da Ralacoco depende crucialmente disso, da possibilidade de uma organização coletiva. Se o formato é FM ou *podcast* ou rádio *web* ou qualquer outra coisa, isso me parece uma discussão menor, uma discussão secundária do que a possibilidade de organização das pessoas.

**Ted:** Para eu falar que tem que fazer A e B, só se eu for lá e virar Ralacoco e tocar a vida. Não vou estabelecer a cartilha de uma coisa que eu não faço parte ativamente hoje. E aí o presente é isto: entender que a Ralacoco trabalha com áudio. Eu acho que essa é a principal parte. De qualquer forma, áudio ainda eu entendo como transmissão de voz, som, e aí eu acho que é a única matéria que permanece da Ralacoco: o áudio. Então eu acho que é por esse caminho. Se isso vai estar em vídeo, se isso vai estar em texto, não sei como é que vai estar. E tem a questão do *podcast*, que tem a ver com o fato da pessoa fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo. Então, ela está escrevendo no WhatsApp<sup>51</sup> e ouvindo um áudio, que tem muito a ver com esse movimento anterior do rádio. A diferença é que você sintonizava, hoje você busca conteúdos e segue, cria agregadores e faz sua programação.

Acho que tem um caminho aí que é o da experimentação. Vamos experi-

51 O Whatsapp é um aplicativo de compartilhamento de mensagens e conteúdos digitais para *smartphones* lançado em 2009. Saiba mais em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/criado-em-2009-whatsapp-cresceu-mais-rapido-que-facebook-em-4-anos.html>.

mentar e, se vai quebrar limites, eu não sei, mas vamos testar, vamos ver se essa parada roda. E acho que a gente tem essa coisa da experimentação e da liberdade de experimentar. Se a Ralacoco perde isso no futuro, talvez ela deixe de ser Ralacoco.



## 20 anos de atuação: da FM ao podcast

Jairo Faria Guedes Coelho<sup>52</sup>

### Como tudo começou: a rádio no ar

A rádio Ralacoco tem, desde a sua gênese, uma componente de abertura para os públicos que permite a realização de atividades por meio de diversas ferramentas tecnológicas e sociais que dialogam com o caráter dos seus públicos e dos vários coletivos que conformam a rádio nos seus períodos de atuação. A mobilização de atores dentro e fora da universidade sempre foi um fator de relevância para as transformações nos formatos e conteúdos da rádio, e os usos sociais das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)<sup>53</sup> utilizadas foram parte estruturante para a conformação de um veículo que permite a voz de relativa diversidade nos processos da rádio.

A realização de oficinas, debates, eventos e a possibilidade de intercâmbios de vivências entre pessoas de variados contextos permite e tem influência na criação de mecanismos que possuem componente participativo por seu caráter experimental. Esses elementos também colaboram para a ampliação das redes de contato, para que a iniciativa se conecte com formas mais contemporâneas de comunicação que possibilitem a expressão dos conteúdos e valores das comunidades presentes nos processos coletivos realizados na rádio. Se recorrermos ao início das atividades da Ralacoco, no contexto de uma greve universitária realizada em 2001, já podemos perceber a interação entre movimentos sociais ligados à democratização da comunicação com a utilização de ferramentas tecnológicas que possibilitaram a disseminação dos conteúdos e, ao mesmo tempo, a aproximação de atores de diversos segmentos da sociedade.

52 Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília e pesquisador do Grupo Comunicação Comunitária e Cidadania. Atuou como professor da disciplina e na gestão do Programa de Extensão de Ação Contínua Comunicação Comunitária. E-mail: [jairofaria@gmail.com](mailto:jairofaria@gmail.com)

53 Conforme tratado em artigo anterior, aqui entendemos os usos sociais das TICs como processos de apropriação de instrumentos tecnológicos numa perspectiva crítica e não meramente técnica, levando em conta a utilização dessas ferramentas para ações sociais como a defesa de direitos, a construção e a consolidação da cidadania e da democracia e o desenvolvimento do ser humano.

Naquele ano, com o apoio de entidades como a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB) e a Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraço), a rádio conseguiu equipamentos suficientes para a geração e transmissão de conteúdos (mesa de som, microfone, caixa de som, computador, transmissor FM e antena, por exemplo). As mudanças tecnológicas que estavam em curso nessa época, por um lado, geraram mais possibilidades para os conteúdos da rádio. Por outro lado, a precariedade em termos de equipamentos exigiu criatividade de raladeiros. De acordo com raladeiros entrevistados para esta pesquisa, a chegada do MP3 contribuiu para a dinâmica da programação da rádio, uma vez que os áudios podiam ser programados no computador, sem a necessidade da presença no estúdio. Para Charles Pilsen:

Em termos de transmissão e de produção, a grande virada foi essa coisa do MP3, quando chegou, assim você podia deixar a rádio tocando sozinha, né? Não precisava ninguém lá tocando, mas aí eu acho que foram abandonadas as fitas, porque antigamente as bandas produziam fitas *demo*. [...] Mas a galera produzia isso, e aí tocava na rádio, sabe, então, assim, com aquele som horrível, abafado, de fita cassete, mas acabou se perdendo, porque depois foi o CD e depois muito rapidamente o MP3.

O advento do MP3 também exigiu o estabelecimento de outras logísticas para o armazenamento dos arquivos. Segundo Patrícia Galvão,

Essa coisa de baixar música, não tinha um Spotify, não tinha um YouTube para ficar rodando. Aí, tinha que ter memória: “não tem memória”, e não era isso, um tera de memória, era tipo 12 kilobytes. [...] Os nossos computadoresinhos eram muito simples, mas a gente tocava assim mesmo, a gente fazia com o maior carinho. Até prefiro essa coisa mais verdadeira mesmo. Não sei, eu acho que era uma coisa mais descomplicada, sem esses *glamours* desnecessários.

Grande parte das pessoas que faziam programas na Ralacoco não tinha conhecimentos técnicos para lidar com alguns dos equipamentos, e havia, entre outros, o estímulo para que todos pudessem, de alguma forma, ter conhecimentos básicos de como lidar com os equipamentos eletrônicos e até mesmo construir transmissores mais simples. Nas palavras de Patrícia Galvão,

a gente tinha gente dessa *vibe* do faça-você-mesmo, de construir o próprio transmissor. Tinha oficina de tudo isso, gente: construa o seu próprio transmissor, faça sua própria antena, tinha os transmissorezinhos, faça seu próprio computador. Mas, eu, realmente, não consegui alcançar pela vida mesmo, mas ainda é uma coisa que até hoje eu tenho muito interesse.

### Dicotomias da transmissão por FM: legalização para quê?

Conforme mencionado em outro artigo deste livro, havia no coletivo que geria a Ralacoco um debate sobre a institucionalização da rádio. Alguns integrantes defendiam a legalização da Ralacoco como rádio comunitária, outros preferiam que a emissora seguisse o caminho das rádios livres, a exemplo da Rádio Muda<sup>54</sup>, instalada na Unicamp, em São Paulo. A institucionalização da rádio, como comunitária ou educativa, por um lado, permitiria a utilização do transmissor de forma regular. Por outro, poderia engessar o coletivo dentro de um sistema que exigiria outros tipos de gestão.

A mobilização realizada não resultou na outorga da Ralacoco como rádio comunitária, e a frequência foi destinada a outra emissora na localidade da Asa Norte. Esse foi um fator importante para a consolidação da iniciativa como uma Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária (denominação que constituiu a sigla Ralacoco). O coletivo, já em conexão com a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB), realizava oficinas em localidades próximas à Universidade, como o final da Asa Norte e o Varjão. Essas oficinas foram propulsoras para um modelo de rádio que, ao mesmo tempo, capacitava e gerava programação com conteúdo que misturava questões da política universitária e entretenimento. O desenvolvimento dessas oficinas dialoga com as atividades da disciplina Comunicação Comunitária na grade da FAC, o que possibilitou que estudantes de cursos da UnB das mais diversas áreas pudessem ganhar créditos para interagir e propor projetos ligados às ações da Ralacoco.

54 Fundada nos anos 1980, a rádio livre Muda funcionava na torre de uma caixa d'água da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo. A rádio é referência para outras iniciativas do tipo no Brasil e contribuiu para articular movimentos e projetos em prol da democratização da comunicação e da comunicação livre, independente e alternativa. No dia 26/12/2018, em uma das diversas ações da Polícia Federal e da Anatel para o fechamento da rádio, a porta de acesso ao estúdio foi concretada e “o espaço literalmente sepultado”



## Rádio-poste<sup>55</sup>: uma alternativa para oficinas

Durante as oficinas, as pessoas participantes, principalmente jovens, tinham a possibilidade de falar no microfone da rádio mas também criavam seus próprios meios de propagação dos conteúdos que produziam. Para isso, utilizavam microfones e caixas de som em locais públicos, durante a realização de eventos ou em momentos em que os estudantes universitários propunham para a realização das atividades.

No primeiro semestre de 2004, a prática era desenvolvida apenas por meio de visita ao estúdio da Ralacoco (Rádio Laboratório de Comunicação Comunitária) ou do uso ocasional da rádio-poste. Por outro lado, no primeiro semestre de 2005, foi possível o desenvolvimento de prática constante em uma rádio com transmissor, no caso, a rádio evangélica Shekná FM. No segundo semestre de 2005, a prática foi desenvolvida por meio de rádio-poste e pelo uso da rádio na internet. [...] Enquanto alguns estudantes da UnB desenvolviam o conteúdo programático da oficina (conceitos de comunicação comunitária, pauta, locução, produção etc.), outros estudantes da UnB ensinavam para os moradores do Varjão a técnica de implementação da rádio-poste e da rádio na internet. Por fim, a contradição também revelou as dificuldades de infraestrutura da oficina de rádio. A compra de alguns equipamentos – como um aparelho de som, um gravador de fita K7, cabos e plugs – foi possível porque os estudantes da UnB e os moradores do Varjão se mobilizaram para arrecadar fundos para a oficina, por meio de bazares (Mendes, 2006, p. 93).

Essa primeira aproximação mais institucional da rádio dentro da FAC e a transferência do estúdio para as dependências da Faculdade (quando ela passou a funcionar nos fundos do Centro Acadêmico de Comunicação, o CaCom) possibilitaram uma maior divulgação da rádio, principalmente entre estudantes de comunicação da UnB. De tal forma que, em meados de 2005 (ano em que a Universidade enfrentou outra grande greve), o coletivo da rádio passou a ser composto em sua maioria por estudantes do curso de Comunicação Social da UnB<sup>56</sup>. Essa aproximação

---

55 A rádio-poste é o nome mais popular para a tecnologia denominada por Linha Modulada (LM): “A transmissão se dá por meio de cabos. Os cabos ligam a mesa de som a caixas amplificadoras. A área de cobertura desse tipo de transmissão é bem mais limitada” (Faria *et al.*, 2008, p. 29).

56 Nessa época, era comum ver o rádio do CaCom sintonizado na Ralacoco e havia interação dos estudantes que ali estavam com os que falavam ao microfone (no estúdio separado por um tapume). Alguns dos programas produzidos na rádio eram iniciativas de alunos e alunas vinculados a projetos

gerou também na rádio uma preocupação por uma maior organização dos processos, formatos e conteúdos da rádio. Essa organização contava com as diretrizes estabelecidas nas “reuniões de filosofia da Ralacoco”, momentos nos quais as pessoas que integravam o coletivo se reuniam para estruturar princípios de atuação e definir conceitos que norteavam os conteúdos e as ações da rádio.

Nesse período, já recusando a ideia de se legalizar como rádio comunitária, a rádio se aproximou de movimentos de rádios livres, denominando-se como uma *Rádio Livre com Princípios Comunitários*. A aproximação com o movimento Rádio Livre, articulado pela Rádio Muda, permitiu que a Ralacoco se integrasse ao chamado Rizoma de Rádios Livres, que vinha numa crescente de utilização da internet como ferramenta de transmissão e formação de rede entre rádios com princípios afins.

### **Transmissão pela web: chegando a outros lugares**

Em meados de 2006, a Muda já transmitia seus conteúdos para além das ondas da radiodifusão, com a instalação de um servidor de rádio *web* (radiolive.org) que possibilitou o *streaming* da programação em tempo real. Para a Ralacoco, a utilização do servidor foi um avanço, já que a nova tecnologia permitia tanto a interação com outros coletivos de rádio quanto a possibilidade de transmissão de conteúdos dos programas das oficinas pela *web* de forma simultânea, permitindo maior contato com os ouvintes<sup>57</sup> e a ampliação do raio de divulgação da rádio. A utilização do servidor radiolive.org impulsionou ações na rádio ligadas às questões técnicas de transmissão. A nova forma de transmissão exigia dos programadores uma familiaridade com ferramentas tecnológicas por vezes desafiadoras.

O incentivo ao uso do *software* livre nas plataformas da rádio foi um convite para que o coletivo olhasse mais para as maneiras alternativas de se fazer rádio. Muitos dos programadores não tinham familiaridade com a utilização de programas e sistemas baseados no *software* livre, e isso, em

da Faculdade, como o SOS no AR e o programa do Comitê de Imprensa do CaCom – CicaCom, outros tinham uma linha voltada para o entretenimento, como o *Mexerica* e o *GuGuiGon*.

<sup>57</sup> Esse contato se dava principalmente por meio de plataformas de *chat online* que, à época, eram mais utilizadas por brasileiros, como o MSN Messenger.

alguns momentos, pode ter causado desafios na realização das transmissões e, por outro lado, gerado oportunidades de aprendizado sobre esse tipo de tecnologia. Nesse sentido, havia o uso do *software* livre nas plataformas da rádio, seja pela gratuidade, seja por compreensões iniciais sobre a necessidade de ferramentas alinhadas com a prática do coletivo.

O advento da rádio *web*<sup>58</sup> trouxe novos ares para a programação da rádio, tanto pelo potencial de interação com os ouvintes quanto pelo perfil das pessoas que escutavam a rádio. Essa ferramenta trouxe também uma possibilidade de formação de rede com outras rádios livres do Brasil e do mundo, que se fez presente em mobilizações como a Rede Arrastão de Rádios Livres. No dia 21 de outubro de 2006, por exemplo, no contexto da Semana Nacional de Luta pela Democratização da Comunicação, a iniciativa transmitiu conteúdos de rádios livres de Goiânia e de Brasília em uma programação conjunta montada em uma mesma plataforma disponibilizada pelo radiolivre.org. Nesse mesmo dia, a ação se juntou ao que foi denominado como “rizoma<sup>59</sup> internacional de rádios livres”, que reuniu rádios livres de todo o mundo numa programação voltada para notícias e relatos em torno de uma revolta popular no estado mexicano de Oaxaca.

A partir da possibilidade de transmissão pela internet, a Ralacoco também passou a ter ouvintes no estrangeiro, e o caso mais emblemático é o do programa *Underground Ways*<sup>60</sup>, que ultrapassava os 100 ouvintes simultâneos na internet (para rádios como a Ralacoco isso era um recorde de audiência). O número de usuários conectados simultaneamente

58 As ferramentas tecnológicas disponíveis à época para a transmissão de rádio *web* incluíam *softwares* para a transmissão por *streaming* de áudio e a disponibilização do *link* para essa transmissão em plataformas do tipo *website* ou *blog*. Isso permitia que o ouvinte pudesse ouvir a rádio por um computador ou *laptop* (os *smartphones* ainda não eram popularizados no Brasil nessa época) conectado à internet, com apenas um *click* que direcionava para o *link* do *streaming* de áudio. Atualmente, é mais comum as rádios utilizarem aplicativos que podem ser baixados nos *smartphones*.

59 No contexto das rádios livres, costuma-se também utilizar o termo rizoma em substituição à rede. O conceito de rizoma traria uma maior noção de multiplicidade com relação à interação entre as rádios participantes e não daria a carga binária e hierárquica que muitas vezes o termo rede pode trazer.

60 Caso detalhado na entrevista com Bill e Ted.

derrubava com frequência o servidor radiolive.org, dadas as insuficiências técnicas do sistema.

O caso *Underground Ways* foi um importante impulso para a concretização de um projeto de instalação de um servidor de rádio *web* que pudesse ser acessado com mais facilidade e autonomia pelo coletivo na Universidade de Brasília. Assim, nasce, em 2007, o servidor Dissonante (dissonante.org), por meio de um Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Comunicação:

Devido à quantidade inesperada e não suportada pelos três servidores do radiolive.org, o coletivo do Portal precisou adequá-los à nova demanda. Em 04 de janeiro de 2007 o coletivo da Rádio Ralacoco realizou uma reunião de planejamento anual e, entre as pautas, aprovou-se que a Ralacoco seria “uma ou a principal gerenciadora do servidor de Rádio web com princípios de democratização da Comunicação, a partir do projeto final do Leyberson”. O estudante viajou ao IV Encontro de Rádios Livres em Recife, Pernambuco. A partir de sua proposta para a disciplina Pré-Projeto da Faculdade de Comunicação, a intenção da viagem era acompanhar e levantar discussões sobre como a tecnologia poderia ser uma estratégia de transformação social para a Comunicação. Mas do encontro surgiu a ideia de se somar esforços ao Portal radiolive e assim criar mais um servidor de Rádio web em uma universidade pública (Arcanjo; Pedrosa, 2007, p. 9).

O servidor inicialmente funcionava com duas CPUs<sup>61</sup> reformadas para esse fim, em que uma servia de *backup* para a outra, e se mostrou muito mais eficiente. A plataforma permitia que indivíduos e coletivos transmitissem seus conteúdos por *streaming*, desde que respeitadas as políticas de uso que estabelecia princípios básicos para uma comunicação alternativa e independente.

### **Novo estúdio, novos tempos: o fim da transmissão por FM**

Concomitante à utilização do Dissonante como meio de transmissão pela *web*, a Ralacoco continuava transmitindo pelas ondas de radiodifusão, com um transmissor mais potente, reformado, daquele emprestado

61 CPU, sigla em inglês para Unidade Central de Processamento, são partes de computadores do tipo *desktop* responsáveis por rodar os *softwares* instalados no equipamento.

inicialmente pela Abraço, funcionando na frequência 101,3 Mhz e com antena e outros equipamentos adquiridos por meio de contribuições, vaquinhas e realizações de eventos em parceria com outros coletivos. A torre da antena, que ainda resiste na laje do prédio do ICC Norte do campus Darcy Ribeiro, chegou a ser instalada com o auxílio da Prefeitura da UnB, tendo em vista que a rádio contribuía com a formação de estudantes da Universidade e estimulava a experimentação de ferramentas comunicativas.

Em 2009, a Abraço pediu de volta os equipamentos emprestados à época da inauguração da rádio. Os equipamentos foram devolvidos para a instituição (transmissor renovado, antena e *mixer* novos) e havia dinheiro em caixa para a aquisição de novos aparelhos. Mas o coletivo optou por abandonar a transmissão por FM. Assim, com a transferência do estúdio e o desenvolvimento do Dissonante, a *web* se tornou a principal plataforma de transmissão da rádio. Esses foram fatores essenciais para que a rádio abandonasse naquele momento as tecnologias de transmissão por radiodifusão.

A fase de transição revelou que a institucionalização e o financiamento mais robusto da rádio não geraram um engajamento suficiente para manter um conteúdo de uma grade de programação. Até porque, com um grupo pequeno e desmobilizado, não havia condições de realização de conteúdo inédito. No meio dessas necessidades de renovação do coletivo, havia um debate em jogo: o coletivo da Ralacoco deveria investir seus esforços na manutenção da transmissão em FM ou deveria deixar de utilizar esse meio de transmissão e focalizar em produzir conteúdos qualificados distribuídos por meio de plataformas digitais? Esse debate era essencial no contexto de ocupação do novo espaço, uma vez que a construção do novo estúdio era uma oportunidade para a ressignificação de paradigmas relacionados a tecnologias de transmissão e distribuição dos conteúdos da rádio. Em uma das mensagens trocadas por e-mail durante esse período em um grupo do coletivo, um raladeiro externa a sua preocupação com essas transformações:

talvez seja um apego que não faça mais tanto sentido, eu entendo, mas eu vejo a transmissão em FM como um dos pontos de partida constitutivos da radio, uma das características necessárias pra que a gente possa chamar a Ralacoco de rádio. sei lá, poderíamos fazer um paralelo como estúdio. A gente poderia muito bem produzir e transmitir

programas cada um em sua casa ou no lugar de maior conveniência, mas ainda assim o estúdio me parece um espaço que se faz necessário pra que de fato exista Ralacoco, entende? Acho que é meio por aí... (informação por escrito)<sup>62</sup>.

Em meados de 2010, a Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB passa por uma reforma que exige a transferência do estúdio da Ralacoco e, nesse período, a rádio já não transmitia pela FM. Com o novo estúdio inaugurado em 2010, com espaço planejado, estruturado e cedido pela Faculdade dentro da Sala de Extensão (uma vez que a Ralacoco já se enquadrava dentro do guarda-chuva do Programa de Extensão Comunicação Comunitária), com equipamentos novos conseguidos por meio do financiamento de projetos, além dos equipamentos antigos que já eram utilizados, a Ralacoco agora tinha um estúdio mais moderno e revitalizado.

As transformações geradas pela reforma do espaço, as dificuldades técnicas pelas quais passavam a transmissão em FM e o distanciamento do estúdio do Centro Acadêmico são elementos que podem ter gerado uma desmobilização do coletivo da rádio. Além disso, grande parte das pessoas que integravam o coletivo da rádio já não frequentava tanto o ambiente da Universidade de Brasília e havia uma necessidade de renovação no grupo. A Ralacoco (e o Dissonante) agora contava com bolsistas de extensão, equipamentos novos e estúdio adequado, mas pouco era o movimento naquela sala. Os conteúdos produzidos eram mais em função das oficinas e ações do Programa de Extensão Comunicação Comunitária, e o estúdio funcionava prioritariamente como uma sala para produção de conteúdos de áudio do que uma rádio.

### **A chegada do podcast**

Com o registro e a consolidação do programa de extensão, a Ralacoco e o Dissonante passaram a atuar mais como ferramentas para a realização de projetos do Programa Comunicação Comunitária do que como veículos de comunicação, por mais que se buscasse estimular que pessoas de diferentes contextos utilizassem a rádio. No período entre 2009 e 2019, eram exceções os momentos em que se via pessoas que não eram bolsistas do Programa utilizando as instalações da rádio. Via-

62 E-mail enviado em 04/08/2010 em grupo de e-mails privado do coletivo Ralacoco.

se, por outro lado, bolsistas do projeto produzindo para as atividades do Programa bem como realizando seus trabalhos administrativos. A experiência da entrevistada Nanisca mostra essa realidade:

Eu me aproximo da Ralacoco a partir de Comunicação Comunitária em 2014, eu acho. E, lá na Ralacoco, especificamente, a gente começa fazer um movimento de chamar os estudantes para fazer programação. Então, a gente teve alguns programas experimentais durante algum tempo, mas não teve, assim, realmente, uma grade de programação. Tivemos vários períodos de vários extensionistas tentando fazer programação e tentando também articular como ficaria melhor a distribuição com o Dissonante. Então, tudo era meio caótico, no sentido: “o que é Dissonante, o que é Ralacoco, como a gente integra tudo isso?”, e também como a gente faz para integrar as rádios que eram de fora, mas pediam acesso ao Dissonante, continuam também com o foco democrático, foco nos direitos.

Com o objetivo de promover interação entre as pessoas e coletivos que transmitiam, por meio de um ponto de *streaming* do Dissonante, criou-se uma plataforma dentro do projeto chamada Rádio Coletiva. A iniciativa disponibilizava um ponto de montagem (porta virtual que possibilita a transmissão de um usuário pelo sistema de *streaming*) que podia ser utilizado em horários específicos por programadores diferentes, conformando uma grade de programação coletiva. A Rádio Coletiva também previa a utilização de fóruns e chats para a interação entre os usuários. Apesar de haver projeto e recursos para a sua realização e mesmo com a estruturação e disponibilização da plataforma, a proposta não foi bem-sucedida por falta de interesse dos usuários. O Dissonante, assim, continuou sendo utilizado como plataforma de *streaming* por alguns poucos usuários em *streamings* individuais e acabou por encerrar as suas atividades definitivamente em 2022, conforme anunciado no site do projeto:

Os tempos são outros, a internet é outra, o nosso país também. Há o momento de acabar certas coisas para que as novas surjam. Mas que não sejamos mal compreendidos. O momento atual nos demanda muito engajamento, o mesmo que criou o Dissonante lá em 2007, mas não necessariamente em manter vivo coisas que não vivem mais. A internet, reduzida a um punhado de empresas e serviços de *streaming* ao vivo e sob demanda, parece mais murada do que nunca. A criação de uma comunicação livre, autônoma e acessível (não apenas

como mobilidade passiva) continua urgente. E precisamos, mais do que nunca, construir nossas próprias ferramentas de emancipação desse circuito vigiado.<sup>63</sup>

Em 2019, duas ações fizeram com que outras pessoas passassem a utilizar a rádio Ralacoco. Uma delas foi o lançamento de um edital que visava à utilização da Ralacoco para a produção de *podcasts*<sup>64</sup>. A iniciativa teve como consequência a criação de pelo menos sete séries de *podcasts* e a criação do perfil Estúdio Ralacoco em várias plataformas de áudio sob demanda (<https://anchor.fm/estudio-ralacoco>) e envolveu estudantes de graduação e pós-graduação, bem como docentes da universidade e a comunidade externa.

Atualmente, desde 2019 até o fechamento deste livro, o estúdio da Ralacoco é utilizado para ações e oficinas do Programa ComCom, desenvolvendo projetos como o Nossas Vozes<sup>65</sup>. A iniciativa promove encontros de formação e experimentação em formatos radiofônicos com jovens de 12 a 17 anos em situação de conflito com a lei e em cumprimento de medidas socioeducativas. O projeto permite tanto que os jovens tenham contato com o ambiente universitário e produzam conteúdos no estúdio da rádio quanto que apresentem espaços da comunidade onde vivem para os universitários participantes, gerando ali também conteúdo que possa ser utilizado em experimentações sonoras.

## Oportunidades para o futuro

As diversas tecnologias utilizadas pela Ralacoco para a transmissão dos conteúdos produzidos por meio dos programas e das oficinas realizadas

63 Informação disponível em: <http://dissonante.org/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

64 A palavra *PodCast* é uma junção dos termos *Ipod* (aparelho utilizado principalmente no início dos anos 2000 para o armazenamento e reprodução de músicas e outras peças de áudio em formato digital) e *broadcast* (transmissão, em inglês). A expressão atualmente é utilizada para denominar programas de rádio disponibilizados pela internet, principalmente por plataformas de áudio sob demanda (como o Spotify, Deezer, entre outros).

65 Realizado em parceria com a Unidade de Atendimento em Meio Aberto (Uama), instituição vinculada à Subsecretaria do Sistema Socioeducativo da Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal (DF), desenvolve oficinas relacionadas a rádio, juventude e cultura.



no âmbito da rádio revelam interações sociais que nos permitem fazer reflexões sobre formas de mobilização para a geração de instrumentos para a apropriação de ferramentas comunicacionais por pessoas que buscam realizar conteúdos mais alternativos, independentes e comunitários. A escolha pela utilização de cada aparelho, no caso da Ralacoco, foi uma construção que envolveu fatores conjunturais (como a mobilização em torno de uma greve, a realização de oficinas em locais afastados ou a vontade/necessidade de transmitir para pessoas fora do país) e estruturais (como os recursos pessoais, financeiros e as possibilidades regulatórias e administrativas disponíveis).

Nesse sentido, a experiência mostrou que as decisões tomadas não necessariamente se pautaram pela aquisição de equipamentos ultramodernos e de tecnologia avançada, mas sim daqueles que atendiam minimamente as necessidades do coletivo naquele momento e que pudessem ser mais facilmente adquiridos. Podemos perceber isso principalmente no período antes da maior institucionalização da rádio (2002-2010), quando a precariedade dos equipamentos não impedia, e por vezes até estimulava, as pessoas a se mobilizarem em prol da transmissão dos conteúdos. Numa segunda etapa (2010-2019), percebemos uma Ralacoco com equipamentos renovados e, ao mesmo tempo, uma desmobilização do coletivo em torno da constituição de uma rádio nos termos mais tradicionais.

Os processos de digitalização da transmissão e de institucionalização da rádio como projeto de extensão foram importantes nessa transição, uma vez que as facilidades que aparentemente esses dois adventos trariam à rádio significaram obstáculos à mobilização de atores para a realização de conteúdos de forma horizontal. A individualização que a transmissão pela internet pode gerar (a possibilidade de transmitir a partir de casa, por exemplo) e a hierarquização e burocratização que a institucionalização pode gerar (bolsistas tendo que produzir relatórios e organizar atividades com voluntários, por exemplo) são desafios a serem vencidos pelos próximos raladeiros.

O intercâmbio de vivências com pessoas que, durante estes 20 anos, empenharam-se para manter vivo o projeto de se fazer uma comunicação mais horizontal, independente, alternativa e comunitária pode ser um caminho para transformar esses desafios em oportunidades para o futuro.

## Referências bibliográficas

ARCANJO, P.; PEDROSA, L. **Projeto Dissonante faça-rádio-web-você-mesmo:** uma experiência de comunicação livre. TCC (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/1719>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

MENDES, J. **Relatos de uma Experiência de Comunicação Comunitária:** como a comunicação comunitária influencia na constituição discursiva da identidade dos e das jovens do Varjão participantes da oficina de rádio. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/793>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

SANTANA, A. **Vozes de Planaltina:** projeto Rádio Diversidade e a comunicação comunitária aliada à educação. Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, Categoria Jornalismo, Modalidade Documentário em Vídeo (avulso). Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/expocom/EX21-0218-1.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2022.



## ENTREVISTA: Edital de podcast renovou a Ralacoco

A ideia, executada por extensionistas como a Akire, gerou programas sobre a UnB, música, antropologia, educomunicação e a realidade indígena.

Diferentemente das gerações passadas do coletivo, os universitários tinham acesso a mais recursos e tecnologia para propor novos formatos em 2018, para além das ondas de rádio. Participando da Ralacoco, Akire se juntou a outros estudantes para escrever e lançar um edital de fomento ao *podcast*. Cinco grupos se inscreveram, recebendo oficinas sobre locução, roteiro, edição e redes sociais. Os temas eram variados, passando por notícias sobre a universidade, música, antropologia, educomunicação e a realidade indígena. Alguns programas, como o *UnBcast* e o *Voz Indígena*, criaram vida própria a partir do apoio do estúdio da Ralacoco.

### Como foi a sua experiência na Ralacoco?

Entre 2018 e 2019, eu entrei no projeto e, antes, eu nunca havia participado da extensão. Eu recebi um convite para me juntar à Ralacoco e foi quando eu falei: “Ah, eu preciso dessa experiência antes de me formar”. E eu gostava muito de rádio e música. Atualmente, cursando Publicidade, eu estou tendendo para a área de *design* gráfico e *social media*. Antes, eu tive muita dificuldade de encontrar meu caminho profissional. E a música se tornou algo leve, que eu tinha vontade de aprender. Eu participo do programa *Cult 22*, da Rádio Cultura FM do Distrito Federal. Nunca quis me profissionalizar, a música é uma curiosidade e um *hobby*. Porém era algo que eu poderia fazer na Ralacoco, ensinar e aprender um pouco. E foi um jeito de encontrar uma parte da minha vida na UnB. Agora, nas experiências com áudio, eu estou tentando discotecar.

Bem, quando entrei, o grupo estava passando por uma pausa e eu já tinha uma proximidade com rádio. A proposta era reviver o projeto, montar alguma coisa a partir do que existia. Paramos e pensamos, ninguém da nossa bolha estava ouvindo rádio *on-line*. O que o pessoal estava ouvindo? Reparamos que o *podcast* estava e continua em alta. Nenhum de nós havia produzido *podcast*. Como faz *podcast*? Aí a gente foi atrás e fez. Em uns dois meses, a gente gravou uns cinco episódios do *Falacoco*. Era um

produto teste para saber se conseguíamos fazer roteiro, mexer na mesa de som, entrevistar, gravar, sonorizar e editar o áudio. Entrevistamos as empresas juniores, a atlética e fizemos dois outros episódios soltos com tema livre. Tivemos contato e aprendemos mesmo com a experiência.

Logo depois do *Falacoco*, queríamos abrir isso, porque a ideia realmente sempre foi expandir a Ralacoco para além da disciplina de Comunicação Comunitária. Abrimos um edital para chamar a comunidade acadêmica para fazer conteúdo no estúdio usando o equipamento. E, como contraproposta, demos oficinas de roteiro, locução, edição de som e redes sociais. As pessoas vieram e surgiram *podcasts* sobre a universidade, música, antropologia, educomunicação e a realidade indígena.

As meninas que faziam o programa sobre a universidade apresentavam informações para tirar dúvidas de calouro, explicar projeto de extensão e muito mais. O nome era *Papo UnBês* na época, mas depois virou o *UnBcast*. Agora é um convênio junto com a UnB, um projeto de extensão à parte. Deu muito certo e elas cresceram. Outro *podcast* que teve muita repercussão foi o *Voz Indígena*. A Fundação Nacional do Índio (Funai) entrou em contato dizendo que havia gostado muito e pedindo para falar com quem fazia o conteúdo. O edital foi uma ótima experiência, gerando bons produtos.

### Dentro da extensão, como era a mobilização para estruturar a rádio?

Eu lembro que a gente sempre tentou trazer o FM de volta. Esse era um assunto que, vira e mexe, aparecia. Hoje eu entendo que tudo bem ficar fora da rádio tradicional, porque tem a internet e podemos fazer *streaming*. Eu sou leiga, mas, quando as pessoas falavam de voltar a ser uma emissora, eu perguntava para o professor o que era preciso. Ele dizia que um transmissor, mas era muito caro, fora das nossas possibilidades de fazer uma vaquinha. E a gente continuaria pirata, enquanto a internet estava facilitando nossa vida.

Acho que o desejo de ser FM ou AM era para alcançar a comunidade próxima: Asa Norte, Asa Sul, Paranoá, Vila Planalto. Se bem que não poderíamos ir tão longe com um transmissor. E ficou muito bom trabalhar com áudio na internet. Tanto é que estamos vendo os frutos. E vejo que

não precisava ter medo, focando nos obstáculos. Podemos colocar o conteúdo no Spotify e a nossa mãe ficar orgulhosa e os amigos empolgados, perguntando como se faz isso. Ou seja, a gente conseguiu encontrar um caminho. Mas, às vezes, rolava uma desmotivação. Isso porque não tinha muitas pessoas empenhadas, faltava infraestrutura e conhecimento.

Porém, teve um dia, na *Semana Universitária*, que fizemos um evento da *Ralacoco: da FM ao podcast*. Demos um jeito de reunir raladeiros de diferentes gerações. Foi legal para conversar e relembrar histórias. Trocando esse tipo de experiência, ficamos sabendo o que acontece depois com a galera que participa da rádio. Se eles continuam na área ou não.

E eu reparei que tinha um choque de geração. Eles curtiam muito fazer a rádio via Dissonante, o servidor de rádio *web* livre, e eram envolvidos em projetos de extensão. Eles mobilizavam o pessoal da FAC, no espaço físico, fazendo eventos. Fazendo a comparação com minha geração, a gente queria fazer tudo *on-line*, mas pelo *podcast*. Agora também temos a mobilidade de gravar, editar e passar a hora que puder. Isto é, temos mais recursos e tecnologia. A nossa principal dúvida era sobre qual seria a diferença entre rádio e *podcast*. A gente não era mais rádio?

Lembrando que a gente também não estava usando o Dissonante. Com o surgimento do Spotify e outras plataformas de *podcast*, era mais fácil de alcançar o público. Ficando no Dissonante, a pergunta era se a gente ficaria batendo na mesma tecla de fazer propaganda desse servidor. Tudo bem, a gente podia. Mas como chamar mais atenção? E também todo mundo ficava meio confuso: o que é Dissonante, o que é a Ralacoco, o que é ComCom? E existia essa dificuldade de explicar que essas três coisas conversavam.

No final, usamos a plataforma do Anchor<sup>66</sup>, que era gratuita e mais fácil para subir os *podcasts* em outros sites. E, justamente, parece que *pod-*

66 A Anchor era a maior plataforma de hospedagem de *podcasts* do mundo e permitia que os conteúdos inseridos fossem disponibilizados simultaneamente em diversas plataformas de áudio sob demanda. Em 2023, a Spotify incorporou-a como uma ferramenta intitulada Spotify for Podcasters. Saiba mais em: <https://www.oficinadanet.com.br/spotify/45187-spotify-for-podcasters-novidades>.

*cast* traz uma facilidade maior. Sem contar que quem está na universidade agora é um público que consome *podcast*. Então, deve ter muita gente querendo fazer *podcast*. Na rádio, ainda fica muito um mistério, ninguém sabe direito o que acontece no estúdio. Enquanto isso, o *podcast* pode ser gravado com um celular.

De qualquer forma, na salinha da Ralacoco, tinha um estúdio e a gente conseguia se concentrar ali para fazer os projetos. Tinha a infraestrutura do estúdio, da mesa com o computador, alguns microfones, o *software* livre de edição. Essas coisas facilitavam e era bom estar inserida no ambiente físico. Não estou falando que não funciona no virtual, só que, estando envolvida ali, você consegue tirar a ideia do papel na hora. E tinha um ex-raladeiro que era professor e dava apoio. O direcionamento era diferente na época dele e na nossa. Então, a gente conseguia trocar uma ideia para ver como funcionaria no momento.

Para a produção dos *podcasts*, a gente usava o apadrinhamento e amadrinhamento. Cada extensionista apadrinhava dois *podcasts*. Não era pela hierarquia da coisa, mas para facilitar a organização. A pessoa podia entrar em contato comigo, eu ficava no estúdio caso ela precisasse, ensinava a editar ou editava o áudio. Era algo para fluir melhor. E a gente estruturava a nossa organização pelo horário, porque cada um pegava disciplina em uma hora completamente diferente do outro. E tentávamos nos dedicar pelo menos duas horas por dia à Ralacoco. A gente combinou de estar sempre ali presente. E a gente tentava passar essa ideia pelas oficinas, de que era a vez dos locutores fazerem o *podcast*. Eles traziam o conteúdo e a gente dava uma revisada, tirava alguma dúvida e acompanhava de perto. Sugerimos o que poderia melhorar em um ponto. Eram pequenos toques, pois a gente deixava muito livre para as pessoas fazerem o que elas queriam fazer.

E tinha também a reunião semanal com todo mundo do projeto Comunicação Comunitária (ComCom) na sala. Assim, o restante do projeto de extensão conhecia o que a gente estava fazendo, trocando figurinhas. Daí vinham as perguntas: “Você já pensou em fazer de outra forma? Desse jeito aqui?”. A Ralacoco parecia um ser próprio dentro do projeto de extensão ComCom. Mas a gente tentava repartir as informações para saber tudo que estava acontecendo.

## Os podcasts dialogavam com os ouvintes?

Na época, os ouvintes eram os nossos familiares e amigos. E é bom! Você tem que começar de algum lugar. Eu lembro que teve uma vez que a gente conseguiu bater 10 ouvintes. Perfeito! Já tem metade de uma sala de aula da UnB. O apoio que as pessoas próximas dão é muito importante para você conseguir subir mais um degrau. E, assim, o *UnBcast*, de repente, não é ouvido só pela FAC, ou só pela UnB, virou Brasília, é uma comunidade. Acho que é estratégico manter essas boas relações. E os nossos *podcasts* não são mídia tradicional. Não é como um *podcast* da Folha de S.Paulo ou do G1. A produção é menor, porém existe uma organização dos assuntos que se aproxima dos interesses da nossa comunidade. O pessoal realmente se dedicava ali e havia ouvintes.

Eu vejo a gente muito como experimental, na verdade. Estávamos ali testando e a UnB permitiu isso. É um lugar incrível para aprender, experimentar e fazer um monte de coisas diferentes. Fora da universidade, talvez a gente não pudesse fazer isso. Por exemplo, no [programa] *Cult 22*, tem mais seriedade e um peso maior. Sabemos que tem muita gente ouvindo e não é qualquer pessoa (algumas ocupam cargos e são lideranças). Na Ralacoco, era diferente, a gente tinha esse espaço livre que permitia falar sobre tudo. E experimentar todas as nossas ideias. E eu acho que essa experimentação tinha um significado de a gente não saber exatamente o que estava fazendo, aprendendo na hora. E tudo bem, nossos ouvintes vão entender que às vezes nem a gente sabia o que estava fazendo lá. Estávamos estudando, experimentando e melhorando. Nunca existiu nada por parte da UnB ou da comunidade acadêmica de proibir a gente de fazer as coisas. Todo mundo sempre foi muito aberto, abraçando nossas ideias e produtos.

## Como a Ralacoco contribuiu para a sua formação e de seus colegas?

Os *podcasts* abordavam assuntos variados e todos os temas, ajudavam a galera entender qual era o seu papel e o que estava fazendo ali. E, um ou outro, trazia uma visão diferente. Por exemplo, eu cheguei cheia de interrogação na cabeça para acompanhar o *Voz Indígena*. Tinha medo de falar uma besteira e, sei lá, ser cancelada. Mas não, foi ótimo. Eles trouxeram muitos conhecimentos, e em que momento eu teria contato

com esse debate? Porque não é uma coisa que faz parte da minha bolha. Eu acho que foi incrível todas as pessoas que passaram ali, agregando uns para os outros.

E eu não fazia questão de reconhecimento. Estava ali fazendo o projeto de extensão, bem confortável. Eventualmente surgiu a necessidade de divulgar a Ralacoco. Fomos ver como outros *podcasts* faziam e tinha uma chamadinha, no início ou no final do programa, indicando onde ele foi gravado. Um dos meus colegas, então, gravou a frase “Este *podcast* é produzido no estúdio da Ralacoco dentro do projeto de extensão de Comunicação Comunitária da Faculdade de Comunicação”. Pronto. A gente deu essa chamadinha para a galera editar no *podcast*. Não funcionou, não sei se eles esqueciam ou não queriam. De qualquer forma, achei ótima minha experiência na Ralacoco, que todo mundo cresceu e foi feliz, e eu pude participar um pouco dessa história. Tanto que fui entrevistada na *Revista Darcy*<sup>67</sup> para falar sobre o projeto.

E, apesar do estúdio ser pequeno, eu sempre ficava querendo que as pessoas fossem para lá gravar. Porém, pensando no futuro da Ralacoco, não sei para onde o projeto vai. Afinal, com o *podcast*, existe a possibilidade de gravar no próprio celular em casa. Como a gente brinca, o melhor estúdio de gravação é dentro do seu armário. Pega o seu microfone e dá certinho para gravar. Hoje eu vejo que estúdio não é uma coisa tão necessária e não sei para onde a Ralacoco vai depois dessa. E eu não chego a nenhuma conclusão ainda, sabe? É um espaço bacana, mas a galera tem que se interessar muito pela mídia alternativa e rádio comunitária.

67 Revista de Jornalismo Científico e Cultural editada pela Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília. Disponível em: <https://revistadarcy.unb.br>.





# Anexos

## Carta de Princípios da Ralacoco

A comunicação é um direito inalienável. A RALACOCO se compromete com a democratização\* da comunicação nas suas práticas cotidianas;

Entendemos por comunicação a produção, divulgação, interação de conhecimento e mobilização social;

A RALACOCO acredita na organização horizontal e na potencialidade de cada um/a para a construção do coletivo;

A RALACOCO acredita na autogestão como fomentadora de aprendizado e sustentabilidade;

A RALACOCO tem o ideal de uma comunicação livre de preconceito de gênero, etnia, credo, opinião política e partidária, sexualidade, deficiência e quaisquer outros que tenhamos esquecido;

A RALACOCO está aberta à participação de tod@s que compartilham com seus princípios e estejam dispost@s à construção de espaços de autocrítica coletiva;

A sustentabilidade da RALACOCO está relacionada com a participação das diversas comunidades. Entende-se como comunidade “espaço social no qual há valores compartilhados, sentidos de identidade e pertencimento e atividades culturais, políticas e econômicas comuns. Além de ser local de existência do desenvolvimento de atividades voltadas para propósitos coletivos e da comunidade. Portanto, o conceito de comunidade se relaciona também com a participação e a mobilização social de seus indivíduos” (Franco, 2001, p. 59)\*;

Respeito à liberdade de expressão e às diferentes formas de agir, pensar e se comprometer com a Rádio;

A Rádio dialoga com outras rádios, coletivos, movimentos sociais, uni-

versidade e o Estado, trocando ideias, mas não se submete a dinâmicas externas;

A RALACOCO reconhece como produtores de cultura e conhecimento todo e qualquer grupo e seus respectivos sujeitos;

A RALACOCO não possui fins comerciais;

A carta de princípios é e deve ser resultado de uma constante construção coletiva.

\*FRANCO, Augusto de. **Capital social**. Brasília: Millennium, 2001.

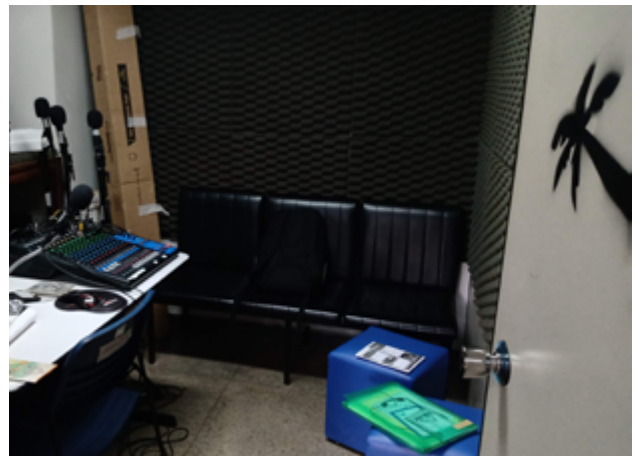




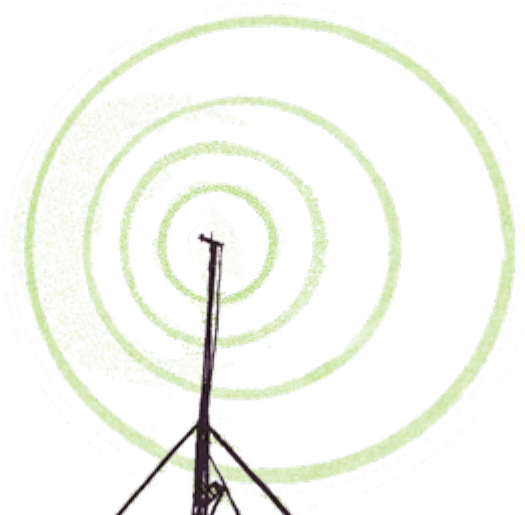
Anexos | Registro da rádio em imagens



## O atual estúdio, na Sala de Extensão (Salex) da Faculdade de Comunicação (FAC)



## A antena e as “Operações Viagra”

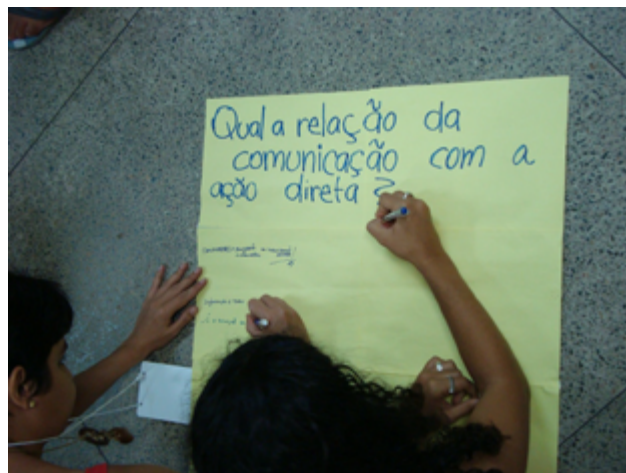
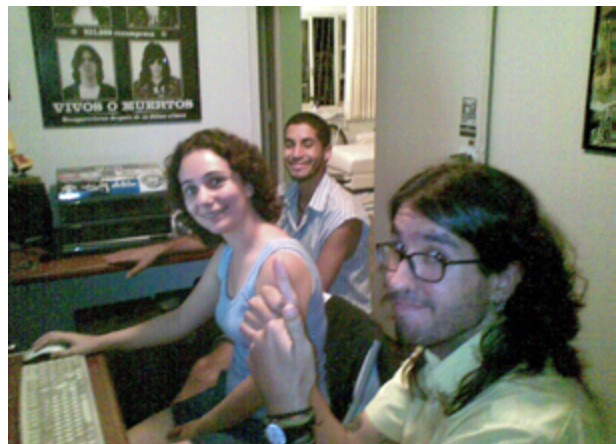


## Grupo se reúne para pensar a prática da comunicação livre e comunitária





Diferentes oficinas e eventos mobilizaram a comunidade interna e externa à UnB: festas, tutorial para fazer blog, rádio rua com caixas de som, gravação de spots de conscientização e atividades da disciplina Comunicação Comunitária



Ralacoco: registros de uma experiência radiofônica livre







Ralacoco: registros de uma experiência radiofônica livre



## Participantes se engajam na produção de podcasts

 **podcastakata** • Seguir  
Katacumba - Icc Norte - Unb



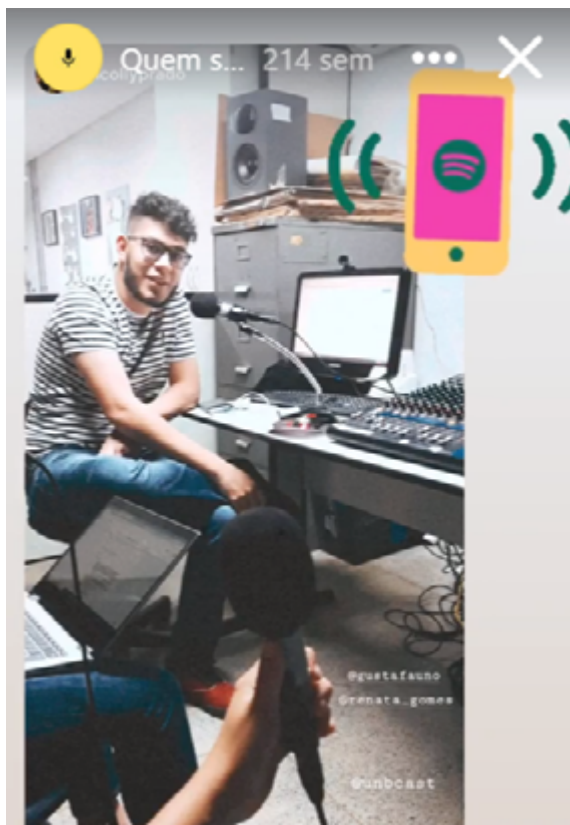
 **vozindigena** • Seguir  
UnB - Universidade de Brasília



 **divadasduas** • Seguir



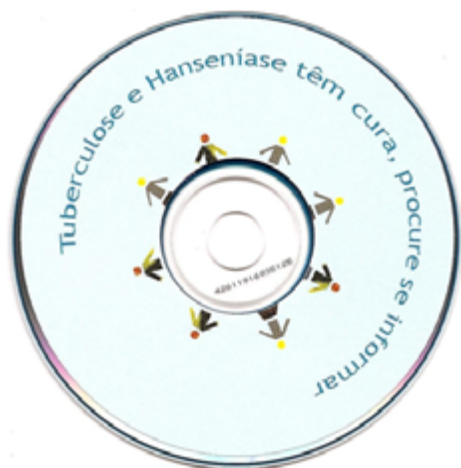
@papounbes



As marcas elaboradas para o coletivo (a debaixo foi criada pela agência júnior Doisnovemeia).



Spots de rádio produzidos com o projeto Comunicação Comunitária.



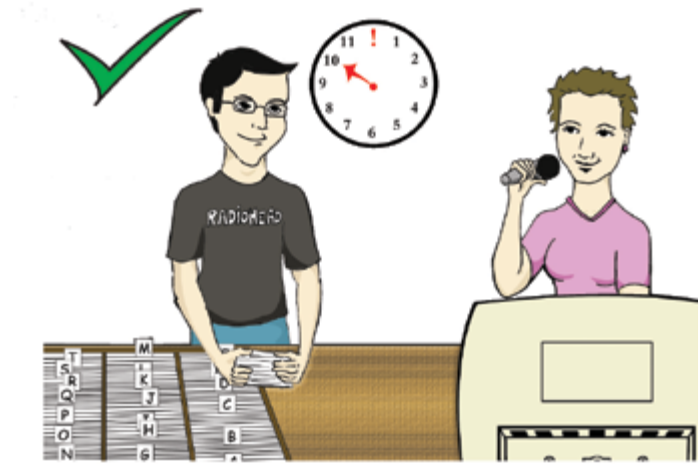
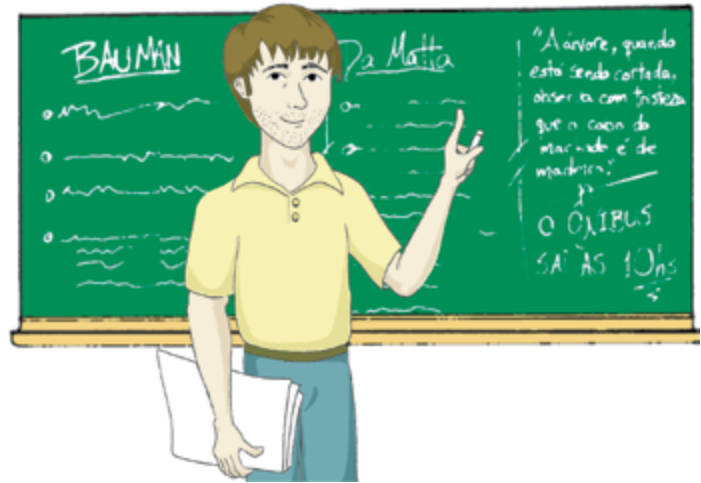
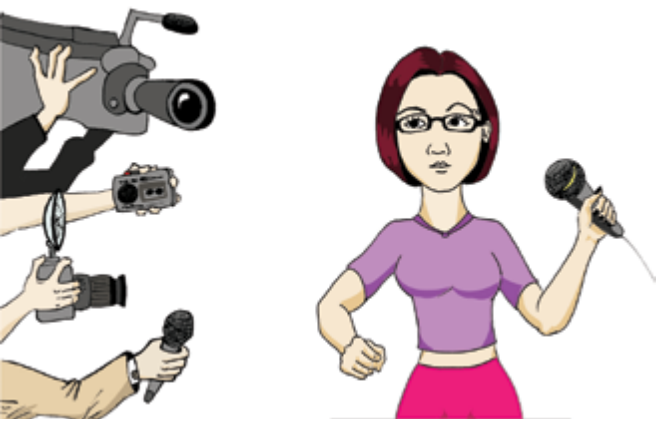
1. Apresentação (52")
2. Rap de combate à tuberculose (50")  
(Sobrevivências nas Ruas)
3. Spot. Menina chegando em casa (35")
4. Spot. Poesia Manuel Bandeira (29")
5. Spot. Conversa telefônica (54")
6. Spot. Consultório Médico (45")
7. Spot. Febre no final da tarde (16")
8. Spot. Tosses constantes (16")
9. Rap "Contra a hanseníase, informação é solução" (1'22")
10. Spot. Casal vai ao médico (35")
11. Spot. Encontro de dois amigos (38")
12. Spot. Se você perceber manchas (17")

Realização e Apoio:

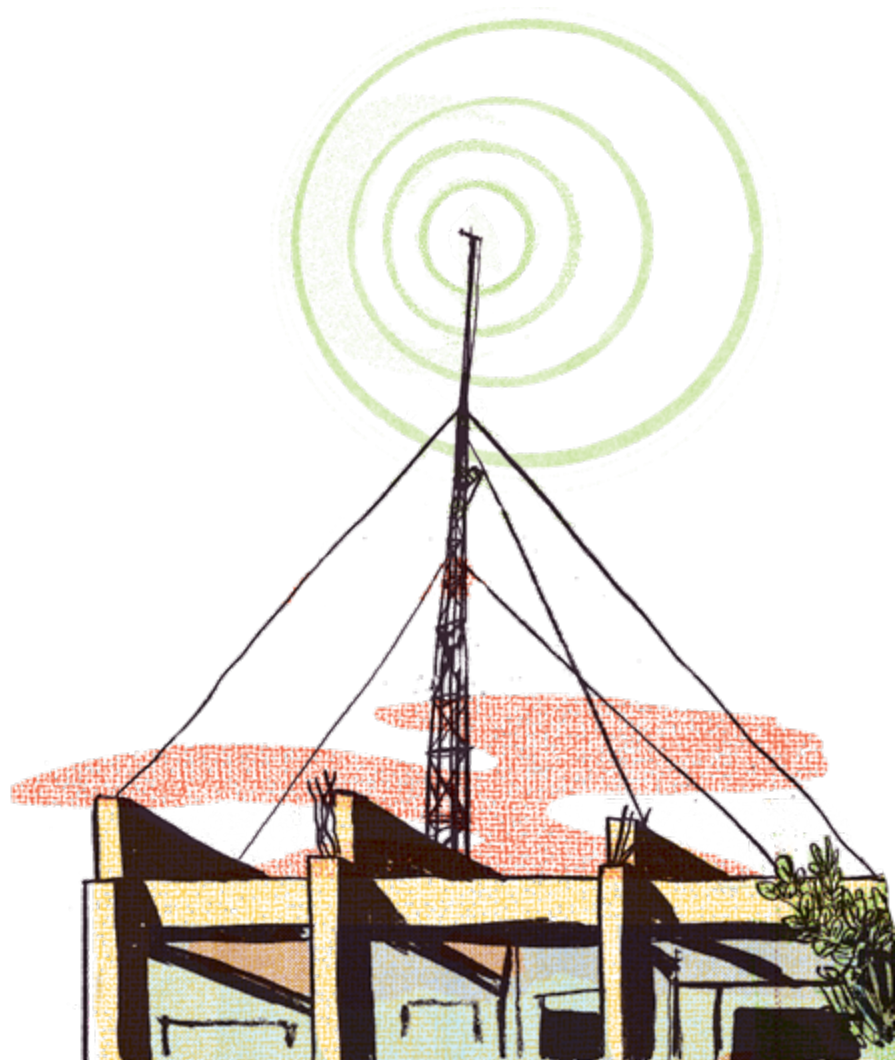


Tuberculose e Hanseníase têm cura, procure se informar

Ilustrações do Rodrigo Bernardes para a cartilha da Ralacoco







**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ralacoco [livro eletrônico] : registros de uma  
experiência radiofônica livre / organização  
Jairo Faria Guedes Coelho, Juliana Soares  
Mendes, Milena dos Santos Marra. --  
Brasília, DF : FAC Livros, 2024.  
PDF

ISBN 978-85-93078-59-0

1. Comunicação 2. Movimentos sociais 3. Rádio  
I. Coelho, Jairo Faria Guedes. II. Mendes, Juliana  
Soares. III. Marra, Milena dos Santos.

24-198137

CDD-302.2344

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Rádio : Linguagem : Comunicação : Sociologia  
302.2344

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Um pouco mais de duas décadas após a sua criação, o coletivo Ralacoco continua se reinventando e produzindo comunicação livre, alternativa e educativa dentro da Universidade de Brasília. Várias gerações de estudantes, técnicos, professores e representantes de diferentes comunidades passaram pela iniciativa, que deixou sua marca em outros projetos do Distrito Federal.

Diversas tecnologias e descritivos acompanharam a Ralacoco: rádio FM, emissora web e podcast. O livro “Ralacoco: registros de uma experiência radiofônica livre” oferece entrevistas e ensaios sobre as práticas desenvolvidas com muita paixão nesse espaço. Com apoio do FAC-Livros e do Fundo de Apoio à Cultura do DF, a publicação chega gratuitamente para quem se interessa por outras comunicações possíveis.



Esta publicação foi realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal